



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL UNIDADE
UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

WALDIR CEZARETTI DE FREITAS

**UM ESTUDO DA LÍRICA EM *DEVANEIOS* DE LUIZ FEITOSA
RODRIGUES**

**Campo Grande - MS
2019**

WALDIR CEZARETTI DE FREITAS

**UM ESTUDO DA LÍRICA EM *DEVANEIOS* DE LUIZ FEITOSA
RODRIGUES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Orientadora: Professora Dr^a Susylene Dias de Araujo.

Área de concentração: Linguagem: língua e Literatura

**Campo Grande - MS
2019**

F938e Freitas, Waldir Cezaretti.

Um estudo da lírica em *Devaneios* de Luiz Feitosa Rodrigues/ Waldir Cezaretti de Freitas. – Campo Grande, MS: UEMS, 2019.

123 p.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dra. Susylene Dias de Araujo.

1. Estudo da lírica 2. Lírica poética 3. Registro e identidade
I. Araujo, Susylene Dias de II. Título

CDD 23. ed. - 869.1

WALDIR CEZARETTI DE FREITAS

**UM ESTUDO DA LÍRICA EM *DEVANEIOS* DE LUIZ FEITOSA
RODRIGUES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Susylene Dias de Araujo (Presidente)
COC - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Altamir Botoso (Titular)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Profa. Dra. Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi (Titular)
FACALE - Faculdade de Comunicação, Artes e Letras
Universidade Federal da Grande Dourados/UGD

Prof. Dr. Marcio Antonio de Souza Maciel (Suplente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande 23 de abril de 2019.

À memória de Luiz Feitosa Rodrigues, poeta corumbaense.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua luz e sua presença, constante em minha vida.

Aos meus pais, que mesmo de longe, me incentivaram.

Aos familiares.

À professora Susylene Dias de Araujo, que, como orientadora e amiga, soube cobrar e também não mediu esforços para oferecer todas as condições necessárias à realização deste trabalho.

A todos os professores e funcionários do Curso de Mestrado em Letras, que, de uma forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos colegas de mestrado, pelo apoio técnico e moral recebido durante o desenvolvimento deste trabalho.

Aos amigos, pelo incentivo no qual contribuíram, direta ou indiretamente, durante todo o processo de pesquisa e conclusão deste trabalho, com palavras de incentivo e carinho.

A todos um abraço fraterno de gratidão.

Ainda sinto o calor como raio de saudade dentro do meu coração...

Luiz Feitosa Rodrigues

FREITAS, W.C. Um estudo da lírica em *Devaneios* de Luiz Feitosa Rodrigues. 2019.123f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/ MS, 2019.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a lírica na poética de Luiz Feitosa Rodrigues em sua obra *Devaneios*, (1950). Nesta obra o poeta corumbaense, expressa suas paixões, homenagens, lugares e amores em sonetos, versos e rimas e congrega em seus textos com forte tendência ao enfoque do “eu-lírico”, subjetividade e dinâmica de uma estética própria. No repertório, maturidade, intensidade, organização e grandeza são constantes. Ao longo dos três capítulos deste trabalho, demonstraremos que os poemas apresentam, de forma particular, a associação de sentidos, o cotidiano, enquanto modo de construir as contrametáforas. Significativamente esses temas são pontos que emanam de suas concepções parnasianas e simbolistas que fazem de sua expressividade uma viagem de intenso conflito entre o amor, a vida, a morte, o sobrenatural, as honras marcantes e as datas comemorativas. Em *Devaneios* a exposição de uma jornada na qual os predicados e méritos são resultantes das experiências dos relatos de um poeta lírico.

Palavras-chave: Luiz Feitosa Rodrigues; Literatura Sul-Mato-grossense; Lírica; Devaneios.

FREITAS, W.C. The study lyrics of *Devaneios* Luiz Feitosa Rodrigues. 2019.123p. Dissertation (Master in Letters) – State University of Mato Grosso do Sul, Campo Grande/ MS, 2019.

ABSTRACT

This study deals with the lyric poetics of Luiz Feitosa Rodrigues, among his works is them "*Devaneios*", (1950). Work of the Corumbá poet in which his passions are expressed together with homages, places, loves in sonnets, verses and rhymes. It congregates in his texts, a strong tendency in the "I-lyrical" approach, with subjectivity and dynamics in its aesthetics. In the repertoire maturity, intensity, organization and greatness are constant. Throughout the three chapters of this work, we will demonstrate that the poems present, in a particular way, the association of the senses, the quotidian, as a way of constructing the countermetaphores. Significantly, these themes are points that emanate from their Parnassian and symbolist conceptions that make their expressivity a journey of intense conflict between love, life, death, the supernatural, the outstanding honors and commemorative dates that make of a journey in which the predicates and merits are the result of the experiences of a lyric poet's account.

Keywords: Luiz Feitosa Rodrigues; Sul-Mato-grossense Literature; Lyrics; Devaneios.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Capa original da obra <i>Devaneios</i>.....	16
FIGURA 2: Dedicatória.....	17
FIGURA 3: Planta de povoação de N.S. da Conceição de Albuquerque.....	53
FIGURA 4: Planta da cidade de Corumbá.....	54
FIGURA 5: Imagem da página 24 e 25 da obra <i>Devaneios</i> com os títulos de São João e Simbolismo.....	61

LISTA DE CARTAS

Carta de Pedro de Medeiros.....	67
Carta do poeta Da Cruz.....	68
Carta de Alonso Quintana Cônsul paraguaio.....	69
Carta de José Nonato.....	70
Carta do Jornal Folha da Manhã.....	71
Carta de Ulysses Cuiabano.....	72
Carta da Revista Academia Mato-grossense de Letras.....	73
Carta de Alceste Castro.....	75

LISTA DE SIGLAS

ACIC - Associação Corumbaense de Incentivo a Cultura

ACL - Academia Corumbaense de Letras

ACTA - Associação Corumbaense de Teatro Amador

ALH CG - Academia de Letras e História de Campo Grande

ALEC - Academia de Literatura e Estudos de Corumbá

AML – Academia Mato-grossense de Letras

ASL - Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

COC – Coordenador de Curso

FACALE - Faculdade de Comunicação, Artes e Letras

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHG MS - Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul

NCL - Núcleo Corumbaense de Letras

PEC - Poetas Estudantis de Corumbá

SSCH – Seleta Sociedade Caritativa e Humanitária

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1: Capa original da obra <i>Devaneios</i>.....	101
ANEXO 2: Dedicatória.....	102
ANEXO 3: Poesia “Nas volutas do fumo”.....	103
ANEXO 4: Poesia “Romântica”	104
ANEXO 5: Poesia “Quando ela passa”	105
ANEXO 6: Poesia “Na montanha”	106
ANEXO 7: Poesia “Poeira”	107
ANEXO 8: Poesia “A minha rua”	108
ANEXO 9: Poesia “A minha rua”	109
ANEXO 10: Poesia “Saudação”.....	110
ANEXO 11: Poesia “Clarinada”.....	111
ANEXO 12: Poesias “Jasmineiros” e “Soneto”.....	112
ANEXO 13: Poesias “Recordações” e “Súplica”.....	113
ANEXO 14: Posias “Noite de São João” e “Simbolismo”.....	114
ANEXO 15: Poesia – “O castelo abandonado”.....	115
ANEXO 16: Poesia – “13 de junho”.....	116
ANEXO 17: Poesia – “Rui Barbosa” e Referências a <i>Inspirações</i>.....	117
ANEXO 18: Carta – Folha da Manhã.....	118
ANEXO 19: Carta de Pedro de Medeiros.....	119
ANEXO 20: Carta do poeta Da Cruz.....	120
ANEXO 21: Carta de Alonso Quintana – Consul paraguaio.....	121
ANEXO 22: Carta de José Nonato Farias.....	122

ANEXO 23: Carta de José Nonato Farias.....	123
ANEXO 24: Bibliografia – Ulysses Cuiabano.....	124
ANEXO 25: Fim – Revista Mato-grossense de letras.....	125
ANEXO 26: Índice.....	126
ANEXO 27: Capa final.....	127

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
CAPÍTULO I A POESIA LÍRICA: ARGUMENTOS E REFLEXÕES.....	18
1.1 O sentimentalismo de uma geração	23
1.2 A lírica entre métodos, tons e ritmos.....	29
1.3 A poesia na tradição da literatura brasileira	35
CAPÍTULO II A HISTORIGRAFIA LITERÁRIA COMO NARRATIVA DE UM GRANDE MATO GROSSO.....	42
2.1 MT e MS “torrões” literários do Brasil.....	43
2.2 Precedentes literários de uma divisão: MT/MS.....	46
2.3 Ocorrências e feitos poéticos em Corumbá.....	52
CAPÍTULO III LUIZ FEITOSA RODRIGUES: UM CORUMBAENSE NO TERRITÓRIO DA POESIA	59
3.1 A crítica epistolar e a poesia de Feitosa Rodrigues	66
3.2 A poética de Luiz Feitosa Rodrigues entre tragos, palavras, paixões, e outras temáticas.....	76
3.3 A poesia de Luiz Feitosa Rodrigues entre o passado e o presente.....	89

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS.....	98
ANEXOS.....	100

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O interesse por esta pesquisa tem origem na leitura da obra *Devaneios* (1950) e do poema *Hino da cidade de Corumbá* que tem como autor o poeta Luiz Feitosa Rodrigues, natural de Corumbá, MS. Consta nesta cidade nome de uma das principais ruas¹ do centro e de uma escola², relacionados a este poeta. O objetivo do estudo é uma investigação acerca da linguagem poética de Feitosa Rodrigues, figura importante na historiografia literária do antigo Mato Grosso, representativo na geração de 1940.

Luiz Feitosa Rodrigues, poeta, jornalista, orador, professor e funcionário público. Na mocidade, levado pelas leituras precipitadas de Renan, Darwin, Rousseau, Voltaire Haeckel, ficou com a liga dos hereges que, no cenáculo da "Geladinha", um velho bar da cidade. Mas o seu pensamento buscou novos rumos. E as suas novas tendências filosóficas fizeram com que ele se desvencilhasse dos compromissos carbonários, e o iconoclasta tornou-se um escriba maravilhoso, que viveu para os livros e para a educação dos jovens. Não abdicou de sua filosofia ocultista, mas soube conviver com todas as religiões, acatando-as, respeitando-as com unção, deixando transparecer nos seus poemas a translúcida fé e o misticismo dos monges dos conventos medievais. Despido dos primitivos arroubos da mocidade, místico, dedicou-se ao magistério, ensinando língua portuguesa e história no ginásio "Maria Leite".

Literatura Corumbaense
(CASTRO p. 26, 1981).

A obra de Luiz Feitosa Rodrigues destaca-se por possuir uma linguagem livre, sublime e elaborada sob um afã refinado com amores, entre outras temáticas com paixões, folclores, homenagens e festas tradicionais. A riqueza de detalhes e os diversos temas propostos pelo autor apresentam caráter universalista, do qual observa-se a sentimentalidade, o sobrenatural e suas lembranças. *Devaneios* (1950) é obra composta por sonetos e versos, que alcançam resultado positivo e eloquente, devido a riqueza de imagens e detalhes que a compõe. *Devaneios* nos faz viajar no tempo transportando-nos para os dias em que os poemas refletiam a presença do Rio Paraguai³ em versos. Para efeito de organização da dissertação, dividimos o trabalho em três capítulos precedidos de considerações iniciais e concluídos por nossas considerações finais. O primeiro capítulo, intitulado “Poesia: Argumentos e reflexões”, apresenta um estudo teórico

¹ - A Rua Luiz Feitosa Rodrigues, situa-se no lado oeste da cidade de Corumbá, MS.

² - Escola Municipal Luiz Feitosa Rodrigues, situada na Avenida General Rondon, 266, Centro de Corumbá, MS.

³- Rio Paraguai é um curso de água da América do Sul que banha quatro países. Nasce no município de Alto Paraguai no estado brasileiro do Mato Grosso e banha também o estado do Mato Grosso do Sul, sendo afluente do rio Paraná. Área da bacia: 365.592 km², comprimento: 2.621 km. (*História de Corumbá*, SOUZA, s/d).

sobre a poesia a partir da literatura de Hugo Friedrich em *Estrutura da Lírica Moderna* (1978), Octavio Paz em *O Arco e a Lira* (1982), Norma Goldstein em *Versos, Sons e Ritmos* (2011), Alfredo Bosi em *O Ser e o Tempo da Poesia* (1977). No segundo capítulo, “A historiografia literária como narrativa do antigo Mato Grosso”, contendo nomes, produções literárias e poéticas de autores mato-grossenses e sul-mato-grossenses que serão apresentados promovendo uma relação com seus contemporâneos. No terceiro capítulo “Um corumbaense no território da poesia”, faremos uma investigação sobre a essência da poética de Luiz Feitosa Rodrigues e as questões mais específicas em torno de sua expressividade. Também citaremos os autores de sua geração, mostrando os valores culturais e os talentos que marcaram esse período.

A poesia é a memória feita imagem e está convertida em voz. A outra voz não é a voz do além-túmulo: é a do homem que está dormindo no fundo de cada homem. Tem mil anos e tem nossa idade e ainda não nasceu. É nosso avô, nosso irmão e nosso bisneto. (PAZ, 1982).

A poesia é uma forma literária em que a subjetividade e o lirismo apresentam diversos elementos inerentes ao ser humano. O poeta corumbaense Luiz Feitosa Rodrigues escreveu a partir da estética poética modernista, na qual mantém o ritmo e a imagem, apresentando sequências quase descritivas nos diversos temas apresentados. Seu gênero poético nos apresenta elementos que suscitam a curiosidade do leitor em pesquisar e de se envolver pelas trilhas da poesia, com o propósito de conhecer e manter a poesia viva de caráter universal. Em sua obra constam elementos de uma poética bastante pessoal, com predomínio de imagens da mulher amada, do “eu-lírico”, metáforas, subjetividades, paixões e amores. Ademais, Feitosa ressalta em sua poética efeitos interessantes e expressivos, fatores que nos acolhem e envolvem em sua literatura.

Não existe nada mais evasivo e indefinível do que o poético. A força de acompanhar os substantivos contrários, este adjetivo parece vazio de conteúdo. Flutua, sem que nada o sustente, à deriva, não vai a lugar algum, exceto, é claro, ao encontro de si mesmo. O adjetivo o arranca de suas referências habituais e o confronta consigo mesmo, com seu próprio ser, para que seja mais plenamente. (PAZ, 1982, p.11).

Podemos observar que o fazer poético torna-se evasivo na medida em que a percepção não encontra respaldo na compreensão. A poética se intensifica com todos seus efeitos quando há combinação idiossincrática. Esse conhecimento proporciona a absorção informativa dado que

estabelece o sincronismo do entendimento e da compreensão. Comumente, os poetas trazem, no bojo de suas palavras as manifestações humanas e estas emoções transformam-se em sons, imagens e cores. O contexto e a profundidade da poética de Luiz Feitosa Rodrigues nos levam a apreciar a originalidade de um conflito estabelecido entre o sentido real e o ficcional, paradoxo cuidadosamente instituído por memórias, festas da cidade e lembranças da infância. Luiz Feitosa Rodrigues apresenta em *Devaneios*, lírica abstrata, etérea, íntima, temáticas que se fundem e associam às paixões, homenagens, como também, pessoas e amores. Desse modo, faz com que atravesse o tempo, não sendo uma escrita circunscrita, mas sim de cunho universalista.

A arte, e, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade. Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, (CANDIDO, 1989, p. 53).

Devaneios, obra de 1950, foi editada uma única vez. Nosso acesso à referida edição foi restrito. Publicada pela tipografia e editora Trouy, no tempo em que Corumbá pertencia ao Estado de MT, a obra foi composta por 17 poemas espalhados por 46 páginas seguidas das referências e notas escolhidas pelo autor. Para tal edição consideramos como uma característica curiosa da época a edição trazer a rubrica da cidade de Corumbá na capa e ter sido impressa pela tipografia Trouy de Campo Grande, cidade que mais tarde se tornaria a capital de MS.

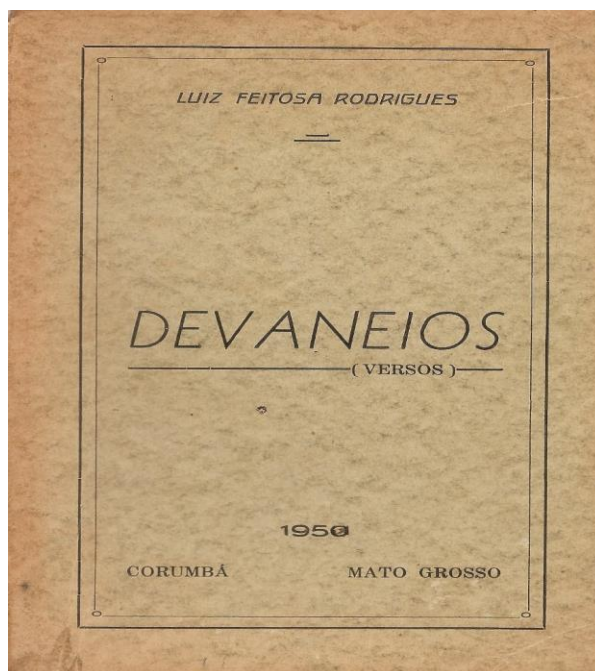


Fig. 1

Nas páginas iniciais a dedicatória aos pais e irmãos do poeta, como se observa na imagem a seguir:

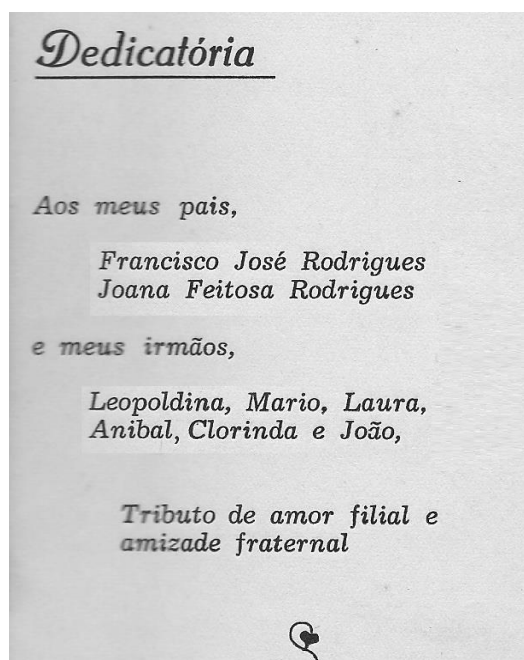


Fig. 2

Na sequência, os títulos “*Nas volutas do fumo*” na página 3, “*Romântica*” página 5, “*Quando ela passa*” página 7, “*Na montanha*” página 9, “*Poeira*” página 11, “*A minha rua*” página 13, “*Saudação*” página 16, “*Clarificada*” página 18, “*Jasmineiros*” página 20, “*Soneto*” página 21, “*Recordações*” página 23, “*Noite de São João*” página 24, “*Simbolismo*” página 25, “*O castelo abandonado*” página 26, “*13 de junho*” página 28, “*Rui Barbosa*” página 30, formam o conjunto da obra.

CAPÍTULO I

POESIA: ARGUMENTOS E REFLEXÕES

Antonio Candido, em *Iniciação à Literatura Brasileira* (1999), discorre, em seu segundo capítulo, acerca da maior receptividade ao texto poético, por parte de públicos, embora débeis e pouco numerosos, no intuito de definir uma articulação do fenômeno literário. Esta foi a importância decisiva do século XVIII, cuja base é o movimento das Academias e cujo coroamento será a plena consciência de autonomia no século XIX. A Academia dos Renascidos, fundada em 1759 na Bahia, apresenta um significativo elemento novo: ela recruta sócios no Sul, mostrando que começava a haver articulações entre os homens cultos. (CANDIDO, 1999, p. 29). O sentido literário promove a técnica de compor e expor textos escritos desde os primórdios em que as civilizações começaram a registrar seus desenhos em rochas e cavernas. O exercício da técnica escrita resulta em textos que formam comunicação e daí o princípio eloquente das rimas e cadências cantada e medidas na sua composição.

Nessa perspectiva o ato de transmitir inúmeras situações torna-se fértil e compensador. A palavra Literatura vem do latim "litteris" que significa "Letras", e possivelmente uma tradução do grego *grammatikee*. Em latim literatura significa uma instrução ou um conjunto de saberes ou habilidade de escrever. A sua orientação, segundo o crítico literário, ainda cabe dentro do espírito retórico. A poesia, em diversas doutrinas literárias, faz-se presente nas marcantes obras com seus respectivos autores, haja vista o *Trovadorismo*⁴, período áureo de produção literária da Idade Média, marcado pelas cantigas, que se realizavam cantadas e acompanhadas de músicas.

Continua o autor que, depois de um tempo, as cantigas deixaram de existir e foram substituídas por poesia elaborada, que deixou de ser cantada e passou a ser escrita. As poesias denominadas *Cantiga de Amor* se restringiam aos palácios e às pessoas mais nobres e cultas. Por isso, esse tipo de poesia era chamado de poesia palaciana. Ou seja: no Trovadorismo, as poesias

⁴ – Trovadorismo - Foi um movimento literário e poético que surgiu na Idade Média no século XI. Foi o primeiro movimento literário da língua portuguesa, pois dele surgiram as primeiras manifestações literárias. As cantigas são os principais registros da época, tradicionalmente divididas em cantigas de amor, de amigo, escárnio e maldizer. (GAY, P. O Modernismo 2009).

eram cantadas (cantigas) pelos trovadores. Cantigas de amor: o trovador confessa, de maneira dolorosa, a sua angústia, nascida do amor que não encontra receptividade. O eu-lírico desses poemas se revela, às vezes, na forma de um apelo repetitivo, no qual não há erotismo, mas amor transcendente, idealizado, como descrito abaixo na *Cantiga de Amor* de Pero Garcia Buralês:

Ai eu coitada! E por que vi!
 A dona que por meu mal vi!
 Ca Deus lo sabe, poila vi!
 Nunca já mais prazer ar vi!
 Cá de quantas donas eu vi!
 Tão boa dona nunca vi!
 [...]

(Cancioneiro ed. Carolina Michaelis de Vasconcelos, 1904. 2 v).

Candido (1999) descreve que, no Humanismo, a poesia é considerada palaciana, (Poesia Lírica). Humanismo, Teocentrismo, Antropocentrismo heliocêntrica e o Racionalismo marcam época de grandes avanços científicos e culturais. Constituem, por conseguinte, poemas mais elaborados do que as cantigas do Trovadorismo. É caracterizada por redondilhas, ambiguidades, aliterações, assonâncias, figuras de linguagem.

Exemplo de poesia produzidas durante o período humanista:

Meu amor, tanto vos amo.
 Que meu desejo não ousa.
 Desejar nenhuma cousa.
 Porque, se a desejasse.
 Logo a esperaria.
 E, se eu a esperasse.
 Sei que vos anojaria.
 Mil vezes a morte chamo.
 E meu desejo não ousa.
 Desejar-me outra cousa.
 (Conde Vimioso).

(Cancioneiro ed. Carolina Michaelis de Vasconcelos, 1904. 2 v).

A visão da mulher continua sendo idealizada, porém existe mais sensualidade e intimidade. Os sentimentos do “eu-lírico” são mais aprofundados. É um período no qual o ser humano procura se valorizar mais, ou seja: o domínio da Igreja Católica é substituído pelas decisões dos grupos, reinos e impérios. Destaque para Galileu, que provou a teoria, dizendo que o sol é o centro do sistema planetário e, assim, o homem passa a ser mais racional.

Crônicas de Fernão Lopes, relatavam os acontecimentos históricos de Portugal. Fernão Lopes soube conciliar os fatos históricos às técnicas de narração com qualidade literária.

Suas principais obras foram: "*Crônica d'El-Rei D. Fernando*⁵" e "*Crônica d'El-Rei D. João I*⁶". Gil Vicente, início do teatro leigo (desvinculado do teatro cristão). Teatro rústico e primitivo, que critica o homem e os seus costumes com o propósito de reformá-los (teatro moralizante e reformador). Destaques: "Auto da Barca do Inferno", "Auto da Lusitânia", "Farsa de Inês Pereira":

Amor o quis assim.
 Agravos de Colopêndio.
 Pois Amor o quis assim.
 Que meu mal tanto me dura,
 Não tardes triste ventura,
 Que a dor não se dói de mim.
 (Gil Vicente).
 (Cancioneiro ed. Carolina Michaelis de Vasconcelos, 1904. 2 v).

A temática é explicitada, quase sempre, por meio do verbal. O jogo de palavras, o equívoco, que usa de maneira semelhante à de seus mestres espanhóis: Góngora, Quevedo Poetas, dramaturgos religiosos castelhanos. Exponentes da literatura do "Siglo de Oro". Como expressão do espírito barroco, Gregório compõe o seguinte soneto acerca da inconstância dos bens do mundo:

Nasce o sol, e não dura mais que um dia.
 Depois da luz se segue a noite escura.
 Em tristes sombras morre a formosura.
 Em contínuas tristezas a alegria.
 Porém se acaba o sol, por que nascia?
 Se formosa a luz e, por que não dura?
 Como a beleza assim se transfigura?
 Como o gosto da pena assim se fia?
 Mas no sol, e na luz, falta a firmeza.
 Na formosura não se dê constância.
 E na alegria sinte-se tristeza.
 Começa o mundo enfim pela ignorância.
 E tem qualquer dos bens por natureza.
 A firmeza somente na inconstância. (MATOS, 1998, p. 60).
 (Cancioneiro ed. Carolina Michaelis de Vasconcelos,
 1904. 2 v).

⁵ - *Crônica d'El-Rei D. Fernando*: É um registo histórico de tipo crónica escrita por Fernão Lopes abarcando o período de tempo correspondente ao reinado de D. Fernando, de cognome o Formoso ou o Inconstante, reinado que decorreu entre 1367-1383. *A Crónica de D. Fernando* deve ter sido escrita, ao menos parcialmente, entre 1436 e 1443.

⁶ - *Crônica d'El-Rei D. João I*: É um registo histórico do género crónica escrito por Fernão Lopes abarcando o período de tempo correspondente ao reinado de D. Pedro I de Portugal, de cognome o Justiceiro, ou o Cruel, que decorreu entre 1357 e 1367. *A Crónica de D. Pedro I* está dividida em quarenta e quatro capítulos sendo iniciada por um Prólogo. (GAY, P. O Modernismo 2009).

Candido aponta que, no soneto, o poeta discorre sobre a brevidade da vida, enquanto material, e demonstra a efemeridade do tempo, dos acontecimentos, e da existência. O sol pode ser compreendido como um termo que metaforiza o homem, representando a sua existência. A luz pode servir como uma metáfora para a vida em si. Matos personifica, no soneto, a formosura da vida, atribuindo-lhe a morte em tristes sombras, assim como a alegria em contínuas tristezas. Diversas características barrocas enriquecem os versos transcritos, como as antíteses e a inquietação transmitidas pelos questionamentos presentes. O último verso pode ser pensado como a descrição do que caracteriza o artista barroco: A firmeza somente na inconstância. A linguagem, um tanto dramática, remete ao uso dos termos opostos, como nas inversões dia e noite, Luz e sombra, alegria e tristeza, constância e inconstância. É interessante observar que, no soneto em questão, não há uso do termo “vida”. Aparecem termos que metaforizam a vida, ao contrário do que ocorre com a morte, que, mesmo metaforizada por outros termos (como a noite escura), acaba por servir de metáfora para personificar elementos abstratos. Inspirado na temática em análise, Gregório de Matos escreve o 2º Soneto a morte de Afonso Barbosa:

Alma gentil, espírito generoso.
 Que do corpo as prisões desamparaste.
 E qual cândida flor em flor cortaste.
 De teus anos o pâmpano viçoso.
 Hoje, que o sólio habitas luminoso.
 Hoje, que ao trono eterno te exaltaste.
 Lembra-te daquele amigo a quem deixaste.
 Triste, absorto, confuso e saudoso.
 Tanto tua virtude ao céu subiste.
 Que teve o céu cobiça de gozar-te.
 Que teve a morte inveja de vencer-te.
 Venceste o foro humano em que caíste.
 Goza-te o céu não só por premiar-te.
 Senão por dar-me a mágoa de perder-te.
 (Cancioneiro ed. Carolina Michaelis de Vasconcelos, 1904. V. 2).

Candido, em *Iniciação à Literatura Brasileira* (1999), apresenta em sua narrativa que o poema encontra sua total inspiração na morte do amigo do poeta. Estilizado sob características especificamente barrocas, traduz a mágoa do poeta pelo fato de ter perdido o amigo. Uma vez mais, a morte é personificada, sem nenhuma menção direta à vida, pela atribuição de sentimentos humanos à entidade abstrata: Que teve a morte inveja de vencer-te. A vida é metaforizada por prisões do corpo, pâmpano - ramo viçoso e foro humano. Além da personificação já citada, o poeta faz menção à morte por meio do corte do pâmpano viçoso.

Diferindo do soneto apresentado anteriormente, o termo luminoso, aqui, é utilizado para referir-se a algo não terreno, relacionado à eternidade, em detrimento da vida carnal. No soneto anterior, “Luz” referia-se à efemeridade, em contraposição à eternidade, à noite escura que segue. Os dois sonetos analisados, se comparados entre si, expressam as constantes dualidades e a inquietação do poeta barroco. A efemeridade e a eternidade travam um duelo mortal, vivificado na inconstância da arte desse período. A morte torna-se então a linha tênue em que os poetas insistem em equilibrar-se, cambaleando entre o divino e o terreno, entre o sacro e o profano.

O Período Romântico marca um movimento artístico, político e filosófico surgido nas últimas décadas do século XVIII na Europa que durou por grande parte do século XIX. O Romantismo foi para além da literatura, foi um movimento artístico e filosófico que surgiu no final do século XVIII na Europa, indo até o final do século XIX. A maior característica do Romantismo era a visão de mundo que se contrapunha ao racionalismo do período anterior (neoclassicismo). Candido afirma que os poetas escreveram sobre a natureza, a imaginação e a individualidade. Os transcendentalistas que foi marcado como um movimento filosófico e poético desenvolvido na América do Norte nas primeiras décadas do século XIX apresentou Immanuel Kant filósofo prussiano, amplamente considerado como o principal filósofo da era moderna, o kantiano então considerado como única realidade, ao mesmo tempo que expressava uma reação ao racionalismo e uma exaltação ao indivíduo nas relações com a natureza e a sociedade.

Os escritos góticos do século XVIII, na Inglaterra, com a obra O Castelo de Otranto (1764), de Horace Walpole. Costuma-se destacar, como algumas das principais características desse tipo de literatura, os cenários medievais (castelos, igrejas, cemitérios, florestas, ruínas), os personagens melodramáticos (donzelas, cavaleiros, vilões, os criados), os temas e símbolos recorrentes (segredos do passado, manuscritos escondidos, profecias, maldições) sobrepõem-se aos períodos romântico e vitoriano. Tudo isso permitiu que uma grande e educada classe média se desenvolvesse. Três grandes nomes do pensamento moderno foram forjados na época: Charles Darwin, Sigmund Freud e Karl Marx. Escritores de novelas góticas incluem os britânicos Radcliffe, Monk Lewis e vitorianos como Bram Stoker. Na América, escritores góticos incluem Poe e Hawthorne. A temática da morte em Álvares de Azevedo no Brasil, reflete no período romântico. Assim como tantos românticos, Álvares de

Azevedo foi uma das vítimas do mal do século, vivenciando o presságio da própria morte em leito poético, no qual expressou o que sentia como pôde, por poesia. Influenciado por Byron.

Entre os seus trabalhos mais conhecidos estão os extensos poemas narrativos Don Juan, A Peregrinação de Childe Harold e o curto poema lírico “She Walks in Beauty”. Byron é considerado um dos maiores poetas britânicos, e permanece vastamente lido e influente. Ele percorreu toda a Europa, especialmente Itália, onde viveu durante sete anos. No fim da vida, Byron juntou-se à Guerra de independência da Grécia contra o Império Otomano, motivo pelo qual muitos gregos reverenciam-no como um herói nacional. Morreu aos trinta e seis anos de idade de uma febre contraída em Missolonghi. Muitas vezes descrito como o mais extravagante e notório dos maiores poetas românticos, Byron foi tanto festejado quanto criticado em sua vida pelos excessos aristocráticos, incluindo altas dívidas, numerosos casos amorosos com homens e mulheres (como, por exemplo, com a meia-irmã da escritora Mary Shelley, Claire Clairmont), além de boatos de uma relação escandalosa com sua meia-irmã, auto-exílio e bissexualidade sendo também um dos primeiros escritores a descrever os efeitos da maconha. Por volta de 1845, o byronismo era um tipo de modismo entre os poetas e acadêmicos brasileiros de modo extremamente acentuado. Noite na Taverna, por exemplo, pode ser visto como um dos mais típicos produtos da influência byroniana no Brasil. A temática da morte era eleita entre os românticos, no caso, Álvares de Azevedo, como algo, até mesmo irresistível.

1.1 - O sentimentalismo de uma geração

Os poemas do período romântico têm seu início no ano de 1836 no Brasil. Expressam a morbidez com que os poetas inundavam seus pensamentos, como assevera Antonio Candido. A melancolia, o humor negro, o sarcasmo, o gosto da morte traçam a roda do grupo estudantil um círculo de isolamento que acentua, para o observador, o seu caráter de exceção na sociedade ambiente. É a típica tonalidade paulistana, difundida por todo o país, contribuição original desta cidade ao Romantismo brasileiro, ligada à pessoa e à obra de Álvares de Azevedo principalmente Macário e Noite na taverna. É uma obra cuja antologia de contos do autor ultrarromântico brasileiro Álvares de Azevedo sob o pseudônimo Job Stern. Foi publicada postumamente, em 1855, três anos após a morte de Azevedo. O livro é estruturado como uma narrativa moldura

contendo cinco contos (e também um prólogo e um epílogo, totalizando assim sete capítulos) narrados por um grupo de cinco rapazes se abrigando em uma taverna. É um dos mais populares e influentes trabalhos da ficção gótica na literatura brasileira. Diz-se que o livro foi fortemente inspirado pela obra de 1790 de *Noches lúgubres* do espanhol José Cadalso.

De maneira diferente do Barroco Antonio Candido faz uma relação com a morte e não apresenta como uma linha tênue entre o carnal e o divino. A temática acaba por pender, quase que totalmente para o lado carnal, humano. A morte não serve como meio, não possui a noção de transitoriedade que acaba sendo expressa pela arte barroca. De modo geral, para os poetas ultrarromânticos a morte é fim. Um fim melancólico para o pessimismo angustiante da vida. O modo sentimental e intimista, colorido ou não pelo pessimismo mais ou menos satânico, é um tom geral nesse tempo entre os poetas jovens (muitos dos quais mortos na quadra dos vinte anos), e isso os tornou populares numa sociedade sequiosa de emoções fáceis. Esses jovens poetas que se apresentavam como rejeitados pelas convenções e incompreendidos pela sociedade, foram paradoxalmente os mais queridos e difundidos no Brasil do século XIX, chegando às camadas modestas pela onda de recitais e serenatas que cobriu o país. (CANDIDO, 1999, p. 44). Entre as orgias descritas nas obras como *Noite na Taverna*, a figura da mulher relaciona-se com a temática proposta de modo muito específico. Condenada a dois tipos de destinos, a morte circunda ambos, tanto a virgem imaculada quanto a mais vulgar prostituta. O destino dramático, fruto do presságio da morte, é a constante nos poemas do autor. Condenado por alguns, por expressar uma realidade europeia, desvinculada da própria pátria, Álvares de Azevedo não perde, nem por isso, o título de um dos principais expoentes da literatura brasileira do período, chegando ao ponto de ser considerado o poeta mais interessante do Romantismo brasileiro. Enquanto representante da esfera espiritual e da morbidez romântica, Álvares de Azevedo, uma espécie de menino-prodígio morto aos vinte anos, antes de terminar seus estudos de direito, constitui exemplo claro de manifestação e concretização da temática da morte em sua obra, mesmo que essa seja inicialmente composta pela mistura de textos acabados, rascunhos, fragmentos, aos quais faltaram a seleção e o polimento do autor.

Candido afirma que a temática, em Álvares de Azevedo, se desenvolve em meio ao intuito de se criar a contradição e o choque de tonalidades, próprios do Romantismo. Impregnado de Shakespeare, Byron, Hoffmann, Heine, Musset e obcecado pelas contradições do espírito e da sensibilidade, o poeta remete à morte como fim da angústia presente em vida, como cura da

inquietação espiritual que permeia a vida carnal. O poema, se eu morresse amanhã, exemplifica a constante obsessão em cantar a morte, um tema constante no Romantismo:

Eu perdera chorando essas coroas.
 Se eu morresse amanhã!
 Que sol! Que céu azul! Que doce n'alva.
 Acorda a natureza mais louçã!
 Não me batera tanto amor no peito.
 Se eu morresse amanhã!
 Mas essa dor da vida que devora.
 A ânsia de glória, o dolorido afã.
 A dor no peito emudecera ao menos.
 Se eu morresse amanhã! (AZEVEDO, 1982, p. 51).

De acordo com Candido, esse poema é um dos mais famosos do poeta, escrito trinta dias antes de sua morte e lido no dia de seu enterro por Joaquim Manoel de Macedo, nele se contrastam as belezas e as dores da vida, sendo que tudo findaria pela suposição da morte. As duas últimas estrofes refletem essa relação contraditória a qual a morte é capaz de findar. “Em uma delas o poeta enobrece a natureza, o céu, o sol, como que se moldasse tal descrição em contraposição à estrofe seguinte. Por fim, a dor da vida que devora remete à ideia da morte, sequenciada desde o título por todas as estrofes do poema”. (CANDIDO, 1999, p. 29). Sobre a organização do poema, pode-se pensar que a primeira e última estrofe são introduzidas por meio de um tom pessimista. “Se eu morresse amanhã, mas essa dor da vida que devora. Por sua vez, os versos que introduzem a segunda e terceira estrofe. Quanta glória pressinto em meu futuro! Que sol! Que céu azul! Que doce n'alva não retratam, diretamente, aspectos pessimistas, porém, acabam por conduzir os efeitos de sentido a eles. É de extrema relevância o papel da morte na constituição do poema. Na última estrofe, a morte traduz a fugacidade da dor proporcionada pelo próprio existir”. Diferente dos poemas barrocos analisados, o poema acima faz uso do termo vida, por mais que o retome, metaforicamente, personificando sua significação por meio da mudez a qual a morte submete sua significação. No trecho selecionado, do poema “Lembrança de morrer”, Álvares de Azevedo reveste-se de morbidez, expressando a temática em análise do modo mais fúnebre possível:

Quando em meu peito rebentar-se a fibra.
 Que o espírito enlaça à dor vigente.
 Não derramem por mim nem uma lágrima.

Em pálpebra demente.
 E nem desfolhem na matéria impura.
 A flor do vale que adormece ao vento.
 Não quero que uma nota de alegria.
 Se cale por meu triste passamento.
 Eu deixo a vida como deixa o tédio.
 Do deserto, o poente caminheiro.
 Como as horas de um longo pesadelo.
 Que se desfaz ao dobre de um sineiro.
 Descansem o meu leito solitário.
 Na floresta dos homens esquecida.
 À sombra de uma cruz, e escrevam nela.
 Foi poeta sonhou e amou na vida.
 Sombras do vale, noites da montanha.
 Que minh'alma cantou e amava tanto.
 Protegeí o meu corpo abandonado.
 E no silêncio derramai-lhe canto!
 Mas quando preludia ave d'aurora.
 E quando à meia-noite o céu repousa.
 Arvoredos do bosque, abri os ramos.
 Deixai a lua prantear-me a lousa! (AZEVEDO, 1982, pp. 28-29).

O poema, segundo Antonio Candido, está intimamente ligado às perturbações do poeta romântico, à temática e à própria vida de Álvares de Azevedo. Na terceira estrofe, a vida é comparada às horas de um longo pesadelo e o dobre de um sineiro metaforiza a morte que romperia o pesadelo da existência. O último verso da próxima estrofe transcrita compõe o epitáfio do poeta. A morbidez da natureza é relemburada na sequência e enaltecida pela lembrança. A personificação também pode ser observada no verso em que o poeta pede a proteção às sombras do vale e à noite da montanha para o seu corpo abandonado, assim como no verso em que descreve o repouso atribuído ao céu, além de alguns outros. O poeta romântico, apesar de constantemente retratar a temática proposta remetendo ao clima europeu, traça a morte de um jeito brasileiro. (CANDIDO, 1999, p. 29). A inquietação que persiste entre o fúnebre e o sofrimento, conseqüente da existência, acomete na escolha frequente da morte como tema principal. A vida torna-se tormento na inquietude da alma, no desejo da virgem intocada, nos sonhos que compõem o pesadelo de existir. A morte nada mais é que o ponto final à ironia do sofrer em vida.

O Realismo, segundo Candido, é a moda dominante, mas a desilusão na poesia projetam na guerra mundial e leva a uma nova expressividade. Os poetas de vanguarda. Já no Brasil o modernismo com Manuel Bandeira, poeta, nascido em Recife, começou na poesia parnasiana, mas ficou marcado na literatura pela atuação no modernismo. “Os Sapos” foi um dos poemas que se destacaram na obra de Bandeira, principalmente por ter sido lido no início da Semana de

Arte Moderna. Possui uma relação íntima com a temática da morte. Bandeira conviveu com a certeza da morte por mais de sessenta anos. O modo moderno, de expressar a temática em questão, surge como reflexo da própria vida do poeta. Certo da morte que a tuberculose agravaria, Manuel Bandeira constrói sua poesia em meio às visitas da indesejada das gentes. Morre a irmã e pouco tempo depois o pai. A preocupação com a morte, antes inexistente, passa a perturbar a existência do poeta que, sozinho, consegue o amadurecimento na poesia. O corriqueiro da vida torna-se poesia em Bandeira. A morte para o poeta, infelizmente, faz parte das coisas cotidianas.

Mário de Andrade foi mais um a ausentar-se do poeta. Amigo de Bandeira, Mário auxilia o desabrochar da personalidade de Manuel Bandeira que é transcrita na sua poesia. Das primeiras influências ao contato com a jovem geração modernista, a poesia de Bandeira adquire as características daquilo de mais pessoal que pudesse compor. A morte, perseguindo Bandeira há tempos, o inspira a construir parte de sua obra de maneira primorosa. Sendo a morte a única certeza, resta a Manuel Bandeira o brincar com as palavras, com o cotidiano, com a incerteza do momento de ausentar-se, e com a falta desregrada de quem já se ausentou. Segundo Candido (1989, p. 75), Bandeira apesar de ter se formado na tradição dos parnasianos e simbolistas, não se prendeu ao passado, ao contrário, sua vontade de mudança proporciona o domínio rigoroso da linguagem, ao mesmo tempo em que lhe possibilita a prática das maiores liberdades.

O autor cita que o verso livre é uma das opções do poeta, que refaz, em sua poesia, a formalidade de maneira despojada. Manuel Bandeira é um dos raros revolucionários conservadores ou conservadores revolucionários capaz de atribuir a mais pura simplicidade aos temas consagrados e um tipo de ressonância misteriosa aos assuntos mais comuns. Trabalhando a musicalidade e o ritmo, Bandeira delinea o próprio amadurecimento em meio às perplexidades e angústias da vida. Familiarizado com a temática da morte no cotidiano, Manuel Bandeira, não somente expressa a temática em sua obra, mas convive com a morte no decorrer de grande parte da sua vida. Essa familiaridade no tratamento do amor, da morte, da natureza, da existência diária, faz da sua poesia experiência interior de cada um de nós, humanizando a vida sem nenhum sentimentalismo. Diferindo do poeta barroco, que trata da temática da morte sob a tensão a que está submetido e do poeta romântico, que encontra na morte o fim para as angústias em vida, Bandeira materializa em sua obra a incerteza do momento da ausência, da falta dos que se ausentaram. O modo como lida com o corriqueiro da vida faz com que sua escrita pareça

realizar a forma insubstituível. A morte, enquanto tema de inspiração para o poeta, acaba por permear todo o processo de humanização da vida em sua obra. Sobre o grande amigo que se ausentou, e ajudou-lhe a desabrochar sua personalidade, refletindo isso na obra poética, Bandeira escreve os versos: “Anunciaram que você morreu”:

Meus olhos, meus ouvidos testemunham.
 A alma profunda, não.
 Por isso não sinto agora a sua falta.
 Sei bem que ela virá (Pela força persuasiva do tempo).
 Virá súbito um dia.
 Inadvertida para os demais.
 Alguém perguntará em que estou pensando.
 Sorrirei sem dizer que em você.
 Profundamente.
 Mas agora não sinto a sua falta.
 É sempre assim quando o ausente.
 Partiu sem se despedir.
 Você não se despediu.
 Você não morreu: ausentou-se.
 Direi: Faz tempo que ele não escreve.
 Irei a São Paulo: você não virá ao meu hotel.
 Imaginarei: Está na chacinha de São Roque.
 Saberei que não, você ausentou-se.
 Para outra vida? A vida é uma só.
 A sua vida continua.
 Na vida que você viveu.
 Por isso não sinto agora a sua falta. (BANDEIRA, 1993, p. 63).

Candido expõe que Manuel Bandeira, no poema acima, refere-se à morte como se esta fosse a concretização da ausência, na falta do amigo. A vida é caracterizada pelo poeta como vinculada à materialidade dos fatos, ao presente, que, por sua vez, possui o seu fim na ausência: “Você não morreu: ausentou-se”. A efemeridade divide espaço de destaque com a perpetuidade do que foi vivido: “A vida é uma só”. A sua vida continua, na vida que você viveu. A lembrança revigora a vida passada: “Alguém perguntará em que estou pensando, sorrirei sem dizer que em você, profundamente”. As reminiscências duelam contra a ausência que resulta da morte. A poesia moderna, apesar da melancolia, retrata a morte sem romantizá-la. Bandeira não é fingidor, mesmo enquanto poeta. Sua poesia assemelhasse muito à sua existência. (CANDIDO, 1999, p. 29).

Os versos intitulados “consoada” dizem respeito, diretamente, à companheira de tantos anos, expectativa e presença constante em sua poesia, tema de reflexão que leva à consciência dos limites humanos. Quando a Indesejada das gentes chegar (Não sei se dura ou caroável). Talvez eu tenha medo. Talvez sorria, ou diga: Alô, iniludível! O meu dia foi bom, pode a noite

descer. (A noite com os seus sortilégios). No poema, dois aspectos configuram grande parte de suas possíveis significações. Um deles é a personificação da morte em a “Indesejada das gentes”, que adquire características humanas nos adjetivos que se seguem: dura, iniludível. O segundo aspecto se constitui do presságio da morte. Porém, o presságio de Bandeira difere da inquietação romântica. O verso encontrará lavrado o campo, a casa limpa. A mesa posta. Com cada coisa em seu lugar, expressam a preparação, fruto do amadurecimento do poeta. A vida, semelhante ao ocorrido nos demais períodos analisados, é metaforizada pelo termo dia, enquanto o termo oposto noite retoma a ideia proposta no início do poema. Apesar do reconhecimento da única certeza humana, os versos “talvez eu tenha medo”, “Talvez sorria”, demonstram a incerteza do poeta em relação aos sentimentos do porvir.

1.2 - A lírica entre métodos, tons e ritmos

A lírica moderna tem como força dissonante os paradoxos na sua expressividade. A ausência de tempo, o infinito, a conexão e a inconexão, muitas vezes, fogem à compreensão. De forma que a expressividade poética parece não ser de fácil entendimento. Contudo, abastecida de fontes férteis de magia, age profundamente, mesmo que a compreensão permaneça desassociada. Para Hugo Friedrich, conforme sua descrição na introdução do livro *Estrutura da Lírica Moderna* (1978), a mudança histórica do desenvolvimento da sociedade e o desabrochar do homem em busca de liberdade o levaram às seguintes reflexões:

A lírica moderna é como um grande conto de fadas, ainda nunca ouvido, solitário em seu jardim há flores, mas também pedras e cores químicas, frutos, e também drogas perigosas; é fatigante viver em suas noites e em suas temperaturas extremas. Quem é capaz de ouvir percebe nesta lírica um amor duro, que quer permanecer intacto e, assim, fala mais a confusão, ou ainda ao vazio, que a nós. (FRIEDRICH, 1978, p. 211).

Friedrich apresenta os aspectos da poesia moderna, classificando-os como um borbulhão de características pluriformes, percorrendo uma mescla de tensões e forças absolutas, com variáveis e diversos aspectos nos significados que se valem principalmente dos moldes de expressividades inserido no texto. Friedrich faz algumas considerações da poesia moderna,

expressando que esta não se restringe ao conteúdo, mas subentende-se como força das classes formais.

A lírica moderna como um novo conceito estético desponta mesclando o tradicional com o agressivo do passado. Ou seja, a mistura de uma nova expressividade comunicativa com traços tradicionais do parnasianismo e do simbolismo, tendências cuja singeleza deram passagem harmoniosamente para um novo expoente de ideologia poética. O modernismo.

Entende-se, com isso, o surgimento da modernidade como categoria evidente de fuga. Fuga das atribuições do mundo real, no qual o sujeito se sente sem condições para acreditar ou criar uma transcendência de conteúdo, dotado de sentido (FRIEDRICH, 1978, p. 58). Segundo Friedrich, na arte poética anterior à lírica moderna, a compreensão da poesia era mais fácil por tratar-se apenas de temas universalistas. Já a lírica moderna busca desvendar esse paradoxo do autor para com o leitor. Os poemas passam a ser complexos com traços sobrepujados e inquietantes, o que causa dissonância para seu receptor. Na estrutura da lírica moderna do século XX, ocorre a separação com a tradição literária, assim, a linguagem poética conquista novos rumos e liberdade de expressão. Nesse contexto, o poeta busca aprimorar a estética, utilizando a fantasia como forma de exprimir sem limites. O resultado mais importante da lírica moderna é a adequação do inconsistente às ideias e valores formais.

Hugo Friedrich reconhece Baudelaire⁷ como poeta da modernidade e justifica os valores positivos de sua composição reconhecendo o belo de sua criatividade e expressividade. De acordo com o crítico, Baudelaire compartilha de duas teorias poéticas que foram determinantes: a magia da linguagem, quando afirma que a forma é a origem do poema e que esta é capaz de transferir significados ao esclarecer o conteúdo. Sugere também que a fantasia, o sonho, a invenção, são fontes inesgotáveis de expressividades poéticas, comenta também que Edgar Allan Poe carrega o privilégio de ter separado a lírica do coração. Continua Friedrich, sobre Baudelaire, poeta francês, relatando que o poema é uma formulação concebida pela “capacidade de sentir a fantasia” e não como a “capacidade de sentir do coração”.

⁷ – Charles Pierre Baudelaire - Parisiense, além de ser evidentemente, um precursor de todos os grandes poetas simbolistas, Baudelaire é considerado pela maior parte dos críticos como o mais provável fundador da poesia dita moderna. Isto se deve ao fato de que, através da percepção do real, chegava sempre a um correlato objetivo para o sentimento que desejasse expressar. Literato que avançou as fronteiras dos costumes em sua época, lançou-se como crítico de arte no Salão de 1845, sempre buscando um princípio inspirador e coerente nas obras artísticas.

A capacidade da sutileza e da sensibilidade do coração faz com que ocorra uma abertura na qual a receptividade se amplia. Assim até o século XIX, a arte poética possuía uma linha comum idealizada e baseada nas situações e acontecimentos do cotidiano, já na poesia moderna, ocorre uma ruptura com a tradição literária, desta forma, a poética conquista a liberdade de exprimir sem limites (FRIEDRICH, 1978, p. 58). O poeta lírico escuta sempre o coração, a sensibilidade inspirativa do íntimo, os acordes da alma. Cria e reconquista o encantamento da imagem estagnada no interior do ser. Nesse sentido, Hugo Friedrich interpela que os textos poéticos seguem a pluralidade na medida em que ele próprio se insere no processo das tentativas de interpretação. (FRIEDRICH, 1978, p.19).

A dissonância da lírica moderna é a compreensão desorientada proposta pelo autor ao leitor (o inquietar mais importante do que o compreender). A dissonância advém da aguda complexidade dos poemas da lírica moderna, os quais tendem a operar na transformação do real, tanto em nível de representação do mundo como em nível de uso da língua. A anormalidade da lírica moderna diz respeito às composições deslocadas da realidade e autônomas em seus significados, ou seja, a anormalidade da lírica moderna prescreve seus efeitos na união do irreal com elementos logicamente limitados. (FRIEDRICH, 1978, p. 49).

Diante das colocações acerca da obra de Hugo Friedrich, podemos entender que o autor fez um estudo dos textos poéticos de Baudelaire, de Arthur Rimbaud⁸, poeta francês, de Stéphane Mallarmé⁹, poeta e crítico literário francês do século XIX até o XX com Thomas Stearns Eliot¹⁰, entre outros poetas. Com os pensadores Rousseau¹¹, Diderot¹². Com isso, a

⁸ - Jean-Nicolas Arthur Rimbaud 1854 - 1891, foi um poeta francês. Produziu suas obras mais famosas quando ainda era adolescente sendo descrito por Paul James, à época, como "um jovem Shakespeare". Como parte do movimento decadente, Rimbaud influenciou a literatura, a música e a arte modernas.

⁹ - Stéphane Mallarmé 1842 - 1898, cujo verdadeiro nome era Étienne Mallarmé, foi um poeta e crítico literário francês. Autor de uma obra poética ambiciosa e difícil, Mallarmé promoveu uma renovação da poesia na segunda metade do século XIX, e sua influência ainda é sentida nos poetas contemporâneos como Yves Bonnefoy. (O Modernismo, Peter Gay, 2009).

¹⁰ - Thomas Stearns Eliot 1888 - 1939, foi um poeta modernista, dramaturgo e crítico literário, nascido nos Estados Unidos, tendo emigrado para a Inglaterra em 1914. Em 1927, aos 25 anos, assumiu a cidadania britânica.

¹¹ - Jean-Jacques Rousseau 1712 - 1778, também conhecido como J.J. Rousseau ou simplesmente Rousseau, foi um importante filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata suíço. É considerado um dos principais filósofos do iluminismo e um precursor do romantismo.

¹² - Denis Diderot 1713 - 1784, foi um filósofo e escritor francês. Notável durante o iluminismo, é conhecido por ter sido o cofundador, editor chefe da Encyclopédie. (GAY, P. 2009).

crítica transfigura-se como precursor, como iniciador do entendimento de uma nova forma de tratar a poesia, rompendo com os ditames literários do passado. Em vista disso ocorreu uma grande mudança nos conceitos literários, especialmente no tratamento com a lírica moderna.

Nas considerações de Octavio Paz, em *O Arco e a Lira* (1982), o crítico-poeta busca esmiuçar e detalhar as estruturas formadoras do poema ao tratar do ritmo e sua definição como o mais primitivo e primoroso fator da comunicação. O ritmo apresenta um caminho determinante do gênero poético e é uma das manifestações artísticas tradicionais pela qual a linguagem foi e é usada de forma livre e estilizada, com a finalidade de apresentar imagens do passado, presente e do futuro. Através do ritmo, fundamental à essência do poema em toda sua plenitude, percebemos o desabrochar das expressões humanas.

A lírica, com sua musicalidade e ritmo, enfatiza o contexto poético e cria como resultante um gênero no qual as palavras encontram sustentação e suscetibilidade do coração. A lírica, quando somada à métrica e ao ritmo, torna-se peça indispensável para que as palavras emanem as configurações da existência humana, fazendo com que os sons e as imagens sejam interpretados conforme seu teor expressivo. Em razão disso, podemos reconhecer que o ritmo das palavras, o tempo, a métrica, formam uma paridade sonora caracterizando a lírica, dando sentido como ato criativo da linguagem poética. Nesse sentido, modernidade e tradição mantêm laços solidários, conforme assinala o crítico mexicano:

Tradição do moderno: heterogeneidade, pluralidade de passado, estranheza radical. Nem o moderno é a continuidade do passado no presente nem hoje é filho de ontem: é sua ruptura, sua negação. O que? Moderno é autossuficiente: toda vez que aparece, ele cria sua própria tradição. (PAZ, 1982, p. 334).

Nomeando a imagem com outras definições, Paz considera esse recurso como manifestação de caráter particular, íntimo e privativo. Paz continua essas considerações enfatizando que a palavra, a imagem, formam um contexto resultando no poema. Essas colocações lexicais de acordo com Octavio Paz são classificadas pela oratória como jargões, simbologias, representações de palavras e alegorias. (PAZ, 1982, p. 98).

As imagens e suas características abrem um leque de definições da expressividade e podem dar diversos significados e diversas compreensões ao receptor e modificam-se com o transcorrer do tempo e novas introduções linguísticas. A poesia então se torna um arcabouço dinâmico no qual o pensar humano pode ser lógico, bem como fugir ao caráter de um raciocínio

coerente. Nem tudo que parece ser coerente é lógico ou vice-versa. A verdade dentro da poética obstrui seu significado, muitas vezes não obedece ao entendimento, mas sim cria novas situações em que o impossível passa a ser possível. A versão do real, no expressar poético, possui a força advinda das palavras, que levam aos significados, constituindo imagens fortemente subjetivas, tornando plurissêmicos os sentidos que surgem como resultantes da junção entre linguagem e sintonia poética.

A respeito de “eu” lírico, Paz considera que o expressar do poeta apresenta sua contribuição como manifestação mediativa possibilitando ao leitor a caracterização de sua lírica, de sua ânsia canalizando num aspecto criativo a fluência de seus sentimentos e emoções. Dentro dessa perspectiva para especificar melhor a lírica, nota-se que ela manifesta como veículo do sentimento romântico e dos anseios amorosos, criando e recriando dentro do prisma da subjetividade. A personificação do “eu” lírico se concilia a seu objeto, pois de toda forma se encontram aliados a um único estado de alma, da afetividade, da emotividade desse “eu”.

A imagem reconcilia contrários, mas esta reconciliação não pode ser explicada pelas palavras – exceto pelas da imagem, que já deixaram de sê-lo. Assim, a imagem é um recurso desesperado contra o silêncio que nos invade cada vez que tentamos exprimir a terrível experiência do que nos rodeia e de nós mesmos. O poema é linguagem em tensão: em extremo de ser em ser até o extremo. Extremos da palavra e palavras extremas, voltadas sobre as suas próprias entranhas, mostrando o reverso da fala: o silêncio e a não significação. Mas aquém da imagem, jaz o mundo do idioma, das explicações e da história. Mais além, abrem-se as portas do real: significação e não significação tornam-se termos equivalentes. Tal é o sentido último da imagem: ela mesma (PAZ, 1982, p. 49).

Portanto, o significado das imagens mostra um novo horizonte o qual Otavio Paz, considera como um recurso, resultando no sentido da linguagem. O som e a imagem personificam o pensamento do autor, o que faz da expressão poética um caminho sinuoso, com vários sentidos. Com isso a poética constituída com a lírica moderna do século XX, caracterizada e definida por Hugo Friedrich, aponta novos rumos com liberdade de expressão, rompe com a uniformidade e conquista uma independência no qual a fantasia, o ilusório são utilizados como fontes de criatividade sem limites.

Norma Goldstein, em *Versos sons e ritmos* (2011), define a poética como estética da linguagem, atribui como estrutura predominante o verso e o ritmo, formas determinantes e estreitas que unidas resultam na sonoridade poética adequada ao receptor. O fluxo de metrificacão ou versificacão apresenta práticas que indicam recursos definidos para a produçã

do verso. No processo qualificativo, o fluxo parte dos versos em elementos. No processo silábico, a acentuação também interfere no ritmo, indicam o ponto das sílabas fortes em cada modo de verso. O ritmo composto pela continuidade do verso, de elementos decorrentes da divisão lexicais agudas e tônicas, ou entre sílabas compostas por vogais de formação curta (breve) ou longa (extensa).

De acordo com Goldstein, no entanto até o início desse século, atribuía-se grande importância às questões silábicas dos versos. Contudo, ultimamente, esta noção está associada aos elementos rítmicos que os versos determinam em sua configuração. Ao analisar poemas, há que se levar em conta que os versos evidenciam suas peculiaridades, primeiramente na organização gráfica de um trecho, de um fragmento. Todo verso apresenta um nível determinado por um ritmo único e preciso. Um grupo de versos consiste na estrofe, no interior da qual pode apontar outro princípio métrico: a rima, ou seja, a correspondência sonora no final de diversos versos (GOLDSTEIN, 2011). Diante das colocações de Goldstein, observamos que a organização dos versos compostos pela métrica, pelo ritmo nas unidades lexicais, forma uma cadeia na qual se constitui uma função comunicativa da expressividade poética.

Outro teórico importante para a compreensão da lírica moderna é Alfredo Bosi, em *O ser e o tempo da poesia*. Para este crítico, o “eu” da inspiração transforma-se em conceito que busca reter, dentro da característica dos valores da humanidade. A voz, o espírito, a imagem, a sonoridade, o sentimento são formas e valores da prática poética. Bosi cita que o poema às vezes mostra-se singular, porém isso não quer dizer que esteja isolado. No verso, o único é o real, junto aos sentimentos e aos movimentos integrados à prática de conceitos históricos e societários.

O crítico afirma que o conceito da expressividade poética não se apresenta intimamente, com o caráter do ícone, mais imediato, das artes visuais. A relação entre a poesia e o mundo não se faz apenas em relação à imagem. Ela vem transportar pela clave do signo linguístico mais significante sonoro. Logo há entre o poeta e o campo da experiência não só a mediação imagística como também as várias edições do discurso. O discurso poético, enquanto tecido de sons, vive um regime de ciclo. Conforme assinala o referido estudioso, a sua estrutura é alternativa e transpassado: ritmo, sistema fonético, entoação, timbre, duração, andamento. Assim o poema é sulcado por diferenças e oposições que se alternam com maior ou menor regularidade, evocando a figura do ciclo ou da onda.

O discurso poético, enquanto tecido de sons, vive um regime de ciclo. A sua estrutura é alternativa e recorrente: ritmo, subsistema fonético, entoação, timbre, duração, andamento. Assim o poema é sulcado por diferenças e oposições que se alternam com maior ou menor regularidade, evocando a figura do ciclo ou da onda. Mas porque ciclo? Porque onda? Será que a forma poética responde, inconscientemente, à natureza, que recomeça perpetuamente? Seu tempo reproduzirá em si o eterno retorno do mesmo? (BOSI, 1977, p. 13).

Bosi considera que toda expressão desde o seu início expõe uma dinâmica, ou seja, está em constante movimento. Desta forma, os símbolos linguísticos são mensageiros de sensações criativas como resultantes de experiências inerentes ao corpo humano. O estudioso relaciona os símbolos linguísticos a seus significados, apontando que objetos e coisas representam sua aparência. Alguns estudiosos buscam compreender o ritmo que resulta na configuração do modelo, e concluíram que as características simétrica, assimétrica, regular, irregular, simples, complexo, claro, escuro, das imagens dependem da situação de equilíbrio, ou não, de forças óticas e psíquicas que interagem e integram em um dado campo perceptual.

Nota-se que a poesia é um território rico em imagens, símbolos, figura de linguagem, que pode expressar facetas de um eu-lírico particularizado de tratar de aspectos que sempre intrigaram o ser humano tais como vida, morte, sentimentos e emoções, convertendo as criações poéticas em enigmas intrigantes e desafiadoras, sobretudo na contemporaneidade, quando um poema pode ser singelo, extremamente claro ou, hermético, indecifrável. A matéria poética desvela sempre o trabalho expressivo com a linguagem realizada pelo poeta e apresenta particularidades e especificidades com aquela que podemos observar na criação poética de Luiz Feitosa Rodrigues. Tendo em vista o fato de estarmos estudando poemas de um escritor brasileiro, que julgamos pertinente apresentar uma visão panorâmica da poesia no Brasil, desde as suas origens até a década de 1950, enfocando o período no qual foram publicados os dois livros de poesia do referido escritor, 1936 e 1950.

1.3 - A poesia na tradição da literatura brasileira

Em seu caráter inicial, a literatura brasileira tem como tradição a predominância dos autores que relatavam o cotidiano. São narrativas de contexto real, dos acontecimentos corriqueiros do dia a dia. Esses autores são os cronistas locais, viajantes mercadores da região

que tornavam-se os redatores da época. Essa autonomia textual mostrou liberdade e evidenciou emancipação. Nota-se um senso de identificação no qual o valor nacionalista, por sua vez, fundamentou e formou as primeiras informações literárias, sem que o espírito português lograsse abafá-las. O Quinhentismo ou período de formação, Barroco ou Seiscentismo, Arcadismo ou Neoclassicismo são os períodos que formam a resistência no momento e no período de tal sentido, que faz a nossa literatura construir e desenvolver elementos fundamentais de autossuficiência.

Autores coloniais sustentaram e mantiveram viva a prática literária. Muitas vezes repetindo informações, ainda que, sem muita perfeição com pouco brilho. Ainda sem objetivo e sentido difuso, estabeleceu-se nas manifestações literárias um estilo diverso do da metrópole. Como, porém, o texto é a integração de elementos sociais e psíquicos, estes devem ser levados em conta para interpretá-lo. (CANDIDO, 1989, p. 34). Neste sentido em relação ao desenvolvimento da literatura brasileira, obrigatoriamente surgiu e desenvolveu-se como produto da literatura portuguesa.

A ligação entre a literatura e a sociedade é percebida de maneira viva quando tentamos descobrir como as sugestões e influências do meio se incorporam à estrutura da obra de modo tão visceral que deixam de ser propriamente sociais, para se tornarem a substância do ato criador. (CANDIDO, 1989, p.163-164).

A reação na aquisição natural de uma nova ordem literária nacional apresentou efeitos variados, traduzidos em misturas e cruzamentos, os quais produziram novos tipos de linguagens e manifestações típicas na influência dos nativos e dos portugueses. Tais procedimentos não surtiram efeito imediato, devido à influência da literatura portuguesa. Porém, com o tempo e o sentimento próprio dos escritores brasileiros, a literatura do Brasil viria a se diferenciar e se estabelecer, criando estruturas e uma identidade própria alicerçada na realidade dos feitos nacionais.

Segundo Jose Veríssimo, em *História da Literatura Brasileira* (1998), quando começava aqui a literatura, em terras lusitanas havia terminado, ou estava terminando, o quinhentismo, a melhor época da portuguesa. Principiava então lá o seiscentismo, prematura e rápida degradação daquele brilhante momento, cuja brevidade era, aliás, consoante com a da época de esplendor nacional, revendo tudo o que de ocasional e fortuito houvera nos escassos cem anos da dupla glória portuguesa. Todavia, o seiscentismo não terminou em 1699, no último dia do ano,

perdurou até a segunda metade do século XVIII e a Arcádia e suas imitações não encerram o século XVIII. A arcádia de Antônio Dinis só se fundou em 1756. Com Luis de Gongora, poeta espanhol, caracterizado por um hermetismo deliberado, emprego de palavras eruditas, afetação levada ao extremo, inversão da frase e abundância de figuras de linguagem, consagrou o gongorismo. Já Antônio José satirizava o gongorismo, que era uma atualidade dessa época.

Entretanto, o Brasil começava a dar seus passos firmes e o que havia aqui era o seiscentismo, já o gongorismo não tinha tantos adeptos, mas somente alguns que se dedicavam a esse estilo. Contudo, no fim do século XVIII é que os poetas brasileiros se sustentaram e começaram a distinguir no cenário das letras. Porém ainda com parcas e limitadas produções. Os mesmos autores e escritores do início do século XIX, sucessores dos poetas mineiros e predecessores próximos dos poetas da escola romântica, são ainda ou um pouco seiscentistas, apenas superficialmente atenuados pelo estilo do arcadismo. No Arcadismo desenvolveu-se grande parte do ideal do homem natural, que “fosse simultaneamente espontâneo e polido, simples e requintado, rústico e erudito, razoável o sentimental” (CANDIDO, 1989, p. 57).

Veríssimo menciona que o delimitador das águas literárias que podem legitimar e introduzir o desenvolvimento da poesia como tradição da literatura brasileira são: período colonial e período nacional. Denota daí um marco apreciado pelos nomes dos brilhantes escritores de Minas Gerais nos anos de 1769 a 1795, considerados os primeiros românticos. Nos meados do século XVII e princípio do XVIII, os escritores e brilhantes poetas brasileiros, com bastante sentimentalismo ligado à nossa nação estabeleceram narrativas de cunho natural e nativista com apreciável noção de natureza e apreço às paixões, às mulheres, à fauna e à flora. Em relação à temática amorosa e às mulheres, podemos mencionar por exemplo Alvares de Azevedo com o poema “Amor”: Vem, anjo, minha donzela, minha alma, meu coração! Que noite, que noite bela! Como é doce a viração!

Por meio das formas superficialmente modificadas por estímulos renovados, sendo obtidos de fontes distantes ou daqui mesmo de fatores naturais, permaneceu o nosso Romantismo, instaurado no terceiro decênio do século XIX, até a metade da década de 1870. As últimas atividades de peso, de valor, são de influência indígena e estas se relacionam também

O Romantismo apareceu aos poucos como caminho favorável à expressão própria da nação recém-fundada, pois fornecia concepções e modelos que permitiam afirmar o particularismo, e, portanto, a identidade, em oposição à Metrópole, identificada com a tradição clássica. Assim surgiu algo novo: a noção de que no Brasil havia uma produção

literária com características próprias, que agora seria definida e descrita como justificativa da reivindicação de autonomia espiritual. (CANDIDO, 1989, p. 20).

com o *Evangelho nas Selvas*¹³, de Fagundes Varela, e as *Americanas*¹⁴, de Machado de Assis, ambas de 1875.

Ainda segundo Veríssimo, o Romantismo arrefeceu-se por inerente enfraquecimento e pela exaustão dos seus motivos. Contribuiu, também, para a sua derrocada, o surgimento de novas correntes de pensamento, oriundas da Europa. Contudo, nenhuma das correntes de pensamento europeu, que se manifestou no Brasil, levou menos de vinte para se manifestar no país. E esta continua sendo a regra, mesmo depois que as nossas comunicações com a Europa se tornaram mais fáceis e mais frequentes. Destas várias influências contraditórias, e até disparatadas, não surgiu e nem poderia surgir um composto único e coerente, como até certo ponto ocorrera no período romântico por meio do espiritualismo cristão ou do puro sentimentalismo dos nossos românticos, sem exceção. Sob o aspecto literário o que delas resultou foi o rompimento, mais ou menos intencional, com o Romantismo. E a literatura no Romantismo é a que finalmente consegue dar continuidade à tradição arcádica, gerando também ruptura com a articulação do texto literário no presente.

Em *Formação da literatura brasileira*: no prefácio da segunda edição, Candido já antecipa essa ligação problemática afirmando que:” há uma solidariedade estreita entre os dois períodos, pois se a atitude estética os separa radicalmente, a vocação histórica os aproxima, constituindo ambos um largo movimento, depois do qual se pode falar em literatura plenamente constituída” (CANDIDO, 1989, p. 16). Tal separação não gerou um movimento com bastante destaque, caráter ou homogeneidade que possamos definir como idôneo.

¹³- Fagundes Varela 1841-1875. Foi um poeta romancista brasileiro da 2ª geração, patrono na Academia Brasileira de Letras. A impressão deste livro foi concluída depois da morte do autor. É considerado um tesouro da nossa literatura.

¹⁴- Machado de Assis, 1839 – 1908, Publicou *Americanas* em 1875, reúne poesias variados, onde a tônica é o romântico retrato de personagens femininas do país antigo em busca de identidade. As virtudes, portanto, são a tônica que perpassam todos os poemas.

Segundo Candido, o que principalmente distinguiu e afeiçãoou este nosso movimento espiritual ou mais propriamente literário posterior ao Romantismo foi o pensamento científico e filosófico triunfante em meados do século XIX, caracterizado pelo preconceito da infalibilidade da ciência e por uma exagerada opinião da sua importância. Dessa forma, até o fim do Romantismo, a crítica se baseou nas suas ideias e não fez mais do que glosá-las, parecendo ter como pressuposto um de seus conceitos fundamentais: “A América deve ser livre tanto na sua poesia como no seu governo”. (CANDIDO, 1989, p. 22).

Entretanto, a esse respeito, é correto afirmar que o Romantismo não obteve a denominação muito clara, mas uma síntese suficientemente relevante de sentido moderno. Assim, o Romantismo deixou sua identidade, mormente pela força da liberdade de expressão. Ocorreu o desenvolvimento natural e a evolução das tendências literárias e avançou para sua emancipação e modernização. Veríssimo continua suas ponderações, explicando que o Romantismo produziu o maior e mais refletido desapego às crenças tradicionais religiosas ou políticas, gerou o acatolicismo ou o agnosticismo em grande número de espíritos e o republicanismo ainda em maior número. Desta forma as manifestações literárias não chegaram de ramificar qualquer manifestação considerável, homogênea e suficientemente distinta, para que se possa nomear com exatidão, segundo os seus particulares caracteres literários. Para sair da dificuldade sem, no afã de iludi-la, cair no erro de dar a esta fase da nossa literatura algum epíteto desapropriado, parece que o meio mais seguro é verificar a inspiração ou a ideia geral e motriz que a engendrou, e, consoante as elas, denominá-las. Declaradamente, seguir adiante seria a principal tônica, tanto na arte como na filosofia, tônica que estaria presente na política, nas ideias modernas, no racionalismo científico, no positivismo filosófico, no transformismo e no evolucionismo. Como um critério geral do pensamento, o liberalismo político emerge, levando, de um lado, ao republicanismo e, de outro, com duvidosa coerência, ao socialismo.

O nosso modernismo importa, essencialmente, em sua fase heroica, na libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência literária. Esse sentimento de triunfo, que assinala o fim da posição de inferioridade no diálogo secular com Portugal e já nem o leva mais em conta, define a originalidade própria do modernismo na dialética do geral e do particular. (CANDIDO, 1989, p. 110).

Conforme Veríssimo, no que tange ao "pensamento moderno" e a sua apologia correspondente, constitui-se, aqui, um tema literário repetido até a exaustão e, sob esta

denominação, reuniram-se desencontrados conceitos, sentimentos e aspirações. Dava-lhes, todavia, unidade bastante para, ao menos exteriormente, caracterizá-los. Não sendo possível descobrir lhes, com toda a certeza, o acento predominante, sua feição literária essencial e a fim de evitar a impertinência e vaidade das tentativas já feitas para grupar em categorias definidas autores e obras desta última fase da nossa evolução literária, parece mais prudente crismá-la segundo o seu principal estímulo mental, a sua superstição das ideias modernas e chamar-lhe de modernismo. “O processo de humanizar, segundo Candido, requer o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo”. (CANDIDO, 1989, p. 6). Veríssimo constata que, em nossa literatura, não faltou requisitos para seu desenvolvimento e que, na literatura portuguesa, carecia-se de ideias gerais e de características humanas e sociais.

Para Veríssimo uma escola literária não morre de todo porque outra a substitui, como uma religião não desaparece inteiramente porque outra a suplanta. Por sua vez, um movimento ou manifestação coletiva de ordem intelectual, uma época literária ou artística, nem sempre permanecem como em seu princípio, conservando a sua fisionomia e caráter iniciais. É, pois, óbvio que, aqui, assim como sucedeu na Europa, ficaram germes ou antes restos do Romantismo, como neste havia ficado do classicismo. Misturados com o "cientificismo" concepção filosófica de matriz positivista que afirma a superioridade da ciência sobre todas as outras formas de compreensão humana da realidade (religião, filosofia metafísica), por ser a única capaz de apresentar benefícios práticos e alcançar autêntico rigor cognitivo. Esses remanescentes do Romantismo confundiram-se na corrente geral daquele originada, produzindo, com outros estímulos e impulsos supervenientes, algumas feições diversas na fisionomia literária desta fase. Nenhuma, porém, tão distinta que force sua discriminação. Por isso, em certas conjunturas, o radicalismo pode ser não apenas o caminho viável, mas também, o mais conveniente.

A poesia, na tradição da literatura brasileira, possui artifícios intuitivos de invenção, de composição, de inovação que constituem nossa literatura na sua sistemática. O crítico Antonio Candido considera que “A Flor Saudade média entre os poemas arcádicos de Vilela Barbosa e as melodias plangentes do futuro formam o eixo em torno do qual gira toda uma transformação literária, ponto inicial duma linha poética fadada ao êxito mais duradouro” (CANDIDO, 1989, p. 270). Tais artifícios de emancipação literária sugerem transformações que se estabelecem nas conquistas e na abertura de novos horizontes culturais.

Desta forma, a literatura se organizou como um mecanismo de cultura interior, tal o seu real ofício. Transformando-se em expressão de beleza e estética apresentada pelo poeta nas configurações das palavras. No intento figurado, poesia é tudo aquilo que influencia, que comove e causa sentimentos. Jose Veríssimo continua tecendo sua argumentação no sentido de ressaltar que os portugueses não trouxeram para o Brasil os movimentos literários em sua plenitude, mas evidentemente trouxeram a capacidade literária que já se encontrava estabelecida lá desde o século XIII, pelo menos revelada pela sua gente, e aqui se começaram a estabelecer até atingir o seu apogeu.

Jose Veríssimo aponta que ocorreu um importante advento da poesia na literatura brasileira com o aparecimento de Bilac e Alberto de Oliveira, sobretudo com a coletânea “Sonetos e rimas” deste último. O Parnasianismo e o Simbolismo, movimentos que se destacaram pela ênfase dada às produções poéticas. A esse respeito, a título de ilustração, veja-se a primeira estrofe de “Ouvir estrelas”, de Olavo Bilac: Em tal estrofe se percebe todo o trabalho do poeta para burilar os versos, explicitando que o fazer poético é, em grande medida, exercício do cérebro, reflexão, para se construir o texto poético. “Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo, perdeste o senso! E eu vos direi, no entanto, que, para ouvi-las, muitas vezes desperto. E abro as janelas, pálido de espanto”.

Com relação ao Modernismo, é importante ressaltar que marcou sua identidade com novas formas de pensar, de abordar os temas do cotidiano considerando as manifestações nacionalistas e as características culturais como foco de uma consciência na fixação do ufanismo e da utopia. Houve uma proposta de transformação para uma nova linguagem, estética aprimorada nos aspectos expressivos, como a exaltação ao futurismo, inovação da retórica política. Esse legado que o modernismo deixou marcou a renovação das ações, o amadurecimento das concepções em diversas temáticas enfatizando os valores de uma conquista, de superação e de uma postura nova até então estancada.

Entre os contemporâneos do poeta em estudo destacam-se Mario Quintana, Carlos Drummond de Andrade, a poetisa Cecília Meireles, entre outros poetas e escritores de notoriedade nacional da literatura brasileira com diversas publicações. “Sapato Florido”, (1948), “O Aprendiz de Feiticeiro”, (1950), “Espelho Mágico”, (1951), (Mario Quintana), “José”, (1942), “Antologia Poética”, (1954), (Carlos Drummond de Andrade) e por fim “Romanceiro da Inconfidência”, (1953), “Giroflê, Giroflá”, (1956), (Cecília Meireles).

CAPÍTULO II

A HISTORIGRAFIA LITERÁRIA COMO NARRATIVA DO ANTIGO MATO GROSSO

As produções literárias do antigo estado de Mato Grosso concentram a poética de autores mato-grossenses e sul-mato-grossenses que promoveram uma relação com seus contemporâneos. De acordo com Virgílio Corrêa Filho, (1887 – 1973) em *História de Mato Grosso*, (1994) os eventos mais notáveis dos primitivos povoados mato-grossense são os registros de uma narrativa cujo teor informa os fatos e feitos do povoado. São narrativas singelas dos acontecimentos, ora apaixonados, ora mesquinhos, dentre bajulações e informes de pedidos de autoridades de governantes nos quais aparecem em curiosas descrições de costumes, festas, tradições, combates contra os índios paiaguá, chegadas de monção, descobertos e outros eventos, que mostram essa época. Há narrativas dos trovadores líricos medievais, que eram os artistas de origem nobre da província, em cujas canções buscavam palavras mais apuradas para suas composições.

Corrêa Filho (1994) também menciona que as povoações de Cuiabá e da província de Mato Grosso, em seus primeiros tempos, da lavra de Joseph Barbosa de Sá, como sendo o primeiro cronista cuiabano, autor dos *Diálogos geográficos, cronológicos, políticos e naturais*. O *Compêndio histórico cronológico das notícias de Cuiabá, Repartição da Capitania de Mato Grosso*, de Joaquim da Costa e Siqueira. Corrêa Filho assevera que no meio da década seguinte, a história da literatura de Mato Grosso contou com o Bispo Francisco de Aquino Correia, nascido no ano de 1855, que ficou conhecido como Dom Aquino, com suas publicações: *Odes poesias, Terra natal, Castro Alves e os moços, Nova et poesia, Cartas e ensaios pastorais, A flor da aleluia, Oração aos soldados, O padre Antônio Vieira, O Brasil novo*, escreveu ainda obras geográficas, memórias e históricas.

No contexto da *Literatura Boróra*, extraído do Anuário Brasileiro de Literatura¹⁵, publicado pela Editora Irmãos Pongetti, Rio de Janeiro, 1938 (José de Mesquita 1892 – 1961), contemporâneo de Luiz Feitosa Rodrigues, encontramos nomes que faziam suscitar o movimento da literatura em Mato Grosso, sob a presidência de José de Mesquita, nascido no ano de 1855 no qual publicou diversas obras como: *Poesias, Os jesuítas de Mato Grosso, O catolicismo e a*

¹⁵ - Disponibilizado na internet em: (http://www.jmesquita.brtdata.com.br/1938_Literatura%20Borora.pdf), acessado em 02 de novembro de 2018.

mulher, Cavahada, Da epopeia mato-grossense, entre outros escritos. Congrega um grupo de escritores, poetas e jornalistas de valor, como: José Vilá 1899 - 1956, Tolentino de Almeida 1876 - 1938, Cesário Prado 1891 - 1969, Alírio de Figueiredo 1893 - 1961, Lamartine Francisco Mendes 1895 - 1921, Iscac Nilo Povoas 1886 - 1970, Cesário Neto 1902 - 1979, Ulisses Cuiabano 1891 - 1951, Generoso Ponce Filho 1852 - 1911, Vandoni de Barros 1907 - 1988, J.L.Schnneider, Oscarino Ramos 1891 - 1969, Luiz Feitosa Rodrigues 1886, 1940, Soter Caio de Araújo 1922 - 1889, Lobivar Matos 1915 - 1947, Olegário de Barros 1890 - 1969, Miguel Melo 1836 - 1961, Pedro de Medeiros 1891 - 1943, Carlos de Castro Brasil 1905 - 1976, Amarilio Novis 1902 - 1965, Franklin Cassiano 1891 - 1940, Ana Luiza Bastos 1898 - 1980, Severino de Queiroz 1893 - 1960, Rosário Congro 1884 - 1963.

Concertos, exposições artísticas e recitais também se faziam presentes. Concede-se particular destaque às poesias, peças teatrais e músicas, considerando-as como patrimônios culturais intocáveis, que podem ser descritos e pensados como cultura residual, pois formadas no passado, mas ainda ativas no processo cultural, não só como um elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente.

2.1 - MT e MS torrões literários do Brasil

No panorama da história da literatura de Mato Grosso, percebemos reflexos de mudanças locais, desenvolvimento das cidades, do Estado, do crescimento das publicações e da formação de novos autores e escritores. A Noroeste do Brasil, companhia de transportes ferroviários, inaugurada em 1914, se estabelece no estado e fomenta o desenvolvimento nas diversas cidades por onde os trilhos passam. As estações com grande movimento fazem a integração de pessoas, cargas e conseqüentemente da literatura. Os autores utilizavam esse transporte para veicular suas obras por todos os cantos e recantos do estado onde havia anteriormente dificuldades de se alcançar. A Estrada de ferro também servia de fonte de inspiração durante a viagem, pelo fato dos passageiros e escritores, vislumbrarem belas paisagens do estado. O trem faz com que o progresso, como também a literatura cresça e se desenvolva cada vez mais no estado de Mato Grosso, pois a ligação dos trilhos extrapolam as fronteiras do estado e do país. Assim as obras e

seus autores passam a difundir cada vez mais suas narrativas e alcançam números cada vez maiores de leitores como se observa na página 31 da obra *Devaneios* de Luiz Feitosa Rodrigues.

Da *FOLHA DA MANHÃ* de São Paulo n. 3.661, de 27 de fevereiro de 1936.

O Sr. Luiz Feitosa Rodrigues revela-se poeta de sensibilidade com o seu livro de estreia *Inspirações*. Nestes tempos em que até as musas estão propensas a materializar-se, em que só se ouve, pelos quadrantes da terra desolada, o eco bárbaro das competições afanosas metalizantes, em que o coração da humanidade prevê o fim, sem remédio das debilidades mais caras, fazem bem à aridez acerba e desértica da alma, de quando em vez, inspirações primaverais de sentimentalidades reconfortantes, como as que ofertou o Sr. Feitosa Rodrigues, à guiza de oásis providencial para nosso “eu” sedas estésias dos sentidos, das belas rimas, das emoções da forma, das escadas e cadências.

Inspirações é todo um repositório cheio de harmonias rimadas, bem divididas predominando as poesias impregnadas de espírito bucólico, bem eletivo. É de destacar “Domingo”, “Vitalina”, “Canção”, “Corumbá”, “De longe”. Salientando, porém, as que mais satisfizeram os nossos sentidos, é de justiça se reconheça que o livro agrada plenamente, consagrando definitivamente o jovem poeta mato-grossense. Porque, o Sr. Feitosa Rodrigues que não força o estro, antes é exuberante de espontaneidade, começou por onde muitos poetas de fina sensibilidade acabaram: triunfando.

Verifica-se que a poética, de Luiz Feitosa, foi recebida com elogios e valorizada por seus aspectos bucólicos, prenunciando um poeta bem sucedido no cenário das letras. Mesquita assinala, em *Literatura Boróra*, (1938) que a história começa a despertar vocações estimuladas pelo exemplo de Leverger, (Augusto João Manuel Leverger), que foi considerado herói da Guerra do Paraguai, Almirante, conhecido por Barão de Melgaço ou Bretão de Cuiabá. Franco-brasileiro, naturalizado brasileiro, escritor.

Mesquita continua suas observações a respeito da formação da literatura mato-grossense, afirmando que as associações de caráter literário aprimoraram e deram bons frutos como a “Associação Literária Cuiabana”, fundada em 1884. O estudioso aponta que agremiações se estabeleceram como marco literário e como exemplo temos o Instituto Histórico de Mato Grosso, o Centro Mato-grossense de Letras e o Grêmio Literário Julia Lopes, cuja atuação se nota refletida pelos seus órgãos de publicidade. O Instituto tem a sua frente o arcebispo Dom Aquino e reúne, no seu seio, os nomes mais representativos da sociedade local, na sua maioria especializada em assuntos históricos, conforme já apontamos mantendo também um Museu Histórico, onde se encontra precioso arquivo e biblioteca.

Mesquita alude, ainda, ao movimento intelectual feminino que se faz sentir através do Grêmio Julia Lopes, cuja presidência era da senhora Maria de Arruda Muller, secundada pelas escritoras Bernardina Rich 1872 - 1942, Maria Dimpina 1891 - 1966 e Benilde Moura 1897 -

1967. Por outro lado, a imprensa se apresenta bastante desenvolvida, contando com vários diários em Cuiabá e a Associação Mato-grossense de Imprensa, da qual é presidente o jornalista Benjamin Duarte e na atualidade Orlando de Oliveira Antunes Junior com mandato até 2020.

O movimento literário Mato-grossense segundo Mesquita se estrutura com o surgimento de associações e grêmios que acolhiam os diversos autores e integrantes empenhados com a causa literária. Os jornais, as editoras se intensificaram com o intuito de propagar e divulgar os escritores e seus feitos. A imprensa se apresentava-se bastante desenvolvida, contando com vários diários em Cuiabá e a Associação Mato-grossense de Imprensa, além dessas, muitas outras agremiações de novos vão se fazendo conhecer através de uma forte e constante atuação em prol das letras, como por exemplo os Grêmios Álvares de Azevedo e José de Mesquita em Cuiabá e José de Anchieta em Campo Grande. Muitas outras agremiações, com novos participantes vão se fazendo conhecer através de uma forte e constante atuação. No sul, merece destaque o esforço dos fundadores da Biblioteca de Campo Grande e do Gabinete Corumbaense de Leitura. Uma nova e brilhante geração aflora no cenário das letras, tendo em sua liderança Cecílio Rocha, Iturbides Serra, Lobivar Matos, entre outros.

A seguir, relacionamos algumas publicações com seus respectivos autores das diversas obras Mato-grossenses: Dom Aquino Corrêa 1885 – 1956, “Odes”, “Terra Natal” e “Discursos”, além de grande número de publicações, em folhetos, de pastorais, conferências e trabalhos diversos. José de Mesquita 1892 – 1961, “Poesias”, “Terra do Berço”, “Da Epopeia Mato-grossense”, “A Cavallhada” e “Espelho de Almas” (contos). Lamartine Mendes 1895 – 1921, “Serras e pantanais” e “Águas passadas”, Alírio de Figueiredo 1893 - 1961 “Poesias” e “Poemas e poeira”, José Raul Vilá 1899 – 1956 “Rondônia”, A. Tolentino de Almeida 1876 - 1938 “Ilusões doiradas”, “A retirada da Laguna”, “A Índia Rosa” (poemetos), Cesário Neto 1902 - 1979 “Na pista de Rocinante”, Nilo Povoas 1886 – 1970 “Esboço de História da Literatura Brasileira”, e outros ensaios. Franklin Cassiano 1891 – 1940 “Subsidio para o estudo da Dialectologia”. G. Ponce Filho 1852 – 1911. “Dom Aquino Corrêa”, “Por Mato Grosso na Federação”, A. Cavalcanti: “O Tabernáculo” e várias traduções. Arnaldo Serra: “Almas penadas” (contos regionais) e “Aromita”. Soter Caio: “Estudos”, versos matemáticos. Luiz Feitosa Rodrigues: “Inspirações”. Lobivar Matos 1915 - 1947 “Areôtorare” e “Sorobá”, Severino de Queiroz: “No caminho do saber” e “O que deve saber”. Tais obras assinalaram o verdadeiro renascimento que somavam em sintonia nacional com o movimento Modernista que ocorreu em

todo o território brasileiro e revelava uma busca por temas e formas poéticas relacionadas ao nosso país, no intuito de estabelecer uma literatura genuinamente nacional. Um movimento sadio, de renovação intelectual, que se manifestavam nos mais diversos setores em que se desenvolviam as atividades literárias e artísticas.

2.2 - Precedentes literários de uma divisão: MT/MS

Após a divisão do Estado de Mato Grosso, em 11 de outubro de 1977 (Lei complementar nº 31 de 11 de outubro de 1977, Art. 46. A área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento da Região. Centro-Oeste compreenderá os Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul), a literatura de Mato Grosso do Sul começa a se estruturar com os escritores que aqui se encontravam estabelecidos, dando início a uma nova era com relação aos aspectos voltados para produções poético-literárias. Essas produções caracterizam-se pelas peculiaridades da linguagem, pontuando posicionamento e precisão nos conceitos de uma identidade cultural em um estado novo.

Mato Grosso do Sul, com novos e diversos desafios, com um povo único e muitas características distintas, principalmente no que diz respeito às diversidades cultural e racial, fato que não passa despercebido pelo sul-mato-grossense mesmo sendo ele imigrante aqui fixado que, ao ser confundido com o mato-grossense, rapidamente corrige com um sul, numa tentativa de se identificar, perante o interlocutor, como pertencente a outro lugar, ao Mato Grosso do Sul. Situado na região Centro-Oeste, Mato Grosso do Sul faz fronteira, ao norte, com os estados de Mato Grosso e Goiás, ao sul, com a República do Paraguai e o estado do Paraná, a leste, com os estados de Minas Gerais, de São Paulo e do Paraná, e a oeste, com as Repúblicas do Paraguai e da Bolívia, fato que justifica, em parte, a ocupação do estado por imigrantes oriundos desses estados e nações. Há também nele várias etnias indígenas, além de migrantes de várias regiões do Brasil e de diferentes nações, que representam importantes comunidades, como japoneses, portugueses, árabes, libaneses e armênios.

De acordo com Paulo Roberto Cimó (2006), em *Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: Divisionismo e identidade*, “a mistura de todos esses povos trouxe para o estado uma diversidade cultural, étnica e linguística, no mínimo, peculiar. Tem, por exemplo, uma culinária regional

singular: a sopa paraguaia, a chipa boliviana, uma variedade de pratos à moda pantaneira, principalmente peixes e o tereré, herança guarani”.

Lemos em Campestrini, (2009), que o MS unidade da República Federativa do Brasil tem a necessidade de incluir uma história com aspectos próprios, para projetar, encontrar e adotar o Mato Grosso do Sul como distinto, diferente, dessemelhante do outro. Torna-se necessário, indispensável, dar-lhe um rosto, uma feição, uma fisionomia, para que os moradores do estado de Mato Grosso do Sul, possam, assim, identificar-se de forma homogênea, única, particular e própria.

Nesse sentido, pondera Campestrini que os homens de letras também são chamados e invocados para instituir, estabelecer e definir o que faz parte e o que não faz parte de um todo chamado Mato Grosso do Sul. É na audiência de implantação do estado de Mato Grosso do Sul que os sócios da Academia de Letras e História de Campo Grande (ALH-CG, fundada em 1972) ampliam os seus poderes simbólicos e fundam, em 1978, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHG-MS) e a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL), (CAMPESTRINI, 2009). O estado de Mato Grosso do Sul é relativamente novo, mas a sua história é considerada antiga, pelos integrantes do IHG-MS e da ASL, sendo que essas entidades publicam e divulgam obras inéditas, manuscritos esquecidos ou esgotados de cunho regional. O IHG-MS e ASL publicam inúmeras crônicas, artigos, ensaios, que constituem importantes informações da História do Mato Grosso antigo e do atual estado de Mato Grosso do Sul. Entretanto, o usuário dessas riquíssimas fontes deve realizar a sua leitura com muita cautela e precedida de uma crítica realista prévia, já que estão carregadas de ideologias e mitos, para engrandecer os “pioneiros” que ocuparam (re-ocuparam) as terras sul-mato-grossenses.

De acordo com Campestrini (2009), em *História de Mato Grosso do Sul*, a história e a literatura publicadas em livros pelos sócios do IHG-MS e ASL procuram integrar territorial, regional e socialmente, envolvendo sentimentos que constituem as tradições (reais ou inventadas), que são construídos por meio de ícones históricos e literários que evidenciam os sul-mato-grossenses como valentes, destemidos, conquistadores de terras para a coroa portuguesa e depois para o Brasil, além de exaltar fazendeiros que se afazendaram na região expulsando os índios de suas terras. A história escrita e divulgada sobre o Estado de Mato Grosso do Sul pelos sócios do IHG-MS e da ASL apresenta um sentido, uma forma e um conteúdo do discurso dominante. Mito, memória e identidade envolvem atividades de sentidos

e de valores, portanto, de produção, de circulação e de consumo.

Campestrini faz uma reflexão asseverando que os homens de letras de Mato Grosso do Sul constroem heróis, mitos, acontecimentos e fatos para serem cultuados, adorados, lembrados, idolatrados e amados. Portanto, tentam estabelecer uma identidade que deve ser homenageada e por todos os sul-mato-grossenses. Justifica, desse modo, a criação do estado de Mato Grosso do Sul, como que se fosse um anseio local, natural e sem traumas. A História tem papel fundamental na formação de uma memória sul-mato-grossense. Essa função de estabelecer uma identidade própria é essencial na estrutura do poder. Desse modo, os homens de letras também têm lugar de relevo na criação dos símbolos culturais “oficiais” sul-mato-grossenses, entre os quais se destacam: Hino, Epônimo, Gentílico, Mitos, Literatura, Heróis e, principalmente, a História.

Campestrini (2009) aponta que o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul e a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, igualmente, tentam divulgar os interesses culturais, políticos e econômicos sul-mato-grossenses por meio do passado. Preocupado com o crescimento da capital de MS, devido à chegada de muitos imigrantes, em 1980, o presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, Paulo Coelho Machado, na introdução do livro: *A Poeira da Jornada*, de 1980, de Demosthenes Martins 1894 - 1995, lembra a importância da história para a sociedade do MS.

Nesse sentido, a importância do papel das entidades (IHG-MS e ASL) centra-se na missão de produzir ícones que pudessem descongelar as memórias, as tradições culturais e principalmente a História dos antigos moradores do estado (CAMPESTRINI, 2009).

Campestrini aponta ainda que ocorreu uma forte difusão da história de Mato Grosso do Sul com a chegada de novos imigrantes, uma vez que há um empenho, por parte dos sócios dessas entidades, em construir ícones que representassem os verdadeiros Guaicurus e uma tradição e amor às terras sul-mato-grossenses. O autor defende a divulgação e a publicação de uma história própria de Mato Grosso do Sul. Para Machado (1980, p. 6), “tais fatos devem ser desarquivados” pelos que se esforçam em valorizar a cultura sul-mato-grossense e devem ter o apoio dos dirigentes que comandam o poder do Estado, para que os acontecimentos realizados nos cultos da história “se mantenham vivos e atuais”.

As relações do poder político, econômico e cultural, segundo observa Hildebrando Campestrini figuravam-se como uma teia de relações do que se instituem nessas entidades para

produzir pensamentos identitários em favorecimento de grupos ou pessoas para benefícios próprios, perpassando como se fosse de pertencimento de todos os sul-mato-grossenses.

Na introdução da obra de Acyr Vaz Magalhães, *Seiscentas léguas a pé: A Campanha do Apa*, publicado em 1988, o autor mostra a importância da história para a sociedade sul-mato-grossense, especialmente porque, na ocasião da Guerra do Paraguai, o território do estado de Mato Grosso do Sul foi ocupado pelas tropas paraguaias por isso, o episódio mais considerável e heroico da guerra a retirada da laguna realizou-se em terras de Mato Grosso do Sul. Explica, ainda, Acyr Vaz que sempre houve, na história de MS, movimentos e fatos significativos, como a coluna Prestes e a revolução constitucionalista de 1932. O autor defende que essa “tradição” tem que se tornar conhecida pelos habitantes do estado de MS e dessa maneira, apesar dos obstáculos, os sócios, tanto do IHG-MS como da ASL, empenham-se em divulgá-la por meio de publicações que privilegiam os fatos épicos ocorridos nas terras de MS.

Segundo José Barbosa Rodrigues em *História de Mato Grosso do Sul* (1985) a história publicada tem uma intenção objetiva de convencionar uma tradição, ou seja, eles tentam “recuperar fatos” para entrarem no culto da história, difundindo, em seus escritos, acontecimentos belicosos, aguerridos, combativos e audaciosos, com o desígnio de divulgarem os antepassados sul-mato-grossenses. O livro de Barbosa, *História de Mato do Grosso do Sul, e a Trajetória Marcada pelo Pioneirismo*, estão no primeiro capítulo, Antes de ser português, Mato Grosso do Sul foi espanhol, dividido em diversas partes, relata o período dos colonizadores espanhóis como elemento integrante da história do estado de Mato Grosso do Sul. Na visão de José Barbosa Rodrigues é impossível separar a herança espanhola da história regional, uma vez que os primeiros devassadores brancos do estado de Mato Grosso do Sul estavam a mando da Coroa Espanhola.

José Barbosa Rodrigues (1985) diferencia, em suas ponderações, a história de Mato Grosso do Sul da história de Mato Grosso ou seja, dos cuiabanos ou nortistas. Barbosa Rodrigues (1985) afirma que Mato Grosso do Sul foi primeiramente invadido pelos espanhóis, no início do século XV. A herança guarani-espanhola é muito mais forte para a história de Mato Grosso do Sul do que a história dos cuiabanos ou nortistas mato-grossenses. O autor chama a atenção dos historiadores modernos para, sempre que possível, reconhecer e proclamar a existência dessa ligação histórica. Nesse sentido, o autor enfatiza que os primeiros povoadores do Paraguai são os primeiros invasores do nosso estado, assim, a história de Mato Grosso Sul é diferente da gente

cuiabana ou norte-mato-grossense, já que a população branca do Sul de Mato Grosso foi, inicialmente, governada pelos Adelantados. Por isso, o estudioso solicita, aos novos historiadores de Mato Grosso do Sul, contemplar, em suas escritas, o legado natural dos espanhóis. Para o presidente da ASL, José Barbosa Rodrigues, os territórios de Mato Grosso do Sul e do Paraguai devem ser considerados como irmãs gêmeas, umbilicalmente unidas.

Barbosa Rodrigues (1985) mostra que a história de Mato Grosso do Sul tem o seu início nos primeiros anos após a descoberta do Brasil, com o malogro da expedição de Juan Diaz de Solís em 1516. O autor explica que os expedicionários espanhóis, em uma missão de interesse da Coroa Espanhola, procuravam um ponto de união entre o oceano Atlântico e o Pacífico. Nessa viagem, encontrou, no sul do continente americano, um enorme estuário, mais tarde denominado Rio de La Plata. Desembarca na costa do atual Uruguai, onde sucumbe, vítima dos índios da região.

Barbosa Rodrigues (1985) relata que, em retorno à Espanha, um dos barcos da expedição naufragou próximo ao litoral de Santa Catarina, quando onze tripulantes se salvaram, e foram acolhidos pelos índios guaranis, senhores da região. Os espanhóis foram abrigados pela comunidade guarani e no convívio de oitos anos com esses povos, conseguiam se comunicar e se informar sobre os adereços de prata que os índios possuíam, além do caminho para encontrar minas de prata. José Barbosa Rodrigues, em sua exposição, realça o europeu Aleixo Garcia com seu dom de literato, de convencer e de entusiasmar as pessoas, assim, como a sua liderança, conseguiu seduzir os índios da região em busca da serra da prata. Dessa maneira, Aleixo Garcia, em 1524, foi o primeiro branco a cruzar o solo sul-mato-grossense, segundo José Barbosa Rodrigues (1985) que no seu texto elucida em nota de rodapé onde cita Roberto Southey, a definição da palavra guarani, *ava'án etá* que significa pátria das almas dos homens, descrevendo que, os indígenas acreditavam na existência de regiões muito ricas em alimentos, verdadeiros paraísos, onde o milho e as maçãs cresciam em abundância, raízes de que os naturais faziam vinho, onde peixe e carne andavam a rodo, e as ovelhas eram do tamanho de mulas (RODRIGUES, 1985, p. 29). A crença dos guarani no *ava'án etá* facilitou para Aleixo Garcia organizar uma expedição com dois mil homens da comunidade guarani para encontrar o caminho das pratas. Para José Barbosa Rodrigues (1985) o europeu também se deixou levar pela fascinação do auri sacra fames, como é o caso de Aleixo Garcia que tinha fome por ouro por riquezas fabulosas que prometiam a nova terra.

Nessa viagem, conforme descreve Barbosa Rodrigues (1985), a expedição trilhou um caminho conhecido como Peabiru, este trilheiro tinha oito palmos de largo e ligava o Atlântico, desde as praias do atual Estado de Santa Catarina, ao Rio Paraná, de onde bifurcava-se para o território de Mato Grosso do Sul e para a região de Lambaré no Paraguai (RODRIGUES, 1985, p. 30). Portanto, para o autor, o europeu Aleixo Garcia merece a glória de ser o descobridor desse território. Barbosa Rodrigues faz questão de registrar as administrações do governo espanhol colonial, dos Adelantados, como parte da história de Mato Grosso do Sul, ao referenciar, por exemplo, o Puerto de Nuestra Señora de la Candelária atual município de Corumbá. Desse modo, para ele, iniciava-se a presença definitiva da gente espanhola em terras da América do Sul, principalmente nos rios da Bacia do Prata e, especialmente, no Rio Paraguai. Assim, José Barbosa Rodrigues (1985) deixa bem evidente, em sua escrita, que o povoamento branco no território de Mato Grosso do Sul foi, primeiramente, realizado pelos espanhóis. Igualmente, destaca a gestão de Domingo Martinez de Irala, que governou o Adelantado por dois períodos, de 1539 a 1542 e de 1544 a 1556.

Quanto à história de Mato Grosso do Sul, Barbosa Rodrigues (1985) recupera alguns momentos do passado que necessitam ser lembrados e que devem entrar na construção de uma tradição. Entre os eventos e feitos do passado histórico, o autor traz à tona os primitivos habitantes os índios como de índole dócil, o governo dos Adelantados (os espanhóis como os descobridores de Mato Grosso do Sul), os jesuítas que garantem a presença do catolicismo na formação do Brasil, as monções e as bandeiras (conquistadores das riquezas mato-grossenses e da formação do herói como símbolo de brasilidade), a Guerra do Paraguai e a Retirada da Laguna que valorizam o espírito militar e a coragem das famílias pioneiras sul-mato-grossenses, a extração da erva-mate a pujança do poder econômico e o monopólio de terra controlada pela empresa Mate Laranjeira, a estrada de ferro (o desenvolvimento da região sulista), a migração gaúcha com trabalhadores e conhecedores da agropecuária, o nascimento do estado de MS (como uma conquista dos divisionistas). Portanto, a história divulgada por meio de obras publicadas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHG-MS) e pela Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL), em seus textos, privilegia os pioneiros brancos, portugueses, espanhóis e as famílias tradicionais, na medida em que eleva suas conquistas por meio das guerras e dos combates ocorridos no passado em territórios de Mato Grosso do Sul. (RODRIGUES, 1985, p. 63).

Vale a pena ressaltar que as criações de uma “identidade sul-mato-grossense” não são construções apenas dos intelectuais membros de associações e academias. Igualmente, mobilizam-se múltiplos elaboradores culturais, destacando-se os artistas plásticos, intelectuais, professores, políticos, escritores, pesquisadores, filólogos, turismólogos, ecólogos, comunicólogos, arqueólogos, antropólogos, literatos, jornalistas, historiadores, poetas, cantores, compositores, atores, cineastas, editores, publicitários, designers gráficos, cartunistas, dançarinos, promotores de eventos entre tantos outros que se encarregam, também, de criar identidades sul-mato-grossenses. Depois das considerações a respeito da história de Mato Grosso do Sul, passamos a focar a literatura do estado e suas particularidades.

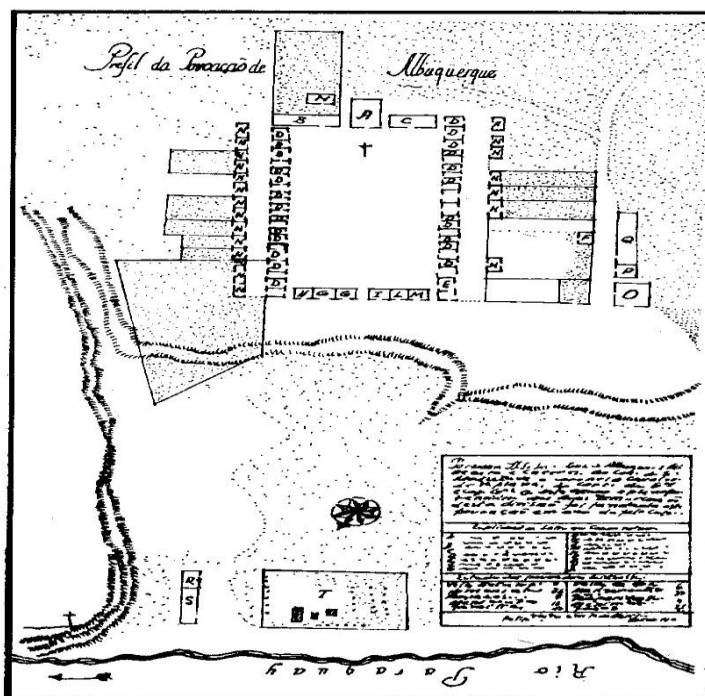
2.3 - Ocorrências e feitos poéticos em Corumbá

Encontramos nas narrativas de Lécio Gomes de Souza na obra intitulada *História de Corumbá* [s/l, s/n, s/d], que a ocupação da região de Corumbá começou no início do século XVI, mais precisamente no ano de 1524, quando os portugueses chegaram ao local na expectativa de encontrar ouro. Continua Lécio em seu relato que no ano de 1776 o Capitão-General Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres recebeu carta do Capitão Geral de São Paulo, Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão informando do avanço castelhano. Era uma violação espanhola ao tratado em vigor, devendo voltar-se imediatamente à defesa das fronteiras do baixo Paraguai. Para a iniciativa, contratou os serviços do sertanista João Leme do Prado. No dia 20 de janeiro do ano de 1776 a Coroa Portuguesa colocou a disposição de Leme do Prado juntamente com o sargento mor Marcelino Rodrigues Camponês 30 soldados bem equipados. Estes sob as ordens do Capitão General Luís de Albuquerque comandante do Forte de Coimbra, receberam a determinação para instalar nos determinados quadrantes marcados no mapa um povoado. A partir de um minucioso exame realizado assinalaram extensos e elevados campos cobertos de mato, assaz favoráveis ao plantio.

Com isso Corumbá foi fundada no dia 21 de setembro de 1778 pelo Capitão-General Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, com o nome de Arraial de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque para impedir os avanços dos espanhóis pela fronteira brasileira em busca do mineral precioso (minério de ferro, manganês) e transformou-se no principal entreposto

comercial da região. A origem do nome é Curupah que, em tupi-guarani significa "lugar distante". Conhecida como Cidade Branca, devido à cor clara de seu solo, rico em calcário. Corumbá torna-se uma das mais importantes do estado de Mato Grosso do Sul e consta que até o ano de 1914, para ter acesso a qualquer parte do Brasil, os corumbaenses não tinham outra opção senão o rio da Prata, sendo obrigada a passagem por Assunção, Buenos Aires ou Montevidéu.

Fig. 3



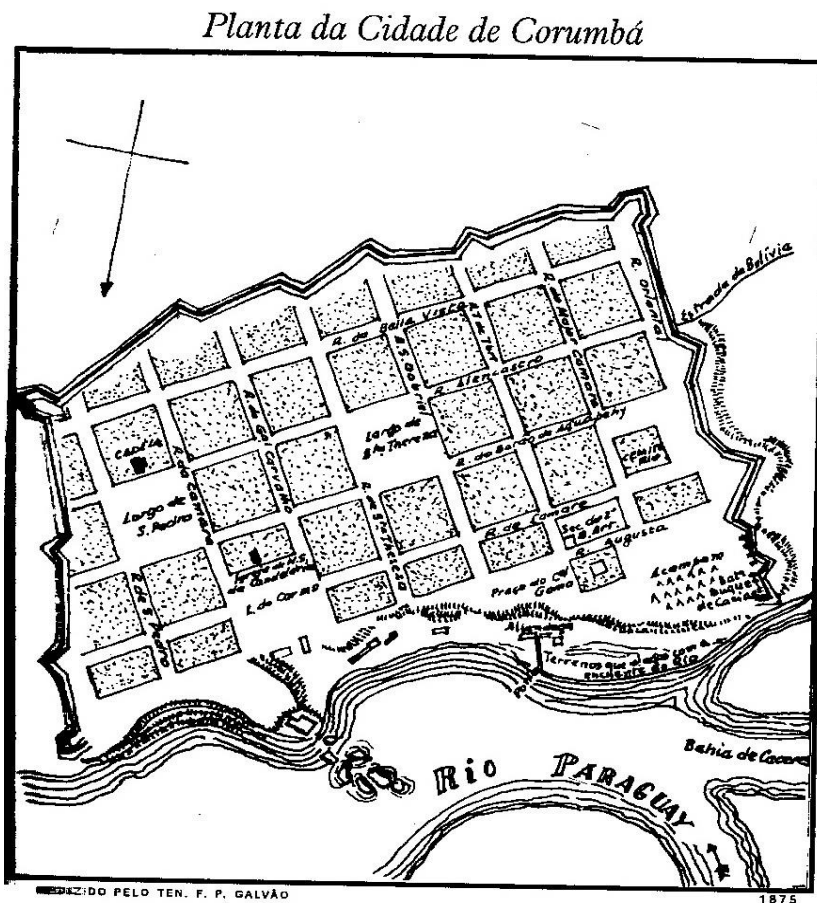
Planta da povoação de Albuquerque levantada pelo sargento-mor José Antônio Pinto de Figueiredo, datada de 1º de abril de 1789.

Fonte: *História de Corumbá*. (SOUZA), [s/l, s/n, s/d].

Destaca Lécio (s/d) que os costumes e linguagens platinas acabaram sendo absorvidos pelos corumbaenses. Essa convivência com os países platinos acabou sendo muito acentuada justamente por causa dessa relação em função do transporte fluvial. Por causa das influências Corumbá teve seus costumes baseados no folclore portenho, sendo muito comum na mesma época grandes empresários locais passarem por Montevidéu, via rio Paraguai, até chegar a Porto Alegre e Rio de Janeiro para assistir a algumas peças teatrais. As viagens eram feitas no Fernando Vieira, luxuoso navio com 100 camarotes de primeira classe, navio esse que também trazia as principais companhias de teatro do Rio de Janeiro e cidades do Prata para fazer a

apresentação no Bijou-Teatro, que era a maior casa de espetáculos da cidade, na época com 500 lugares.

Fig. 4



cidade de Corumbá, em 1875.

Fonte: *História de Corumbá*. (SOUZA), [s/l, s/n, s/d].

Lécio Gomes de Souza cita que a diversão e entretenimento amenizavam a sensação de isolamento que existia na região, e por causa disso, o rio Paraguai era o único meio de transporte e comunicação. Devido ao isolamento, a cidade acabou recebendo influência cultural desses países do prata, que se faz perceber na música, na gastronomia e no sotaque. No ano de 1913, um oficial das forças armadas, em visitava à cidade, falou ao chegar a Corumbá que no hotel, no bar, nas casas de comércio, por toda parte, ouve-se falar todas as línguas nessa longínqua e pequena babel e afirmou que não seria exagerado dizer que o português não é o idioma que mais se fala *História de Corumbá* (SOUZA), [s/l, s/n, s/d]. Esse é um depoimento que revelava a influência

estrangeira que existia em Corumbá na época. Na zona rural as bombachas, guaiacas e outros utensílios fazem parte da vestimenta de vaqueiros e donos de fazendas, além dos próprios pantaneiros. Linguisticamente, o muito obrigado era substituído por “gracias”. Também foram incorporadas palavras como “chalana”, “buenas” ao invés de boa tarde, “bolita” ao invés de bola de gude, pandorga ao invés de papagaio, “bolicho” ou venda ao invés de armarinho ou boteco, termos estes trazidos por argentinos e paraguaios. O jogo de carta mais praticado pelos corumbaenses era, principalmente nas fazendas, o truco espanhol. Há também outros hábitos adquiridos sob influência internacional com o chimarrão, fumar o guarani (este não mais existente), ou o costume de fazer a sesta.

Corumbá, de acordo com estimativas do censo de 2017 possuía uma população de 109.899 habitantes distribuídos por 32.259 domicílios, sendo o quarto município mais populoso de Mato Grosso do Sul. É também o décimo oitavo do Centro-Oeste do Brasil. Com uma área de 64.962,854 km² (superior à de países como Suíça, Eslovênia e Estônia), Corumbá é o décimo primeiro maior município brasileiro e o maior do Mato Grosso do Sul e da Região Centro-Oeste. É uma das mais antigas cidades conservadas deste Estado considerando a data de fundação do Forte Coimbra de 13 de setembro de 1775, *História de Corumbá* (SOUZA), [s/l, s/n, s/d].

A cidade segundo o historiador Lécio Gomes, sempre foi muito estratégica, regionalmente, para a entrada das mercadorias europeias e sua localização, após a serra de Albuquerque (que finaliza o Pantanal ao sul), no último trecho facilmente navegável do Rio Paraguai para embarcações de maior calado e a beira do Pantanal, que lhe garantiu um rápido e rico crescimento entre o final do século XIX e começo do século XX, quando a borracha da Amazônia passou também a ser exportada por ali. Era também um importante entreposto fluvial de Cuiabá e Cáceres, ambas importantes centros fluviais da região numa época em que só se chegava a Corumbá pelo rio, o que fez com que fosse centralizado temporariamente ali o parlamento estadual (nessa época por pouco Corumbá não foi a capital do estado). É o mais importante porto do estado de Mato Grosso do Sul e um dos mais importantes portos fluviais do Brasil e do mundo. Situada na margem esquerda do rio Paraguai e também na tríplice fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Bolívia, Corumbá é considerada o primeiro pólo de desenvolvimento da região. Existe uma conurbação de Corumbá com mais três cidades: Ladário, Puerto Suarez e Puerto Quijarro. Dessa forma, há uma rede urbana de cerca de 150.000 pessoas, sendo atendida por dois aeroportos.

Corumbá é uma cidade conhecida por sua diversidade cultural, com influências indígenas, sul-americanas, paraguaios, argentinos, uruguaios, bolivianos, árabes, italianas e portuguesas, que se expressam na sua culinária e na sua música. É um destino turístico importante, graças aos seus vários eventos, destacando-se o carnaval, o festival América do Sul, o festival latino americano de arte e cultura, entre outros. Corumbá possui vários cognomes, que descrevem características locais. Entre eles os mais conhecidos são Capital do Pantanal (pois é a principal e mais importante zona urbana do território pantaneiro e por abrigar 60% da mesma região), Cidade Branca da cor clara de sua terra, pois está assentada sobre uma formação de calcário, que dá a cor clara as terras, Tríplice-Fronteira do Centro-Oeste única cidade da Região Centro-Oeste do Brasil nessa situação, capital portuária do Centro-Oeste principal porto da mesma região e capital fronteira do Centro-Oeste principal cidade fronteira da região. Corumbá, está situada no centro oeste do estado de Mato Grosso do Sul. (Acessado em 12 de março de 2019 em: www.prefeituramunicipaldecorumba.ms.gov.br).

Após a guerra do Brasil e Paraguai em 1870, Lécio relata que Corumbá estava destruída e reduzida a ruínas, sendo abandonada a miséria. A partir daí, houve a reorganização do que foi devastado e a cidade voltou à normalidade que tinha outrora. No mesmo ano, uma divisão do Exército Brasileiro, trazendo mantimentos para abastecer a sua tropa, abriu novas perspectivas de comércio. Também houve a restauração da zona urbana e a retomada do comércio, além da recuperação da região portuária e das fazendas de gado que foram destruídas outrora na invasão paraguaia. Com o crescimento retomado, em 1872, iniciou-se a construção da Câmara de Vereadores de Corumbá. A Alfândega que tinha interrompido seu funcionamento, devido à ocupação paraguaia, só volta à atividade em 1872, ano em que é fundado o Arsenal de Marinha de Ladário. Em 1873, Corumbá dispunha de três praças, dez ruas retas e sua população eram de aproximadamente seis mil habitantes.

A história de Corumbá é repleta de curiosidades conforme cita o autor, a Cidade Branca tem as terras mais baixas do Centro-Oeste, o Pantanal, com pouco mais de 100 metros acima do nível do mar, além das terras mais altas do Centro-Oeste, a Serra do Urucum, onde as altitudes superam os 2 mil metros. Corumbá já serviu de refúgio para Ernesto Che Guevara e de prisão para o ex-presidente Jânio Quadros, no ano de 1968. É o maior município estadual, ocupando quase 20 por cento de todo território de Mato Grosso do Sul e também o embrião do Mercosul,

pois foi a primeira cidade da região a manter relações comerciais com países vizinhos, em especial Paraguai e Argentina.

A imprensa local nasce com a edição de *O Iniciador*. O movimento literário de Corumbá se mistura com os feitos da academia Mato-grossense de letras, pois grande parte das publicações e dos escritores eram os mesmos. As obras e seus respectivos autores eram corroborados em Cuiabá, capital de Mato Grosso. No ano de 1891, jornalistas se reuniram e decidiram iniciar com maior entusiasmo nos jornais *O Republicano* e *O Farol*, as publicações e trechos de poesias de diversos autores colaboradores desses periódicos. O ano de 1910 segundo o historiador Lécio Gomes de Souza estabelece-se como marco delimitador de uma nova fase literária em Corumbá, pois a imprensa juntamente com editores e diagramadores direcionaram maior apoio para as publicações dos autores locais e regionais. É, porém, com a *Revista Mato Grosso*, e diversos jornais e folhetins de Corumbá e Cuiabá que os escritores e seus textos começaram a se destacar e ganhar corpo literário no cenário das letras, (MESQUITA, Literatura Boróra, <http://www.jmesquita.brtdata.com.br/Acesso> em 02 nov. 2018).

José Mesquita é um nome bastante representativo para geração literária da década de 1920, pois trabalhou com grandeza para o desenvolvimento e manutenção da literatura de Corumbá e Cuiabá que representavam o maior número de contribuições literárias de Mato Grosso. Por volta de 1920 a cidade de Corumbá já contava com quase 20 mil habitantes e nessa época, o Centro Mato-grossense de Letras torna-se composto por diversos nomes: Virgílio Corrêa Filho 1887 - 1973, Estevão de Mendonça 1869 - 1949, Barbosa Faria 1878 - 1941, Filogonio Corrêa 1886 - 1964, Firmo Rodrigues 1885 - 1974, Antônio Fernandes 1888 - 1964. O Museu Histórico, conta com grande acervo e biblioteca. A Academia, sob a presidência de José de Mesquita, congrega um grupo de escritores, poetas e jornalistas de extraordinário valor.

Segundo Benedito C. G. Lima¹⁶, historiador e poeta corumbaense, no dia 7 de janeiro de 1972, estudantes se reuniram na residência do compositor Luiz Cambará com a intenção de se criar uma entidade para organizar a edição de uma coletânea poética. Inicialmente, segundo relata Benedito Lima (2017) os estudantes criaram a *Escola Poética Castro Alves*, que depois virou PEC (*Poetas Estudiantis de Corumbá*). Com o crescente sucesso, surgiram outras entidades

¹⁶ - Postagem no Jornal *Perola News* da cidade de Corumbá no dia 28 de fevereiro de 2017. Acessado em 25 de novembro de 2018.

culturais. Porém estas infelizmente, não mais existem, como: “ACIC”, (*Associação Corumbaense de Incentivo à Cultura*), “ACTA”, (*Associação Corumbaense de Teatro Amador*), “NCL” (*Núcleo Corumbaense de Letras*).

Lima menciona que o grupo “ALEC” (*Academia de Literatura e Estudos de Corumbá*), foi citado em livros, por vários escritores como: Renato Baéz, Lenine Póvoas, Magali de Souza Baruki. O historiador continua seu relato: Quando se fala de cultura em Corumbá, a referência principal é o Grupo “ALEC”, que continua a estimular os talentos artísticos locais até a presente data. Ainda Benedito Lima afirma que o Grupo ALEC é a entidade cultural mais antiga de Mato Grosso do Sul, sendo composta por diversos colaboradores escritores da cidade e região. Já a “ACL” (*Academia Corumbaense de Letras*), é uma associação que tem por finalidade ser exclusivamente literária e cultural. Encontra-se legalmente constituída com formato jurídico. É a associação literária máxima que representa a cidade de Corumbá. Os membros da academia são eleitos por seus pares, podendo concorrer aqueles que tiverem indicação de pelo menos três de seus imortais, e ainda: ter publicado obra significativa, ter reputação ilibada e residir na cidade.

Dentre os poetas corumbaenses, ressaltam a importância de Luiz Feitosa Rodrigues, cuja poesia é objeto de análise nessa dissertação. Benedito C. G. Lima (2017) destaca que a cidade de Corumbá, entre os anos de 1910 e 1950, possuía um forte cabedal poético literário. Pode-se estabelecer como o marco delimitador da nova fase literária em Mato Grosso (sul), em que as letras eram impressas nos jornais e haviam estímulos, pois as associações literárias publicavam as obras e o entusiasmo tornara-se contagiante. É com a *Revista Mato Grosso*, editada pelo Liceu Salesiano São Gonçalo, sob a direção do Padre Helvécio Gomes de Oliveira, e depois do Padre Francisco de Aquino que os autores corumbaenses se destacaram no cenário regional e nacional. Essa nova geração trazia uma grande bagagem e conhecimento literário.

CAPÍTULO III

LUIZ FEITOSA RODRIGUES: UM CORUMBAENSE NO TERRITÓRIO DA POESIA

O escritor Luiz Feitosa Rodrigues nasceu em Corumbá, MT, hoje MS, no dia 25 de agosto de 1889 conforme descreve a apresentação de sua biografia em CASTRO, A. *Literatura Corumbaense*, (1981). Exerceu a profissão de marítimo até ingressar no magistério, profissão que também escolheu para fazer veicular seus conhecimentos. Ocupou o cargo de Secretário Municipal de Corumbá em várias administrações. Seu nome intitula via pública e escola na cidade de Corumbá. Publicou dois livros de versos: *Inspirações* (1936) e *Devaneios*, (Tipografia Trouy, 1950). Era membro da Academia Mato-grossense de Letras. Ocupava a cadeira número 36.

Por volta de 1914 escreveu letra e melodia do hino do município de Corumbá. Participou da fundação da (SSCH) Seleta Sociedade Caritativa e Humanitária em Corumbá, entidade filantrópica que dá assistência aos menores de idade em condições sociais precárias. Foi diretor e professor do Centro Operário de Corumbá, fundado em 1919, com objetivos principais de organizar uma biblioteca, fundar escolas primárias, de desenho, de ofícios e fundar uma escola de música. Era aberto a todas as categorias de trabalhadores, desde que atendessem às exigências comuns às outras entidades, sem distinção de classe, nacionalidade, cor, política ou crença religiosa. Buscava ainda trabalhar pela união, pelo prestígio e pela prosperidade da classe, procurando elevá-la moral, cívica e intelectualmente, fim primordial dessa a sua aspiração, (CASTRO, 1981, p. 24).

Ligado diretamente ao movimento docente, bem como às camadas vinculadas a questões da literatura da cidade e da região, onde se manifestava nos espaços naturais da cidade, sentia-se, dessa forma, à vontade para expressar sua grandeza sob a forma de expressividades poéticas, que sua criatividade produzia. O autor consegue transpor limites nas suas obras, em que habita a sensualidade, representando a mulher amada pelas nuances das palavras despidas de caricaturas e dúvidas, nas poesias contidas na obra *Devaneios* (1950). Apresenta, na página 10, a poesia “*na montanha*” refletindo sobre o frio da manhã na altitude elevada e solitária, moldando um caráter insólito. Trata também das festas e datas comemorativas como “*13 de junho*”, festa de “*São João*”, do fulgor da alma no flamejante tragar do fumo em “*nas volutas do fumo*”, do *castelo*

abandonado, onde a vida permanece inerente ao tempo, de forma que o entendimento do contexto torna-se fácil, misterioso e peculiar.

No cenário da literatura de Luiz Feitosa Rodrigues, encontramos vários momentos que se consolidaram como reflexos das mutações externas ou seja das mudanças dos gêneros narrativos e das escolas literárias. Em um período no qual todo o “mundo” foi sacudido por uma série de transformações no século XX e pelas conquistas sociais, presenciamos diferenças no comportamento das letras diante dos padrões sistematizados, o que é prenúncio de conquistas de um momento nobre e edificante. O Modernismo aponta novos rumos, eleva o pensamento e desenvolve a expressividade linguística. O homem atual passa por um processo de transformação e de avanço. E nesse período que se insere a produção poética de Feitosa Rodrigues.

Os aspectos da Poética de Luiz Feitosa Rodrigues mostram sutileza, amor, paixão, solidão e o desejo inesgotável do misterioso nas poesias sobrenaturais. Tal poética nos incita a rememorar as colocações do poeta e crítico mexicano. De acordo com ele o homem é um ser que se criou a si próprio ao criar uma linguagem. Pela palavra, o homem é uma metáfora de si próprio. A poesia é o ponto de intersecção entre o poder divino e a liberdade humana. (PAZ, 1982, p. 72). As considerações sobre a obra *Devaneios* possibilitam uma viagem em que a amplitude da sensibilidade traduz-se em um despertar para a expressividade da alma, do amor pela mulher amada e pela conectividade do amante da nostalgia com suas lembranças.

O presente trabalho se constitui como pesquisa sobre a lírica de Luiz Feitosa Rodrigues, provida de nuances modernas, relevante com a literatura local e de caráter universalista. Luiz Feitosa Rodrigues utiliza os elementos de sua construtividade em duetos, tercetos, quadras, sonetos e hino para explorar seus sentidos e significados. O teor lírico mantém o caminho para a integração entre palavra, imagem e sonoridade que resultam em uma expressividade rica, opulenta e brilhante. A lírica de Luiz Feitosa é definida por sentimentos que contradizem a razão, reflete o estado de espírito transmitindo emoções e sensações que tocam o coração. Sob essa perspectiva, são válidas as seguintes ponderações de Antonio Candido para a sua poética:

[...] tende a anular o aspecto humano, em benefício de um pitoresco que se estende também à fala e ao gesto, tratando o homem como peça da paisagem, envolvendo ambos no mesmo tom de exotismo. É uma verdadeira alienação do homem dentro da literatura, uma retificação da sua substância espiritual, até pô-la no mesmo pé que as árvores e os cavalos, para deleite estético do homem da cidade. (CANDIDO, 1989, p.212-13)

A poética de Feitosa representa sua própria vida, seus anseios e suas manifestações interiores expressa do real ao fictício, resultando em uma identidade cultural que valoriza suas raízes literárias, conforme se pode observar nos poemas transcritos abaixo:

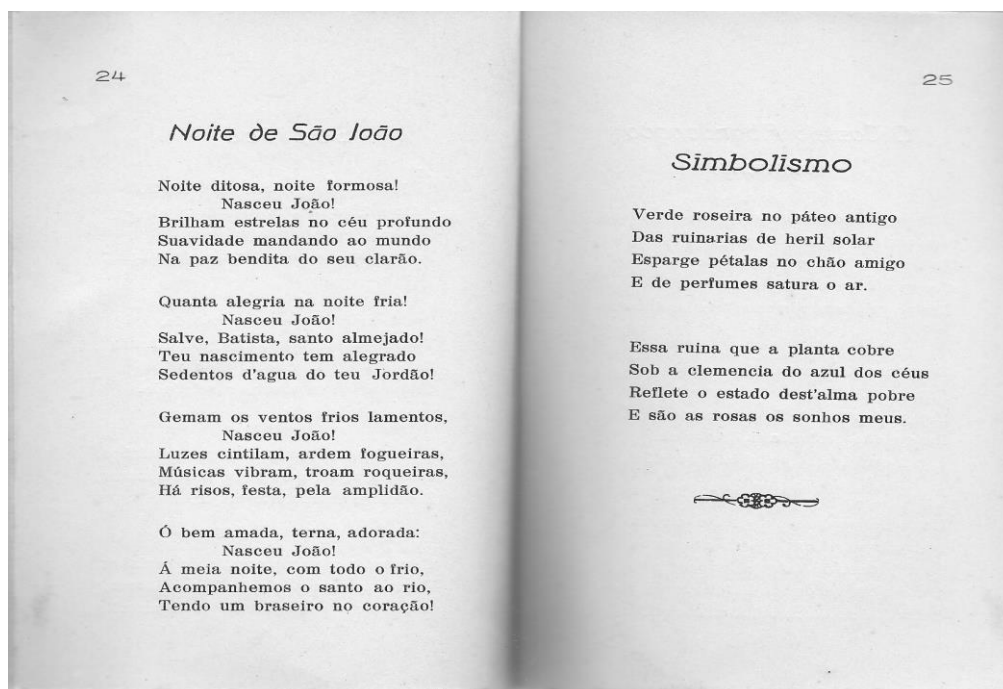


Fig. 5

“Noite de São João”
Noite ditosa, noite formosa.
Nasceu João!
Brilham estrelas no céu profundo.
Suavidade mandando ao mundo.
Na paz bendita do seu clarão.
Quanta alegria na noite fria.
Nasceu João!
Salve, Batista, santo almejado.
Teu nascimento tem alegrado.
Sedentos d'água do teu Jordão.
Gemam os ventos frios lamentos.
Nasceu João!
Luzes cintilam, ardem fogueiras.
Músicas vibram, troam roqueiras.
Há risos, resta, pela amplidão.
Ó bem amada, terna, adorada.
Nasceu João!
À meia noite, com todo o irio.

Acompanhemos o santo ao rio.
Tendo um braseiro no coração.

“Simbolismo”

Verde roseira no pátio antigo.
Das ruinarias de heril solar.
Esparge pétalas no chão amigo.
E de perfumes satura o ar.
Essa ruína que a planta cobre.
Sob a clemência do azul dos céus.
Remete o estado desta alma pobre.
E são as rosas os sonhos meus.

(RODRIGUES, 1950, p. 24 - 25)

Em “Noite de São João”, louva-se a noite de nascimento do santo que dá nome ao poema e no segundo, “Simbolismo”, há uma referência à rosa, tema por excelência da poesia em todas as épocas, a qual surge nos escritos de Rodrigues como símbolo da passagem do tempo, da brevidade da vida. Os textos poéticos acima comprovam a qualidade dos escritos do poeta corumbaense, confirmando o que afirma Octavio Paz (1982, p. 31):

[...] O poema, pelo contrário, apresenta-se como um círculo ou uma esfera, algo que se fecha sobre si mesmo, universo autossuficiente no qual o fim é também um princípio que volta, se repete e se recria. E essa constante repetição e recriação não é senão o ritmo, maré que vai e que vem, que cai e se levanta.

Pode-se considerar as poesias de Feitosa Rodrigues como patrimônio que embora tenham sido escritos no passado, continuam ativas no processo cultural, como um elemento efetivo do presente, que se revitaliza a cada leitura e se enche de novos significados e possibilidades de interpretação.

Não existe nada mais evasivo e indefinível do que o poético. A força de acompanhar os substantivos contrários, este adjetivo parece vazio de conteúdo, flutua, sem que nada o sustente, à deriva, não vai a lugar algum, exceto, é claro, ao encontro de si mesmo. O adjetivo o arranca de suas referências habituais e o confronta consigo mesmo, com seu próprio ser, para que seja mais plenamente. (PAZ, 1982, p.11).

Nesse sentido expressar a força da imagem, assim como inspirar emoção, faz da poética uma estratégia para a vida se tornar mais plena, interligando o material às situações do sentido e das sutilezas da alma. O poeta pensa por imagens e traduz seus devaneios não importando o que será revelado. Nesse âmbito, surge a imagem que seduz, choca e acentua o trabalho do poeta, fazendo emergir um discurso que parece vir de outro, que não daquele que se conhece. A poesia

e suas combinações na linguagem, juntam-se para a compreensão das manifestações ao longo da história literária. Nesse sentido, afirma Paz (1982, p. 42) que a poesia é “el lugar de encuentro”. E pode ser também o lugar do desencontro, de infinitas possibilidades, do hermetismo, que dificulta penetrar no texto poético e deve extrair interpretações. A poesia é o território do ambíguo, do estranhamento, mas também, da simplicidade, da clareza e do paradoxal.

Por meio dessa pesquisa, espera-se fazer a divulgação e manutenção da identidade cultural da lírica poética de Luiz Feitosa Rodrigues, tornando-se assim um patrimônio, um conjunto de identidade literária que pertence a população e a sociedade, sendo uma herança que deve ser preservada, cuidada e, principalmente, transmitida para as novas gerações. Integrar nossos leitores, bem como nossa sociedade às práticas literárias, amplia o alcance da literatura de Feitosa. *Devaneios* é uma obra de caráter poético, escrita e inspirada nas mais diversas situações subjetivas e ficcionais do poeta Luiz Feitosa Rodrigues. O autor tem um mundo particular, no qual se erguem de forma imaginária situações ilusórias, como amor não correspondido, outras situações e, por meio de sua expressividade, fazem com que o leitor se identifique com as minúcias. Faz dessa autonomia poética, o poder de comunicar, construir e remodelar o meio e o mundo. Essa questão permite transcender para o começo ou o fim, sem perder a essência da juventude. A obra de Luiz Feitosa Rodrigues mantém-se até os nossos dias, pois a poesia não tem idade, estabelecendo seu percurso num reviver capaz de iluminar novas habitações sedentas da luz literária.

A poesia, por conseguinte, permanece como uma identidade, um acervo da cultura humana, de forma que se torna uma representação das manifestações históricas e culturais de uma sociedade. O poeta nada mais é que um verdadeiro mensageiro cujas palavras cruzam o tempo, o espaço e as manifestações sociais. É um criador, enfatizador da arte de escrever, de modelar, de dar vida e esperança que ao longo dos tempos, vem estabelecendo sua criatividade nos contextos e textos dos homens. A importância da formação do leitor com relação à literatura estabelece vínculos que conduzem ao prazer de fazer parte do cotidiano e que são fontes de inspirações do autor, combustível valioso que envolve um talento sem igual. O poeta manuseia as palavras, com seu conhecimento primoroso e fornece expressividade com beleza e ternura.

A instância poética parece tirar do passado e da memória o direito à existência, não de um passado cronológico puro, o dos tempos já mortos, mas de um passado presente cujas dimensões míticas se atualizam no modo de ser da infância e do inconsciente. A

épica e a lírica são expressões de um tempo forte (social e individual) que já se adensou o bastante para ser reevocado pela memória da linguagem. (BOSI, 1977, p. 112).

Na citação acima, Bosi afirma que na essência poética apresentada na atualidade não existe contagem do tempo, pois a correspondência e a simultaneidade proporcionam um resultado eficaz. Essa percepção transfigura a linearidade do tempo, sendo o meio que os estudiosos da literatura acharam para conquistar e conspirar com o cronológico. Isso revelou ser uma virada positiva no meio poético. Pode se dizer que foi uma característica revolucionária. Desta forma a expressividade poética se delineia substancialmente dentro do tempo e por ele passando sem perder sua propriedade, sua natureza, sua identidade, sua alma. Assim o crítico aproveita nesse composto de suscitar no meio poético a conduta política, cultural e social de modo abrangente, mesmo que corregeionarios, partidários e seguidores literários não adotem essa mesma linha de conduta ou esse mesmo pensamento. Estas considerações para uns passam por positivas enquanto para outros somam conflitos e desavenças. Tal desarmonia entre os senhores da poesia com a sociedade, resultou numa tensão fazendo com que a criatividade poética de diversos autores se manifestasse criando uma certa oposição à ordem dominante. O resultado é um sentimento de revolta contra o mundo moderno e, mesmo que isso não tenha sido manifestado explicitamente. Esse ocorrido repercutiu em várias manifestações poéticas.

Dessa maneira, o gênero literário conecta passado e presente, conforme se pode comprovar na produção poética de Feitosa Rodrigues. O hino da cidade de Corumbá, escrito por Luiz Feitosa Rodrigues, expressa imagens da cidade na sua composição: “encantos primorosos nas tuas verdes colinas em tuas águas serenas no teu céu onde o cruzeiro cintilante sempre está...” Com marcas próprias e precisão conotativa, o hino encanta e torna-se de fácil assimilação.

O Hino de Corumbá mistura subjetividade a temas cotidianos resultando em uma poesia de qualidade contínua. (Extraído do site da Prefeitura Municipal de Corumbá, www.corumba.ms.gov.br, em 20 de dezembro de 2018).

Corumbá destes meus sonhos.
 E dos meus primeiros dias.
 Ainda sinto o calor.
 Como raio de saudade.
 Dentro do meu coração.
 Os teus dias tão risonhos.
 Tem pra mim tanta alegria.
 Até a lua com fulgor.
 Parece não ter vontade.
 De deixar este torrão.

(Estribilho).
 Corumbá, eu quero ter (BIS).
 Sob o teu céu tão brilhante.
 Feliz viver.
 Vejo encantos primorosos.
 Nas tuas verdes colinas.
 Em tuas águas serenas.
 No teu céu onde o cruzeiro.
 Cintilante sempre está.
 Em teus prados tão mimosos.
 Marchetados de boninas.
 Em tuas noites amenas.
 Em teu luar tão fagueiro.
 Tens encantos Corumbá!
 (Estribilho).
 E quando teus horizontes.
 A frouxa luz do poente.
 Se matizam de mil cores.
 De saudade fica presa.
 Nossa alma juvenil.
 Rendilhada de altos montes.
 Tendo aos pés águas silentes.
 Bela terra dos amores.
 Corumbá, és a princesa.
 Do ocidente do Brasil!
 (Estribilho)
 (RODRIGUES)

Em versos singelos, o poeta presta uma bela homenagem a sua cidade natal e enfatiza as suas qualidades, metamorfoseando-a numa figura feminina – a princesa do ocidente do Brasil – que merece ser amada e admirada, como uma paragem aprazível, com paisagens inesquecíveis tecidas pelo luar, pela noite e pela luz que revigoram e revitalizam perenemente essa parte tão especial do estado de Mato Grosso do Sul. Além do hino, Luiz Feitosa Rodrigues, escreveu também dois livros, *Inspirações* (1936) e *Devaneios* (1950). Este segundo é objeto de pesquisa e análise na presente dissertação. Por vários anos Luiz Feitosa Rodrigues publicou na coluna do *Jornal O Momento* em Corumbá, postagens poéticas. O livro *Devaneios*, está composto por poemas e sonetos, contendo 47 páginas no total e foi lançado em 1950. Nessa obra há referências do poeta que mostram a situação relativa à guerra Brasil/Paraguai, apresentando os fatos que marcaram os acontecimentos do dia 13 de junho. Data esta em que se comemora a retomada da cidade de Corumbá, então invadido pelos paraguaios, no ano de 1867, após dois anos de posse.

A obra de Feitosa Rodrigues expõe um panorama de aspectos tão múltiplos quanto originais nas abordagens das questões linguísticas, literárias e culturais a partir da convivência

com os pantaneiros, bolivianos, paraguaios, entre outros povos que migraram para Corumbá, na época de seu apogeu. Seus escritos apresentam traços cunhados nos elementos linguísticos que trazem resquícios da influência platina, pantaneira, resultado de uma miscigenação étnica com características próprias da cidade branca Corumbá. Esses e outros elementos serão o foco das análises sobre o livro *Devaneios*, que serão realizadas mais adiante.

3.1 - A crítica epistolar e a poesia de Luiz Feitosa Rodrigues

As cartas de homenagens com referências à poética de Luiz Feitosa Rodrigues são relevantes na descrição e na importância dos feitos do poeta, pela admiração, pelo conteúdo, tornando-se, assim, objeto de registro em nossa pesquisa. Essas cartas estão publicadas nas páginas finais da Obra em estudo, *Devaneios*, (1950).

Carta de Pedro de Medeiros, poeta corumbaense, publicado no Jornal *Tribuna de Corumbá*. (Versos de Luiz Feitosa Rodrigues)

Toda vez que vejo um grupo de crianças em ciranda, imagino que os poetas todos que proliferam pelo Brasil adentro, de mãos dadas, talvez formassem um grande círculo, no centro do qual o próprio país coubesse inteirinho. Até eu faria parte da imensa cadeia, eu que deixei o colégio aos 14 anos, escrevendo cerveja com S... Até eu sou poeta! A culpa, em parte, pode ser atribuída ao próprio governo, que tem sido de uma galanteria a todo transe para com os ignorantes do meu quilate, decretando sobre gramática e permitindo graiar-se a língua pátria por métodos diversos, o que vale dizer, sem método. De modo que, somos um país onde os poetas se contam aos milhares. Para cem destes vertiginosos fazedores de versos, há, felizmente, um, capaz de ser tido em conta de verdadeiro poeta. Era de inteira justiça que a Corumbá, à Cidade Poesia, coubesse a glória de dar ao Brasil um desses raros poetas de verdade. E deu. Deu Luiz Feitosa Rodrigues que vem publicar *Inspirações*, um livro de versos que refletindo a sutileza, o alto grau de emotividade do autor, em versos lapidados, cheios de poesia pura, espontânea, lírica, imaginosa, afetiva, sonhadora e perfeita, por isso mesmo o distância dos borra-botas, dos intrujões e dos iconoclastas da grande arte de Erato, os monstros marinéticos que tem a coragem de chamar de versos ainda deste ser humano segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira, sábado! Que pena! não tem feira!... É que nas primeiras décadas do nosso calo, as artes em geral, sofreram um verdadeiro martírio. O cubismo fez tudo para estrangular a estatuaría, a desorquestração tentou por todos os meios e modos a harmonia; arroubos de sintetismo pintaram o diabo com a pintura e a poesia, coitada, caiu no mercado do pedantismo, para irritar o sistema nervoso dos passadistas que ainda são os homens de bem da literatura. Irritá-los, sim, com cretinices como esta: Se você quiser o velocino de ouro... Se você quiser uma estrela... Se você quiser uma pérola do fundo do mar... Se você quiser a lâmpada de Aladino... Se você quiser a varinha de condão... Se você quiser a Lua... Se você quiser a bota de sete léguas... Se você quiser o anel mágico... Se você quiser todos os tesouros da terra... Se você quiser a fórmula da felicidade... Se você quiser ir habitar o paraíso... Eu não poderei casar-me com você... Luiz Feitosa Rodrigues enriquece a bibliografia nacional com um livro ó ... *Tim Inspirações* foi impresso na Tipografia da capital bandeirante. Tive a impressão de apertar as mãos do poeta, ao receber o seu livro. A

capa lembra bem os ternos de brim do autor. Eu diria mesmo que a capa do livro de Luiz Feitosa tem a cor da sua simplicidade, a cor da sua modéstia inamovível. Sem qualquer esforço de imaginação, pode-se afirmar que o livro é uma imagem do autor. Pois não é verdade que a simples indumentária de Luiz Feitosa agasalha um coração de ouro, uma alma privilegiada, um relicário de sentimentos os mais lindos e afetivos! Para vestir uma organização de homem assim, nem os veludos, nem os panos de Arrás, nem as sedas como aquela do vestido que o poeta canta! Sintamos todo o que vai às páginas do seu livro, sem atendermos à despreziosa feitura da sua capa cinzenta, em cartolina barata: versos humaníssimos, versos naturais, cantantes, sugestivos, delicados, perfeitamente medidos, magistralmente rimados, numa sequência deliciosa de motivos que levam a gente de CANTARES à HIBERNAL, de um fôlego quase como num passeio relâmpago, às regiões do sonho. Há um estado d'alma perfeitamente definido em todos os versos de Luiz Feitosa, eu diria, uma predisposição constante para a Bondade. "VITALINA". E tendo um certo ar de misticismo que esparge salutar magnetismo, atração que cativa, que seduz, faz lembrar as perfeitas formosuras das virgens das sagradas escrituras ou de Santa Tereza de Jesus. "DOMINGO". Como são alegres, como são festivos os domingos claros de gentis manhãs! Nasce o sol brilhante com seus raios vivos, pássaros em bandos cantam mais altivos, riem as boninas puras e louças! Em "O TEU VESTIDO DE SEDA", Luiz Feitosa espelha a delicadeza da sua organização sentimental. E o vestido de que fala o poeta chega-nos aos olhos, basta-nos, melhor, a contemplação, que em qualquer figurino. "O teu vestido de seda" . Teu corpo leve e franzino, se evola na noite lêda, dentro do azul peregrino, azul celeste, divino, do teu vestido de seda. Vou ter insano trabalho, fica-te assim muda e queda, toma em meu braço agasalho. Quero salvar-te. Estraçalho, o teu vestido de seda. (Tipografia Paulista). Estão de parabéns as letras Mato-grossenses. O livro de Luiz Feitosa Rodrigues é uma honra para os nossos foros de arte e cultura. E Corumbá terá suas razões para se orgulhar de mais alguma cousa. É o berço do grande poeta.

PEDRO DE MEDEIROS

Pedro de Medeiros, poeta inicia sua carta falando das crianças e do ensino precário no país. Era uma época de mudanças culturais, sociais e política. Tece palavras cordiais ao poeta Luiz Feitosa Rodrigues exaltando quem é o poeta e vai mais além chamando Feitosa Rodrigues de "verdadeiro poeta", raro "poeta de verdade". Possivelmente pelo fato de suas palavras estarem fertilizadas de versos sutis com tons ora carinhosos, ora místicos. Elogia as rimas bem casadas e cita trechos de seus versos realizando incursões na retórica de Luiz Feitosa propiciando-nos conceber sua estética na qual preenche os espaços que dão sentidos à vida e o amor. O alto grau de emotividade segundo Pedro de Medeiros faz do eu-lírico a consonância com o leitor diante da associação entre a sensibilidade na percepção de dramas e angústias. Segundo Alfredo Bosi a imagem é o efeito da consistência:

O que os estudiosos conhecem sob o nome de constância da forma. As figuras das coisas distinguem-se e separam-se umas das outras, e do seu próprio fundo e aparecem-nos como formatos que se destacam e que permanecem: podem-se discernir. É uma afirmação que vale tanto para a "imago" interna quanto para a sua inscrição, a imagem pictórica. Pode-se considerar o imaginário em si na sua camada material. Mas será, sempre, também um duplo "espectral" do ente com que se relaciona. Outro caráter da

imagem este, essencial para o desenvolvimento do nosso discurso é o da simultaneidade, que lhe advém de ser um simulacro da natureza dada. BOSI (1977).

A imagem torna-se a personificação das nuances e expressividades do poeta. Fluindo cores e formas que sustentam, estruturam sua poética. Daí sua estética e identidade registrando como espectro e resultando na quimera do literato. Com relação às suas produções poéticas, os versos de Luiz Feitosa Rodrigues apresentam peculiaridades artísticas que se desencadeiam na cadência e no ritmo estabelecido por sua formação. Caráter fundamental da oralidade que é feita e eficazmente pela musicalidade que realizamos no remate da composição poética.

Carta do Poeta Da Cruz de Cuiabá, MT.

Começamos pela prata de casa. Inspirações, de Luiz Feitosa Rodrigues. É um livrinho de cem páginas, contendo vinte e sete composições poéticas. Pequeno, mas de essência variada, lirismo. “Vitalina”, “O Teu Vestido de Seda” e “Bela Adormecida”, “Panteísmo” “Plenilúnio” e “Arvore Morta”, civismo “À Corumbá”, se casam harmoniosamente, neste livreto. A nota elegíaca do Hibernial e do Só, como bem se ajusta ao leve humorismo do Papai Noel! Feitosa consegue em plena era de rádio e do jazz, um milagre que ainda nos faz ler versos de cadência junqueiraiana, e da filosofia a Antônio Nobre, como Domingo e Insônia, ora só isso já é, positivamente, uma recomendação para o seu estro, que é, no fundo, mais do que tudo, romântico, ou melhor, lírico ou subjetivista. Um dos melhores trabalhos da série é aquele soneto, que ficou sem nome, que é simplesmente Soneto. Ele canta o azul, cor do céu infindo, Das águas das baías sossegadas, das montanhas longínquas, recuadas, das boninas que vem ao sol se abrindo..." E, no fim, a nota pessoal, a que não se furtam os românticos - confessa que ama o azul porque, recorda as tardes quietas. Que em êxtase passei feliz, sonhando, sob a luz muito azul duns meigos olhos." Atiro-lhe a primeira pedra quem não foi lírico um dia.

DA CRUZ, CUIABÁ, MT.

O poeta Da Cruz da cidade de Cuiabá com muita propriedade relata com veemência e persuasão os versos de autoria de Luiz Feitosa Rodrigues em sua carta. Segundo Da Cruz são versos comoventes, abundantes de riqueza nos remetendo a férteis inspirações. Cabe também ressaltar as descrições do céu azul, marca registrada do salto no olhar para o horizonte no qual nos leva a sintonizar às inquietudes que redefinem nossos pensamentos e sentimentos. Da Cruz cita também a invasão da mídia como o rádio com músicas daquela época bastante divulgadas como o jazz, mas que ainda os poetas desvendavam seus espaços publicando em jornais, nos programas das rádios em suas próprias publicações e nos espaços destinados a cultura. Octavio Paz conta que o poeta se alimenta de estilos. Sem eles não haveria poemas. Os estilos nascem,

crecem e morrem. Os poemas permanecem, e cada um deles constitui uma unidade auto-suficiente, um exemplar isolado, que não se perde jamais.

Carta do Cônsul paraguaio Dr. Alonso Quintana, no mundo das Letras.

A propósito do livro de poesia ultimamente publicado pelo nosso ilustre confrade Professor Luiz Feitosa Rodrigues, o brilhante intelectual paraguaio Dr. Alonso Quintana, Cônsul da República amiga e vizinha, enviou-nos as seguintes linhas: Señor D. Luiz Feitosa Rodrigues. Presente, apreciado amigo y poeta. Con marcado placer he recibido O CCL a su libro de versos *INSPIRAÇÕES* con su amable y gentil dedicatoria autográfica. Que hondo placer espiritual me ha proporcionado ese azul manojito de hermosas quanto vibrantes poesías. Este día se ha lenado mi corazón de un enuvio cálido, perfumado y reconfortante. Puedo imaginar, hablando en metáfora, que huíme de la prosa de la vida, para internar-me algunas horas en el parnaso, bebiendo las aguas cristalinas de la divina fuente castalia, en medio de la suave caricia de una música inspirada en helicón. Agradézcole, amigo Feitosa Rodrigue pues, este bien para mi espíritu, que no escapa, porque no puede ser excepción de los sinsabores de la vida material, donde abundam los mesquinos y los falsos. Vd. es un lírico de múltiples facetas, sentimental, con la alegría de las auroras y la tristeza de los entardeceres, profundamente filosófico y más profundamente sensitivo. La noche que le escribo esta breve carta, golpea la tenue lovizna que envuelve de zelancolia las cosas en los días invernales, eso que gocé en lo íntimo del ánimo sus evocativos endecasílabos intitulados HIBERNAL y más para compartir con el numen cecto del autor la pena del padre muerto la madre auzente, que le tornara la vida nel sólo, desamparado, contra todo y com todos! Amigo poeta! Hágole llegar mis felicitaciones por el racimo celeste de su cosecha Adelante! que la poesia es la vida para 10s que sabem comprenderla en sus bondades al elevarnos sobre el ras del suelo, para regalarnos la ventura de la contemplación de lo bello en el conjunto de sus perfecciones. Suyo afectísimo Antonio Alonso Quintana Consul del Paraguai.

Antonio Alonso Quintana, Consul do Paraguai em Corumbá, ofertou em 1936 uma imagem da santa padroeira do Paraguai Nossa Senhora de Cacupê para ser colocada na igreja que a colônia paraguaia construiu no centro da cidade de Corumbá. Segundo as descrições de sua carta percebe-se uma exposição com relação aos conceitos da literatura do poeta Feitosa Rodrigues. O lirismo segundo Alonso Quintana cria cenas onde as horas do inverno se misturam com os sentidos e estes criam perspectivas e inquietudes na alma. Cita também o encaixe e as combinações rítmicas que fazem de seus versos evocações inebriantes criando os devaneios que existem em todo ser. Signos ficcionais que tornam-se polivalentes fazendo da literatura de Feitosa um grande mergulho introspectivo como exercício de lirismo e do imaginário poético. Nosso coração pulsa alternando batidas e pausas, nossa respiração, nossa gesticulação, nossos movimentos são ritmados. Há trabalhos coletivos. No campo como na indústria que têm rendimento maior, em função do ritmo conjunto de todos os participantes. Certas provas esportivas em equipe dependem do ritmo conjunto para o bom resultado final. GOLDSTEIN

(2011). Toda atividade humana se desenvolve dentro de certo ritmo, por isso a cadência e o ritmo tornam-se fundamentais para a coerência e entendimento da criação, do lirismo poético.

Carta do amigo e admirador José Nonato de Faria, de Cuiabá, MT.

Uma Carta

Exmo. Sr. Luiz Feitosa Rodrigues

SÃO PAULO.

Caro amigo!

Recebi há pouco, vindo em uma mesma lancha e, quiçá, juntos em uma mesma bolsa, dois livros de mimo: *A sacudidela social e religiosa* de Tarcilla Henriques, oferecido por um amigo meu atualmente residindo aí nessa “Manchester Brasileira”, e o seu sublime *Inspirações* que já o li e reli encontrando nele, cada vez que assim o faço, mais pronunciado sabor desse dulcíssimo fruto do seu alevantado espírito, servido por possante inteligência. Confrontando os dois trabalhos, tive uma vez a prova do quanto vale uma educação cuidadosa, quanto de valor tem os singelos ensinamentos cristãos que as boas mães lançam nos corações em flor dos seus filhinhos no albor de suas existências. Dois livros que viajaram juntos e que quando fechados se parecem irmãos: ambos brochados, escritos com a mesma tinta, papel semelhante, com a diferença apenas um todo prosa e escrito por uma mulher, todo poesia e escrito por um homem.

Recebendo-os, coloquei-os juntos na estante, aguardando. Impaciente, os momentos de folga do trabalho, para aprecia-los. Abrindo-os. Assim, alternativamente. Um e outro por conhecer-lhes o âmago, vi logo as primeiras páginas, que não pude conserva-los juntos, unidos no mesmo lugar. São livros que germinaram em berço diferente hauriram, com alimentos diferentes e diferente alvo visam. Um escrito por uma mulher verdadeiramente miserável, porque perdeu toda sua limpeza. Outro escrito por um homem, riquíssimo de ideias e cujos pensamentos para nós aliás, habitam nossos sonhos. Um tem páginas que exalam o cheiro característico das cloacas; outro tem nas que rescendem o perfume embriagante das rosas embaladas pela viração fresca da manhã. Como conserva-los por mais tempo junto? Cada um (usando de uma expressão bíblica) foi para o seu próprio lugar. O seu livro, amigo Feitosa, retrata a sua individualidade sadia, o seu caráter forjado na bigorna da fé cristã. Os seus versos põe a descoberto o seu coração, o seu cérebro, a sua alma, o seu espírito, tudo saturado do Evangelho. E eu lhe dou os meus parabéns pela publicação desse seu trabalho que há de levar a muitos outros corações a mesma satisfação que trouxe ao meu. Qual dos seus versos o mais bonito? Está aqui uma grande dificuldade a resolver. Será o suave, o delicado, o emocionante “CANTARES” com que abro o livro? Será o imaginoso “INSÔNIA”, já muito meu conhecido? Será o tocante “ÁRVORE MORTA”? Será o “NOTURNO”? Já “SÚPLICA”, “Ó CORUMBÁ”, “O LARANJEIRAS” ou a classificação que faz a “VITALINA”. Todos são bonitos. Foram todos imaginados por um mesmo cérebro, movimentados por um mesmo coração, escritos por uma mão mesma, todos sublimados do mesmo ideal. Portanto todos bons. Fazendo votos para que continue a trabalhar produzindo sempre obras do padrão de *INSPIRAÇÕES* para opor resistência a essas obras más que abundam na atualidade a que matam, ao nascer, no coração da juventude, a inspiração dos altos ideais da humanidade. Subscrevo-me, agradecido. Seu amigo e admirador.

José Nonato de Faria.

José Nonato amigo, residente na cidade de São Paulo faz um relato suas impressões acerca da poética de Luiz Feitosa mostrando com nobreza e distinção os versos que para ele são dulcíssimos frutos do seu alevantado espírito. Registra aí palavras tão profundas que enobrecem

não só o autor, mas também a literatura de um modo geral. Pode-se dizer também que os meios de distribuição das obras não eram oficialmente realizada pelos correios e ou somente por vias terrestres. Nonato recebeu o exemplar da obra de Feitosa transportado com outros livros de uma lancha que percorria as regiões ribeirinhas do pantanal mato-grossense e sul mato-grossense até Cuiabá. Cita também que Corumbá era denominada como “Manchester Brasileira”, pelo fato de ter habitantes de várias nações residindo na cidade branca.

Nonato expõe: “O seu livro, amigo Feitosa, retrata a sua individualidade sadia, o seu caráter forjado na bigorna da fé cristã”. Discurso frágil se comparado ao efeito do ícone que seduz com a sua pura presença, dá-se sem tardança à fruição do olho, guardando embora a transcendência do objeto. A imagem impõe-se, arrebata. O discurso pede a quem o profere, e a quem o escuta, alguma paciência e a virtude da esperança. A predicação vai dando o justo relevo às diferenças que se estabelecem entre o antes e o depois, o causal e o casual, o possível e o impossível e, às vezes, o verdadeiro e o falso. Mas a Imagem e o devaneio se formam aquém do juízo de verdade. BOSI (1977). Com isso Feitosa registra em sua poética uma dinâmica na qual mostra fluidez, sensações harmoniosas recheada de imagens e símbolos.

Carta do Jornal Folha da Manhã, São Paulo, SP. Fundado em 1925.

Carta de legitimidade fraterna e biográfica à Luiz Feitosa, proveniente da *Folha da Manhã*. Nestes tempos em que até as musas estão propensas a materializar-se, em que só se ouve, pelos quadrantes da terra desolada, o eco bárbaro das competições afanosas, metalizantes, em que o coração da humanidade prevê o fim, sem remédio, das detividades mais caras, fazem bem à aridez acerba e desértica da alma, de quando em vez, inspirações primaverais de sensatez reconfortantes, como as que ofertou o Sr. Feitosa Rodrigues, à guiza do oásis providencial para nosso “eu” sedas estusias dos sentidos, das belezas rimas, das emoções da forma, das escaladas e cadencias. “Inspirações” é todo um repositório cheio de harmonias rimadas, bem divididas predominando poesia impregnada de espírito bucólico, bem eletivo. É de destacar “Domingo”, “Vitalina”, “Canção”, “Corumbá”, “De longe”. Salientando, porém, as que mais satisfizeram os nossos sentidos, é de justiça se reconheça que o livro agrada plenamente, consagrando definitivamente o jovem poeta mato-grossense. Porque, o Sr. Feitosa Rodrigues, que não força o estro, antes é exuberante de espontaneidade, começou por onde muitos de fina sensibilidade acabaram: triunfando.
FOLHA DA MANHÃ de São Paulo nº 3.661, 27 de fevereiro de 1936.

Esta mensagem do Jornal Folha da Manhã de São Paulo à Luiz Feitosa, mostra com nitidez a situação de uma época quando retrata a aridez nas almas, ou seja, a falta de sensibilidade que atingiam alguns desprovidos da sorte de conceber a retórica poética. Cita que Feitosa está triunfando e que seu estilo satisfaz aos sentidos do espírito humano. Relata também

uma poética bucólica e destaca alguns versos que os considera como eloquentes. O poema, sem deixar de ser palavra e história, transcende a história. Sob condição de examinar com mais atenção em que consiste esse ultrapassar a história, podemos concluir que a pluralidade de poemas não nega, antes afirma, a unidade da poesia. Cada poema é único. Em cada obra lateja, com maior ou menor intensidade, toda a poesia. Portanto, a leitura de um só poema nos revelará, com maior certeza do que qualquer investigação histórica ou filológica, o que é a sua recriação. Mas a experiência do poema através da leitura ou da recitação também ostenta uma desconcertante pluralidade e heterogenia. Quase sempre a leitura se apresenta como a revelação de algo alheio à poesia propriamente dita. PAZ (1982). A primazia da poética de Luiz Feitosa apresenta-se modo que sustenta em suas linhas uma estrutura com metáforas onde há ressonância e retorno. Signos verbais que se expandem e desdobram na medida que desenvolve seus versos.

Carta de Ulysses Cuiabano.

Luiz Feitosa Rodrigues.

Ulysses Cuiabano.

Luiz Feitosa Rodrigues, o delicado bardo corumbaense acaba de enriquecer as belas letras de Matogrosso com a publicação de mais um belo livro de versos, ao qual chamou de *Inspirações*. Este nome foi com felicidade escolhido, pois os vinte e sete poemets enfiados no mimoso volume são caracteristicamente formados de inspirados versos, de um sabor lírico admirável, esculpido ao rigor da escola parnasiana, que preconizara a perfeição do metro e a justeza da rima. Não tendo sofrido a menor influência do futurismo, mas conservando a pureza da forma cimentada pela correção da vernaculidade, as suaves estrofes das *Inspirações* cantam docemente em nossa alma, como a expressão singela da poesia genuinamente brasileira, vasado ao molde delineado por Bilac e Alberto de Oliveira. A influência do meio não deixou, contudo, de atuar sobre a feição regional dos versos de Luiz Feitosa, que, estonteado pela grandeza do cenário pátrio e pelas desmedidas proporções do ambiente, seu pensamento pelos vastos quadrante terra bruta, abrangendo com o olhar, painéis de uma extensão supre. Assim, são magistralmente descritas maravilhosas paisagens corumbaenses «Contemplação», "A Corumbá" e a modalidade predominante de versos do cantor dos " Prelúdios" é melancólica predisposição para ternura uma tristeza vaga e indefinida, que parece em seus cantares, num miro amor e de saudade: Ou "Um amor sem esperança, sem promessa que compensa tal o meu amor que nunca se cansa, que em meu peito chama e revive" (Penas). Então: De saudades, meu anjo, consulesa. Dia e noite, consola-me a lembrares. De ver-me muito breve a ti unida. Ó lembrança feliz ! Doce esperma. (Doce Esperança).

A poesia de Feitosa é simples e espontânea, cheia de imagens coloridas e penas.

Ulysses Cuiabano.

Ulysses Cuiabano apresenta nessa carta uma peculiaridade relativa a situação política nos anos 50 no qual o Brasil atravessava. Ocorreram duas eleições diretas a de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitchek, este que assume o governo com o compromisso de grandes melhorias, com

o slogan “50 anos em 5”. Existe uma certa tranquilidade institucional na população porque foram quase 10 anos sem golpes de Estado. Cuiabano dá ênfase especial à temática voltada para o sentimento em que encontram inseridas nas obras de Feitosa Rodrigues. Subjetividade que o autor utiliza para externar o lirismo nas questões que emanam dos sentimentos íntimos pelo qual os recursos estéticos das palavras são expressadas. Porta voz do coração! Sob o âmbito do raciocinar e do pensar a retórica poética de Feitosa comporta a simultaneidade nos sentidos do pensar ao sentir. Consequentemente a compreensão das metáforas utilizadas pelo autor, amplia as possibilidades de sua criação. Ulysses Cuiabano expõe no final de sua mensagem: “cantam docemente em nossa alma, como a expressão singela da poesia genuinamente brasileira”. São linhas e versos de um brasileiro, sul-mato-grossense que apresenta uma linguagem com objetos e caminhos abastecidos de afetividade.

Carta da Revista da Academia Mato-grossense de Letras

Pensamentos bons, não contem esses venenos sutis que se evoluem de ideias reacionárias nem as emanações deletérias e corrosivas do extremismo. Falando ao vento, o poeta diz: "Ó invisível cavaleiro andante. Que vens de longe, num galope audaz. No céu aberto, num viajar constante. Vem povoar meu pensamento errante. Só de sossego, quietude e paz." Foi com esse punhado de poemas harmoniosos, lindas flores colhidas no encantado jardim das suas *Inspirações*, que o vate corumbaense acaba de brindar a literatura regional da nossa terra, que muito espera ainda da pena fulgurante de Luiz Feitosa Rodrigues. Nos anos de 1950 a história diante de transformações e mudanças que a sociedade e toda nação passava, desde as turbulências sociais, políticas e os subterfúgios e revoltas que resultaram num período adverso para o Brasil. Assim, havia influência nos escritores, resultando em suas obras e poesias o cotidiano daquele momento como reflexos da vida, da política, e da sociedade. As criações poéticas de Luiz Feitosa apresentam a sonoridade de seu cotidiano, a cor da natureza e as imagens representadas nos seus poemas, os quais refletem o contexto natural, embora fictício, nos quais levam a sensações de caráter real. Ressaltam em suas composições elevação de alma, nobreza de sentimentos, delicadeza de afetos, dignidade de caráter. Empolga e dá vida, com tons fortes e enfáticos, mostra as peculiaridades de sua rua, da poeira da cidade, das montanhas que circundam a cidade branca. O poeta apresenta as festas, folclores, as homenagens, os eventos da cidade e as paixões. Paixões que se encontram presentes em diversas poesias da obra *Devaneios*. Retocam as palavras nas redondilhas, compostas com rimas, dando graça e manifestando a sutileza da construtividade em suas emanações poéticas. A estrutura literária intensifica-se com o poema “suplica”, no qual o autor utiliza determinadas palavras como estratégia lexical, com o intuito de envolver e sensibilizar o leitor utilizando de forte efeitos nas palavras, refletindo como tal, num efeito visual dos vocábulos. Com isso explora as sensações existente nos leitores, fazendo com que os signos verbais alcancem e projetem seu fervor, alegria, exaltação, lamento e amor.

Da Revista da *Academia Mato-grossense de Letras*.

A Academia Mato-grossense de Letras publicou esta carta no seu periódico dignificando o poeta Luiz Feitosa Rodrigues, especificando sua temática e pincelando sobre o momento do

país para aquela época. Diante de um período então conturbado pela qual a nação brasileira passava as realizações poéticas sobrepõem aos problemas e as vicissitudes não só de nosso país como também do mundo. O ambiente político do Brasil não andava em consonância com a erudição, pois a cautela com a expressividade mantinha os escritores em constante alerta nas suas criações. O pensamento ainda assim de diversos literatos com relação às suas criações atitudes e realizações são postos a prova diante de seus feitos, mesmo que causem algum tipo de dissentimentos. Imprime desta forma sua coragem e eloquência, personificando arrojo e determinação.

A estética poética de Feitosa segundo o relato da Academia Mato-Grossense de Letras possuem ingredientes locais que abordam a cidade e sua região identificando assim o real encanto existente nas terras calcárias de Corumbá. Como as montanhas que cercam a cidade branca e a sonoridade do cotidiano. Recompensa graciosa e benfazeja que abastecem nosso celeiro literário com as flores e encantos de sua lírica registrada na sua poética.

A própria origem da palavra arte implica uma atividade transformadora realizada pelo homem. Esta atividade, por sua vez, traz sempre, direta ou indiretamente, certas marcas das condições concretas em que ela se efetua. Daí se compreende que o ritmo, componente do poema, deva ter, uma relação com a época ou a situação em que é produzido. GOLDSTEIN (2011). Os escritores acompanham o processo e a mudança que ocorrem em seu meio. Sejam políticos, sociais ou culturais. Resultam em obras que tornam-se padrões para nossa compreensão de uma época pretérita, deixando o cunho de uma estética livre, acolhedora com primorosos encantos.

LUIZ FEITOSA RODRIGUES – De: Alceste de Castro.

Luiz Feitosa Rodrigues poeta, palestrante, professor. Quando jovem fez muitas leituras de diversos autores nacionais e estrangeiros, armazenou muito conhecimento. E com isso emancipou suas novas tendências filosóficas. Modesto, tímido, recolheu-se ao "seu cantinho", como ele chamava a sua biblioteca. E burilando versos, escrevendo contos, jamais saiu de sua humildade para demonstrar o ouro de sua lira. O poeta jocoso, alegre e irreverente cantor macarrônico daqueles versos famosos: Apareceu Garibaldi, tomando pinga num balde, gritando como Cambronne, tornou-se o lírico de composições pungentes, de uma profunda tristeza e uma dolorosa melancolia, um poeta dos ermos, das solidões, dos silentes ocasos outonais, um Virgílio lendo Kempis no pantanal. Naqueles tempos floridos, em verdadeira Academia de Letras, um recanto seletivo onde a boêmia corumbaense discutia temas filosóficos e literários fustigava a tagarelice política e social da época. Ressurge sob os clarões das madrugadas da Cervejaria Corumbaense, a verve dos arcades portugueses e mineiros. Nicolau Tolentino, Bocage, Macedo, Alvarenga Peixoto e Gonzaga, saíram dos casarões de Ouro Preto, do café Lisboa do Nicola e do botequim das Luminárias para o repasto de

ideias com os comensais de Chico Corutuba e Manoel Florêncio. Às vezes as recitações dessas noites de comezainas eram repetidas, na tarde seguinte, no café do Cancerosa, onde Pedro de Medeiros, Arnaldo Signorelli, Castro Brasil, Ricardo Cristovam, Luiz e Mário Feitosa bisavam os seus versos pintando os tipos e os fatos com traços caricaturais. Todos riam às gargalhadas ouvindo aquelas sátiras que só arranhavam, epigramas, ditos mordazes, improvisos e quadrinhas galhofeiros, onde Luiz Feitosa jamais chegou ao chiste chulo, pois os seus motejos apenas tinham uma graça maliciosa. Infelizmente, o secretário da instituição, o Nicanor, o grande jogador "Arranca Tôco", não pode, nas atas daqueles serões memoráveis, esteriotipar as composições jocosas que aqueles literatos notáveis diziam apenas para passar o tempo, só com o pensamento nos pratos e nas garrafas daquelas mesas fartas. Era a Arte pela Arte do cantor nato que riscando o céu com o fogo de suas ideias, fazia luzir, por instantes, no firmamento corumbaense, o clarão de uma inspiração soberba que, como o brilho dos astros errantes, se perdia no infinito. Liam muito. Discutiam os mais variados temas literários. Tinham os seus autores prediletos. Alegres, rebeldes, recitavam longos trechos de Albino Forjas Sampaio, Gomes Leal e Guerra Junqueiro. E misturavam as verrinas desses panfletistas com as portentosas orações de Rui. A reunião que começava com objetivos pantagruélicos e caritativos, terminava com uma solene demonstração de cultura que honraria qualquer Academia. O fato mais notável dessa agremiação é que nenhum dos seus associados procurou perpetuar-se com seus trabalhos literários. Apenas sentiam o prazer intelectual do momento. Deliciavam os amigos com a sobremesa das ilusões poéticas. Para eles os poemas eram como goles de vinho que hauriam para a momentânea satisfação daquelas horas fugazes. Graças às mãos amigas de velhos admiradores, de alguns confrades, ainda ficaram floridas pétalas desses tempos distantes. E lutando contra o tempo, essa Sociedade nos deixou três nomes imperecíveis: Luiz Feitosa, Pedro de Medeiros e Carlos de Castro Brasil. Luiz Feitosa lendo e relendo Leopardi, Musset, Victor Hugo, Baudelaire, e seus guias brasílios Bilac, Gonçalves Dias, Castro Alves e Augusto dos Anjos e recitando Guerra Junqueira, Camões e Ruben Dario. Tinha subido todos os degraus do templo de Minerva. Clássico, ficou na antiga Roma e na velha Grécia, abduzindo o movimento modernista que, vindo com Marinetti, já em 1922 em São Paulo, com Mário de Andrade pontificando na Semana da Arte Moderna no qual revolucionava a literatura brasileira. Luiz ficou bradando, sozinho, com Coelho Netto: Sou último heleno! Nas Termópilas da Arte. Enfrentou os bárbaros e destruiu a soldadesca da matéria. Ficou, porque a verdadeira Arte poética é imortal! E a sua é o reflexo da alma de todo um povo. Quanta poesia não nos sugere a melancolia destes versos: Corumbá destes meus sonhos, e dos meus primeiros dias, ainda sinto o calor, como um raio de saudade, dentro do meu coração! Simples, eólios, cantantes, são a saudade fazendo florir, no inverno, as rosas da juventude. Castiço no escrever e no falar, polido, tímido, foi compondo, com o seu castelo de cartas, o seu mundo irreal, onde as monjas, os guerreiros, os príncipes e os poetas surgiam vestindo as fantasias de sua imaginação fabulosa. Quem o visse passar, taciturno e ensimesmado, com um livro debaixo do braço, a barba por fazer e a cabeleira branca em desalinho, mal poderia entrever que sob aquela simplicidade monocel se escondia o mais belo espírito de Matogrosso, o esteta que levava naqueles olhos tristonhos toda a admirável paisagem de sua terra natal Corumbá. Corumbá onde o ar que se respira, o céu que cobre o horizonte, o sol que ilumina, o luar que prateia, o trinar das aves, o aroma das flores, o cicio da brisa e o borborinho do povo, impregnada de aromas, vozes e cores, a sua alma se expandia pelo espaço, percorria os nossos amplos horizontes e recolhia na concha do céu os poemas doirados que o sol escreve ao entardecer. Poemas que são os sonhos de nossos sonhos, que viviam adormecidos em nós, e que o poeta, tangendo o alaúde, fez vibrar em nossa alma com acordes divinos, revirando o íntimo de nossas aspirações, e nos fazendo voltar, com os seus versos, ao mundo invisível e misterioso de existências pretéritas. Lendo-o, temos a impressão de ouvir em surdina contos de fadas, canções de ninar, vozes de tempos de antanho a poesia pura sem as alucinações esplenéticas e caóticas de nossos dias. Ele não inova! Encanta! Não mistura as conquistas científicas com a valorização

da Arte! Não abre abismos para enche-los de trevas. A invenção artística não tem uma previsão lógica como a científica. Uma fórmula química não é um pensamento poético, calcula-se com a imaginação, mas não se imagina com cálculos.

Luiz só imaginava... Por isso o seu livro "Inspirações" contém as poesias mais mimosas e suaves da literatura mato-grossense. É uma obra de real valor. Modesto, despreocupado, sem cortejar a fama, Luiz cantava... Vinham os inovadores, os inovadores, os novidadeiros que, vendo o velho poeta com o seu livro e o seu classicismo, diziam: Luiz passou! Pois eles passaram e Luiz continua, continuará sempre na sua cidade, princesa rendilhada de verdes colinas e de montes longínquos, azuis, que ele tanto amou e dignificou em seus versos, esplêndidas poesias que deslumbram pela magia de suas evocações. Palmeira solitária da Avenida Marechal Rondon, lá está ela sacudindo as palmas, abraçando as nuvens, perscrutando o horizonte sem fim, sempre perto do céu e dos seus conterrâneos.

Literatura Corumbaense. CASTRO p. 26, (1981).

Alceste Castro poeta escritor advogado e jornalista, procurador federal na cidade de Corumbá-MS nascido no ano de 1919 relata em sua obra *Literatura Corumbaense* (1981), que as pequenas ações de Luiz Feitosa Rodrigues porém com grande valor social beneficiou muitas crianças da periferia, bem como do bairro denominado cervejaria, lugar ribeirinho na cidade de Corumbá. Essas ações causaram mudanças benéficas, pois resultaram em uma escola de ensino fundamental e oferta de alimentos para os carentes da comunidade. Cabe aqui registrar também que sua escrita segundo Alceste Castro continham singelas e afáveis palavras com teor nobre e edificante. Incitando manifestações peculiares subjetivas que evocam a primazia do sentimento no ser. Tal equilíbrio mostram a qualidade de suas imagens expressadas na lírica poética de Feitosa, enriquecendo e emancipando sua obra, tornando-a de caráter contemporâneo.

3.2 - A poética de Luiz Feitosa Rodrigues entre tragos, palavras, paixões e outras temáticas

O estudo da lírica em *Devaneios* de Luiz Feitosa Rodrigues nos apresenta uma poética descrita de forma bem definida, com estética própria, incursões relativas às suas experiências íntimas de caráter individual no qual reflete em suas ações e aventuras românticas, homenagens, festas cívicas e do místico sobrenatural. Tratam-se de suas temáticas, objetos e contextos que estruturam seu caminho de modo que sua leitura torna-se diferenciada, cativante e que envolve o leitor nas peculiaridades que aguçam e incitam com intensidade a retórica. Destaque-se, também, que o poeta busca a liberdade da expressão, através de um mecanismo poético e estético transmitido a partir de imagens com associações nos vocábulos disseminando valorosas e ricas pontuações de sua lírica. As rimas fazem a performance de sua brilhante escrita tornando os elementos pintados e figurados como pontos de arremate de sua poética. Construído pelo

processo de inspiração, a subjetividade forma uma das principais fontes para sua escrita. Em “Romântica” (RODRIGUES, 1950, p. 5) o encontro de adjetivos favoráveis ao entendimento relativo à formosura da mulher amada leva e faculta ao leitor, uma compreensão mais ampla.

Olhos que luzem com mais meiguice.
Que das estrelas o cintilar.
Nunca eu provasse, nunca eu sentisse.
O casto enleio do vosso olhar.
(RODRIGUES, 1950, p. 5).

Os versos acima comprovam a presença feminina transferido pelo “eu lírico”, apresentando sua beleza explícita, o que a torna cativante. A evidência de seus aspectos físicos aliada a presença de sentimentos conspiram no modo de exprimir significativamente a temática da amada:

Lábios que esboçam meigo sorriso.
Aonde a doçura veio morar.
Desses encantos é que eu preciso.
Para minha alma ressuscitar.
(RODRIGUES, 1950, p. 5).

As paixões são alvos frequentes de Feitosa, pois tratam diretamente de um dos sentimentos mais intensos do homem. “Romântica” propõe uma personagem “doce”, com olhos e lábios meigos. Projeta um tipo feminino, uma mulher muito atraente, que encanta, por sua formosura. Sentimento e paixão afloram do “eu lírico”, despindo seu interior, seus pensamentos, nos quais exprimem a graça e a beleza da mulher amada. Com isso, a poética de Feitosa apresenta figuras de linguagem na qual propõe um jogo de elementos linguísticos nos quais enriquecem sua lírica. O título “Romântica” traz uma ideia fiel daquilo que temos por ser sensível à observância da mulher retratada. Possibilita-nos a sensação de prazer, encanto, bem estar e felicidade, que fluem durante a leitura do referido poema. Nesses versos, temos a aproximação de palavras de um mesmo campo semântico, com reforço de rimas que se acentuam no sentido da mensagem do início ao fim, além de imprimir um ritmo e uma cadência para descrever a figura feminina:

Toda atividade humana se desenvolve dentro de certo ritmo. Nosso coração pulsa alternando batidas e pausas; nossa respiração, nossa gesticulação, nossos movimentos são ritmados. Há trabalhos coletivos. No campo como na indústria - que têm rendimento maior, em função do ritmo conjunto de todos os participantes. Certas provas esportivas em equipe dependem do ritmo conjunto para o bom resultado final. O ritmo aparece

também na produção artística do homem. De um modo especial, na poesia. Como o ritmo faz parte da vida de qualquer pessoa, sua presença no tecido do poema pode ser facilmente percebida por um leitor atento, que é, ao mesmo tempo, um ouvinte. A poesia tem um caráter de oralidade muito importante: ela é feita para ser falada, recitada. (GOLDSTEIN, 2011, p. 34).

Amor, vocábulo que profere sentimento e emoção é mencionado no poema no qual o sujeito, o “eu lírico”, subjetivamente fala da realidade de um solitário, buscando chamar atenção da mulher amada em reconhecimento de seu amor. Isso gera a angústia, expressado na 3ª estrofe, nos versos descritos, quando se questiona:

Será o drama duma princesa
Que radiante, vai se casar?
Ou peripécias da guerra acesa
Que mil cidades veio arrasar?
(RODRIGUES, 1950, p. 7).

Portanto, “Romântica” apresenta a força lexical que faz do rosto da amada um feixe de energia de alento para sua alma, dos lábios um substancioso favo de mel para saciar seu apetite de afetividade, do perfume, o aroma raro, e do brilho a cintilante energia feminina descrita de forma envolvente pelo “eu lírico”.

A figura feminina metonimicamente aparece também em “Quando ela passa” (RODRIGUES, 1950, p. 7):

Seus olhos meigos.
Que cintilando.
Espargem brando.
Puro fulgor.
Nas almas ternas.
Causam desmaios.
Acendem raios.
De ardente amor.
(RODRIGUES, 1950, p. 7).

Nessa e em outras composições de Feitosa Rodrigues, temáticas que fundamentalmente fazem parte são as figuras femininas com particularidade peculiar. Comcobinas e amantes estão sempre presentes nas questões amorosas. O foco na ternura, unido a seus aspectos físicos, projetam e expressam o sentimento de inspirações de um ser apaixonado. A interpretação e os sentimentos apresentados nos versos fazem de sua lírica poética composições belas idealizadas de maneira sutil e tenra:

Seu corpo esbelto.
De linhas puras.

Das esculturas.
 Medievais.
 Provocam anseios.
 Produz martírios.
 Doces delírios.
 Celestiais.
 (RODRIGUES, 1950, p. 7).

Feitosa expõe um “eu lírico” abastecido de amor, de forma que não sufoca, mas sim traduz o que o delírio do romântico confronta com a suavidade de seus sentimentos. Assim, por meio de processos metonímicos - olhar, lábios, corpo - a mulher é evocada e sua presença é marcada por adjetivos que enaltecem a sua beleza e a sua postura. O poema “Quando ela passa” está composto por seis estrofes, e estas por oito versos. Observa-se que desde o título do poema, configura-se uma certa proximidade com as cantigas de amor do trovadorismo, pois fica estabelecido a característica do “eu-lírico”. Se por temática o poema se apresenta na formosura de sua paixão, observamos que sua intensidade lexical configura-se na imagem da meiguice, dos sentimentos do coração que formam um conceito estruturado em poema de versos livres e suas respectivas rimas e combinações. As rimas se consolidam nos adjetivos, cujo objetivo é enfocar a imagem da mulher amada. “O ouvinte capta o apelo do texto, graças à harmonização de todos os seus elementos, um dos quais, o ritmo. É possível começar a percebê-lo, através da marcação das sílabas poéticas”. (GOLDSTEIN, 2011, p. 38).

Estão presentes, também, as características do romantismo, projetando a realidade, nesse fragmento do “eu-lírico”, cunhando o amor como energia de um sol ardente penetrando no seu “eu”. As imagens tornam-se relevantes e quase realistas em sua apresentação poética, pois o leitor vividamente estabelece uma forte imagem da mulher amada na poética de Luiz Feitosa em “Quando ela passa”.

“Súplica”, por sua vez, apresenta um confronto angustiante inerente ao sentimento humano, a saber, amor não correspondido. Assim, de forma determinante, o “eu lírico” desesperançado expressa nos seguintes versos:

Deves dar-me uma esmola de carinho.
 Ungir-me com a luz dos teus olhares.
 Matar-me a sede ardente deste amor.
 (RODRIGUES, 1950, p. 23).

O “eu-lírico” deseja, evidentemente, que o seu amor ouça seus brados, que perceba seu sentimento e sua súplica. Trata-se de um poema com belíssima formação. Estruturado em quatro estrofes, compostos por quadras e tercetos, seus versos são acompanhados por rimas que encantam e dão a devida sonoridade ao longo da leitura. Prima pelo viés psicológico, pela sugestão de emoções que o “eu-lírico” deseja despertar na mulher amada, com vocábulos fortes e eloquentes, na formação do contexto poético. A lírica poética se desenvolve e se liberta para expor sentimentos fazendo menção de seu amor. O amor pede sacrifício, que é a perda da individualidade e também a perda do egocentrismo, do culto da personalidade, sobre a realidade, em favor do alheio. Assim, o “eu lírico” se mostra patente ao exhibir sua afeição, magoa e sua dor.

Em “A minha rua”, percebe-se que a percepção da amada, representada, pela vizinha faz-se referência à imagem radiosa e desejada da figura feminina:

Esta que surge radiosa.
Duma beleza tão rara.
De normas esculturais.
Recorda a vênus brilhosa.
Que o gênio grego talhara.
Nos mármore imortais.

Outra que é flor entreaberta.
Dum roseiral as primícias.
À rua vem se mostrar.
Ela desejos desperta.
Faz-nos sonhar com delícias.
Dá tentações de pecar.

Mas a rainha incontestes.
Da minha rua adorada.
É outra linda morena.
Toda de branco se veste.
Como ela torna encantada.
A tarde meiga e serena.

Ó virgens cheias de encantos.
Sois a poesia.
Os anelos dos nossos são ideais.
Sede benditas por tantos.
Sonhos e versos tão belos.
Que a nossa mente inspirais.
(RODRIGUES, 1950, p. 13).

Em “A minha rua”, o sujeito, o “eu lírico” mostra um pedaço geográfico de sua localização, de sua antiga moradia, descreve com detalhes as campinas como fonte de inspiração. Constitui uma região fértil para criar e expressar em palavras as imagens vivas com riqueza de detalhes.

Da minha rua atraente.
 A vista abrange e domina.
 Um panorama empolgante.
 Chão estrangeiro ao poente.
 Ao norte, vasta campina.
 Águas do rio ao levante.
 (RODRIGUES, 1950, p. 13).

A presença feminina, chama de inspirações dos poetas incita, encoraja, entusiasma e aflora as tentações de pecar. Ao primeiro olhar “A minha rua”, nos remete a um jogo de palavras e sentidos contendo rimas cruzadas, o que pode parecer uma conotação coloquial dos vocábulos que inspiram encanto e formosura de um lugar simples, porém rico em sua afirmação de afetuosidade e amabilidade. Na primeira etapa, os aspectos do poema e sua formatação apresentam um quadro estruturado contendo 10 estrofes, cada uma com seis versos. “Estrofe é um conjunto de versos, e após uma estrofe há uma linha, separando-a de outra, determinando assim cada uma, que em conjunto formarão o poema”. (GOLDSTEIN. 2011, p. 38). As rimas compostas com sonoridade e franca sutileza resultam numa bela composição poética. As temáticas e suas variadas modalidades somatizam e configuram-se como os fundamentos de Feitosa Rodrigues no tocante a sua expressividade.

Os temas sobrenaturais chamam a atenção, pois criam questionamentos e abrem portas para aguçar a curiosidade, prendendo a atenção do leitor, levando-o a conclusão dos versos. Tal assertiva pode ser observada em “Poeira”:

Porém é humilde, mas se move e luta.
 Na edificação do todo universal.
 Nas aldeias largas de febril labuta.
 Lei do imponderável a matéria bruta.
 Nunca perecível nem quase que imortal.

[...]

Lá pelas etéreas solidões trevosas.
 Minhas poesias se juntando vai.
 Estirpa-se em enormes alvas nebulosas.
 A girar no espaço, lentas vagarosas.
 Turbilhões medonhos donde um mundo sai.

[...]

Sim, és pó, és barro, mas na tua argila.
 Um princípio eterno vive a refulgir.
 Um princípio a alma, chama que cintila.

E nos véus da carne tímida se asila.
 Para depurar-se, para ao céu subir.
 (RODRIGUES, 1950, p. 11).

De tal maneira fica nítida ao leitor a observância da tensão do poema, que com vocábulos simples, faz da leitura um questionamento sobre a reflexão do enigma do “nada”. Enfatiza nesses versos em “Poeira”, um choque propiciado pela indagação, culminando no envolvimento do leitor com relação a vida e a morte. Nas composições poéticas de Feitosa as figuras de linguagem são amplamente exploradas.

São figuras de efeito sonoro: aliteração, assonância, repetição de palavras e onomatopeia. São essas figuras que garantem nos poemas a atmosfera simbolista de sugestão, de imagens sensoriais. (GOLDSTEIN (2011, p.50).

Muitas vezes as imagens falam por si só, a assertiva de Norma Goldstein no tocante as figuras e seus efeitos mostram que os ícones e símbolos projetados pelo poeta asseguram em sua composição força e estabelece um processo que compõe, preenche e possibilita o entendimento. Os significados mencionados nos versos de “Poeira” se referem ao místico, às transformações que a natureza proporciona à todas as criaturas. Cada um deles apresentam uma condição simbólica que se reveste de um certo reconhecimento de si mesmo. Paradoxo entre o começo e o fim, vida e morte, transita nesse meio o assombro, o ceticismo, o misterioso. Constata-se, em “Poeira”, a presença subjetiva de uma nova realidade. Esta nova realidade se mostra obscurecida, vem acompanhada de uma atmosfera cintilante que se presume ser a separação do material com o espiritual. O “eu-lírico” admite que a “poeira” pode ser o caminho para o “céu subir”. Fica nítida a afirmação como possibilidade da depuração. E a poeira metaforiza um trajeto místico para todos, sendo necessário chegar ao pó para ascender ao céu. O referido poema encontra-se estruturado em oito estrofes, cada uma com cinco versos. “Poeira” pode ser interpretado como expressões subjetivas de emoções e sentimentos. Podemos considerar o fato consumado de um “eu-lírico” que se foi, e para o qual a poeira, o sonho, o místico, singularmente se tornam fim.

Em “Simbolismo”, observamos também a presença dos enfoques sobrenaturais:

Verde roseira no pátio antigo.
 Das ruínas de heril solar.
 Esparge pétalas no chão amigo.
 E de perfumes satura o ar.

Essa ruína que a planta cobre.
 Sob a clemência do azul dos céus.
 Remete o estado desta alma pobre.
 E são as rosas os sonhos meus.
 (RODRIGUES, 1950, p. 25).

Decorre num certo paralelo que intensifica a vivência do “eu-lírico” o qual, através das conectividades descritas nos versos, “passa a se ver em um lugar, situando-se em um espaço que lhe é, existencialmente, um sonho estranho”. O sujeito, o “eu lírico” busca, então, compreender o universo e a sua condição, utilizando, para isso, uma presença ao mesmo tempo sedutora e sobrenatural.

O poema mencionado possui características marcadas pelas combinações de rimas, musicalidade, aliterações e, às vezes, pelo desespero, às vezes pelo apaziguamento. Há inúmeras referências à transparência, à translucidez, à nebulosidade, aos brilhos, todas sempre presentes nos versos simbolistas. Expressa também as características de libertação, sensibilidade e suavidade. Pode-se observar o caráter erudito em seus vocábulos, a força das imagens, bem como a forma de lapidar os versos. Situado no limiar entre o parnasianismo e o simbolismo, observa-se nos versos de Feitosa Rodrigues características como: a musicalidade e o misticismo, porém o rigor formal e o preciosismo na linguagem remetem o leitor as características literárias nos diversos aspectos da busca na compreensão da alma e da exaltação à realidade subjetiva. Detectamos o uso frequente de rimas e figuras de linguagem que conferem aspectos líricos nos seus versos, características com culto aos valores espirituais, entre eles, a presença da religiosidade em sua poesia. Significados ganham um enfoque transcendente, absoluto, com maior expressividade ao ser grafada com as alegorias, que é um recurso simbólico muito utilizado pelos “simbolistas” a fim de personificar coisas, objetos entre outros. O poeta utiliza a simbologia na arte de escrever, de expressar e mencionar o modo não convencional, mas que vem reforçar a presença desse movimento em seus versos.

Na seguinte apresentação, o poeta suscita “Na montanha “e revela a simplicidade lexical:

Lá muito em baixo, vejo os humanos.
 Presos de dores e desenganos.

 Sinto-me livre, perto dos céus.
 Longe do mundo, perto de Deus.

Nestas paragens de claridade.
Só há sossego, tranquilidade.

Quando me vejo nestas alturas.
Tão satisfeito, sem amarguras.

Penso: as montanhas são infelizes.
Pois são tão altas mas tem raízes.

Como a montanha, cerca-me um nimbo.
Mas sou cativo de escuro limbo.

E não podendo ficar na altura.
Bem pesaroso volto à planura.
(RODRIGUES, 1950, p. 9).

Nestes versos Feitosa exhibe características que manifestam a marca do movimento artístico com subjetivismo, linguagem fluida, exploração do consciente. Descreve o local como fonte inspiradora no qual incita nossos sentidos, nossa curiosidade. Convida o leitor a sentir o vislumbre da altura onde o sossego e a tranquilidade somatizam com a contemplação do ambiente. Lugar no qual a natureza se mescla com sentimentos de calma e paz. Esse raciocínio de consciência permeia nas estruturas da criação poética de Feitosa, e nos leva a alcançar liberdade de expressão, elaborada de forma simbólica, permitindo imagens fortes com cores e sentimentos que fluem naturalmente, durante toda a leitura de “Na montanha”. O poema é composto por uma poética com ritmo, no qual o “eu-lírico” associado aos símbolos idealiza a libertação do homem. Formado por 18 duetos, totalizando 36 versos com suas respectivas rimas, propõe o sentimento da paz interior, mostra a influência da poesia no envolvimento sólido e perspicaz que nos leva a refletir acerca de uma profunda introspecção do “viver”. Também nos remete à sensação de liberdade. Expressa de forma pertinente, sentimentos no relacionamento com Deus e com a natureza, de forma que isso nos transmite quietude, relaxamento e serenidade.

Essa mesma subjetividade encontramos em “O castelo abandonado”. O “eu lírico” exhibe um apelo, uma rogativa de libertação. Nos deparamos com um ser preso em sua própria consciência. Uma criatura sem forças para alçar voos e pleitear um caminho diferente. Encontra-se preso na própria consciência, a qual se torna seu juiz, seu arbítrio. A estagnação mental desse

indivíduo descrito apresenta-se como uma criatura estacionada, que dorme e não busca seu despertar para evoluir.

Dorme, princesa. Dorme sossegada.
 Na solidão do mágico solar.
 Que um ciclo da brisa perfumada.
 Não te venha do sono despertar.
 Dorme, princesa. Dorme sossegada.

Como nesse castelo adormecido.
 Em minha alma uma virgem também dorme.
 Num sono, de tão longo, já esquecido.
 Ha não sei quantos anos, tempo enorme.
 Como nesse castelo adormecido.

Vai tu, ó minha dor, a esse castelo.
 E afaga com meiguice essa criança.
 Desperta-a do seu sono que é tão bel.
 Desperta a minha noiva: é a esperança.
 Vai tu ó minha dor, a esse castelo.
 (RODRIGUES, 1950, p. 26).

“O castelo abandonado”, o “eu-lírico” descreve sua observação acerca de uma jovem princesa, presa no sono eterno, como se fora seu cativo. Estética poética rica em detalhes, em imagens. Trata-se de uma visão de um lugar, porém que pode ser de nossos próprios pensamentos e conduta. Às vezes preso em uma única ideia, sem buscar emancipar, mudar, modificar para uma outra relação ou outra concepção que venha a ser mais profícua. Seus versos apresentam simbologia profunda e requer ampla reflexão na análise dessa composição. Pode-se afirmar, em princípio, que o poema mostra uma busca do “eu-lírico” pela essência do ser, uma verdadeira lapidação às camadas mais profundas da criatura necessitada. A profundidade descrita nos versos pode ser constatada ainda em termos como: “Em solidão profunda, inigualável”. Nota-se que a poética, em “O Castelo abandonado”, também apresenta fortemente tais aspectos, uma vez que o “eu lírico” sente um grande desejo de ajudar a jovem adormecida, almejando pela busca transcendente em uma viagem para socorrer uma alma no sono profundo. As diferentes temáticas correspondem à personalidade humana, com subjetividades tanto no etéreo como no real. As reminiscências, por sua vez, personificam o sentido, revelando o conflito interior no âmago de uma roupagem própria. Nesses versos encontramos em Feitosa Rodrigues caminhos sinuosos de imaginação e fuga da realidade.

Em “Jasmineiros”, a cumplicidade tácita exprime tenacidade e, novamente, emerge a presença do “castelo”... “castelo de sonhos”:

É fagueiro vagas nas noites claras.
Pelas ruas floridas dos jardins.
Recolhendo das místicas searas.
O trigo das lembranças as mais caras.

Envolto no perfume dos jasmims.
Um mundo de poesias a noite encerra.
A luz da lua tem da opala o alvor.
Doce harmonia no ambiente erra.

O luar desce em cheio sobre a terra.
Banhando o jasmineiro todo em flor.
E o velho jasmineiro em moita enorme.
Todo estrelado de florzinhas mil.
Embalado por brisas, manso dorme.
E sonha um sonho etéreo, sonho informe.
De fragrância nostálgica, sutil.
Teu perfume me evoca os dias belos.

Perdidos do passado nos confins.
Meus amores, meus sonhos, meus anelos.
Quando erguia na mente mil castelos.
Alvos e olentes, cândidos jasmims.
(RODRIGUES, 1950, p. 20) .

O poema “Jasmineiros” possui singeleza e preciosidade em sua composição. Mantém a essência primorosa nos versos e nos conquista com o “perfume” de suas linhas combinadas no ritmo e na rima. Composição poética bem definida, caracterizando suavidade e leveza. Sutilmente nos deixa sensibilizados com seu aroma que emana de sua florada a primazia de uma composição saudosista. Quem não tem sonhos e belas recordações? “Jasmineiros”, flui de forma predominantemente simbólica, expressando a ternura e o encanto. Dois pontos de análise predispõem e merecem apontamentos o primeiro como, o da própria flor que nasce contra a vontade o outro ponto indica o desabrochar de uma nova realidade para um indivíduo.

A poética de Luiz Feitosa apresenta com emoção seus sentimentos diante de lembranças em “Recordações” (RODRIGUES, 1950, p. 22), institui o “eu lírico” posicionando-o com singeleza quando expõe seus versos:

Longe passei minha infância.
Foi numa bela casinha.
Duma floresta vizinha.

Risonha, cheia de luz.
 Era um lugar magnífico.
 Com lagos, rios e fontes.
 Colinas, campos e montes.
 Lá nos confins, muito azuis.

Era-me a vida tão plácida.
 Com tanta felicidade.
 Que na alma dói-me a saudade.
 Vindo essa quadra evocar.
 Ó, alvoradas edênicas.
 Cheias de cantos das aves.
 Tarde de estio, suaves.
 Noite de branco luar.

Ai! esses tempos mudaram-se.
 Crescendo, tornei-me errante.
 Agora, num céu distante.
 Passo trabalhos sem fim.
 Das maguas chegando o império.
 Com todas suas torturas.
 Os males, as desventuras.
 Tomaram conta de mim.

Hoje, minha alma decrépita.
 Desiludida, cansada.
 Relembra a quadra passada.
 Entre as montanhas azuis.
 Ah, se eu voltasse ao pretérito.
 Á minha humilde casinha.
 Duma floresta vizinha.
 Risonha, cheia de luz.
 (RODRIGUES, 1950, p. 22).

Na construção destes versos observa-se a poética envolvida por sensações de lembranças que preenche a carência que traz na alma (“eu lírico”). Poema composto e estruturado em oitava com quatro estrofes, “Recordações” apresenta em suas linhas vanguarda de nostalgia, o “eu-lírico” “floresce”, evoca, clama pelo passado. Descreve seu passado, sua presença nesse lugar. Aparentemente, percebe-se a presença do campo por mostrar as aves, as tardes suaves e o luar. Um lugar tranquilo, bom, no qual habitava quando pequenino. As rimas dão o tom de beleza nesse poema, cuja melodia suave produz a sonoridade peculiar da estética do autor. A segunda estrofe apresenta o “eu-lírico” refletindo num pensar sobrepujante:

Era-me a vida tão plácida.
 Com tanta felicidade.
 Que na alma dói-me a saudade.
 (RODRIGUES, 1950, p. 22).

Sabemos que as reflexões nos levam a entrar em conflito com nossos pensamentos. Entretanto, a maneira como o poeta articula a linguagem obscurece nossas certezas, como se observa na quarta estrofe:

Hoje, minha alma decrépita.
Desiludida, cansada.
Relembra a quadra passada.
(RODRIGUES, 1950, p. 22).

Os termos que ora se repetem, ora trocam de posição, engendram, na percepção do leitor tanto o seu significado quanto os seus elementos persuasivos. Há um estilo próprio, em um encadeamento particular de ideias e imagens que embelezam o texto e encantam o leitor em “Recordações”.

Já em “Volutas do fumo”, as lembranças se fazem presentes na inebriante sensação do uso do cigarro como fonte de prazer e satisfação, como observamos na estrofe abaixo:

Alheio a tudo nessas horas mansas.
Alma liberta de cogitações.
Pastoreio o rebanho das lembranças.
No campo largo das recordações.
(RODRIGUES, 1950, p. 3).

Poema em formato tradicional, escrito em versos compostos com rimas cruzadas, sendo as finais emparelhadas, conforme se verifica na estrofe abaixo:

E esta lágrima que há muito estava presa.
E que desce dos olhos sem esbarro.
Provocada não é, tenho certeza.
Pelo fumo sutil deste cigarro.
(RODRIGUES, 1950, p. 3).

Nessas linhas observamos estilo específico, próprio, que devaneia quando o sujeito, o “eu-lírico” aprecia o fumo, levando-o ao nirvana. Deixando-o com lembranças, leveza, suavidade, ruptura com o real. Mostra-se solto, aprazível, envolve-se na fumaça do fumo, expressa sua fragrância em hiatos mansos e se deleita na alegria e fantasia das volutas, dos tragos do fumo. No poema, personificam-se as características da figura associada ao místico, sendo isso uma alusão à continuidade do fluxo das fantasias inebriantes a percorrer por caminhos incertos.

Na segunda estrofe, o “eu-lírico” utiliza-se das “lembranças” associando-as aos prazeres da vida e às “horas mansas”, quando a mansidão toma conta e lhe proporciona serenidade e paz.

Nas demais estrofes deste soneto, a ideia é contínua, e pode bem se associar as palavras “mente, saudades, imagem, sorriso e sutileza”, constando as razões de seu pensar e refletir. O nível das estruturas fundamentais apresentam sinais intensos do desejo de liberdade na figura da fumaça que se esvai no tempo, na abstração não só das palavras, mas também da função da figura das palavras utilizadas, mostrando a presença que em sua opinião a fantasia faz do sujeito do “eu-lírico”, expressando uma falsa alegria, decorrente das nuvens de fumaça. Podemos dizer que frustração e angústia acompanham o sujeito desde o início do poema, visto que a enunciação do texto pressupõe o envolvimento da mente adormecida, as paixões supracitadas decorrentes, e, dessa maneira, o sujeito revela-se, no poema, sob a influência da condição passional. Relativamente à tematização em “Nas volutas do fumo”, encontram-se várias circunstâncias dos valores pessoais envolvidos pela satisfação de momentos que supostamente libertam a alma.

3.3 - A poesia de Luiz Feitosa Rodrigues entre o passado e o presente

A estética literária organiza as palavras com habilidades, gera força e propõe ao leitor um modo de ver as coisas através de características específicas com sentimento e emotividade. O soneto é uma forma poética composta de catorze versos, divididos em dois quartetos, contendo duas estrofes com quatro versos e dois tercetos, com duas estrofes com três versos. Configurado, primeiramente, com o formato musical no século XIII pelo poeta toscano Guittone d'Arezzo na Sicília, esse modo de expressão poética foi reconhecido como a melhor forma de expressão de uma emoção isolada, pensamento ou ideia. O soneto faz do modo de pensar um aprofundamento dos impulsos, da subjetividade:

Ah, meu bem, meu tesouro de ternura.
Vem plantar neste reino de amargura.
A mais rasteira flor das esperanças.
(RODRIGUES, 1950, p. 21).

“Soneto” de um poeta apaixonado, no qual o sonho e a dúvida encontram-se presentes. No final dessas linhas, há a palavra esperança, algo que é o combustível do sujeito, do “eu lírico”, pois com isso ele ganha tempo para novamente se apaixonar. Somente o tempo pode curar a dor de uma paixão. Composto de catorze versos distribuídos em dois quartetos e dois

tercetos. A rima somada à doce melodia, permeiam o texto num tom silábico, com argumentos persuasivos e enfáticos. Produzem sonoridade e uma construção bem definida. Vale destacar que o “eu lírico” exibe sua paixão pela mulher amada, expressando seus sonhos e amarguras. Acaba perdendo a razão na terceira estrofe:

No bosque dos segredos, bem tristonho.
 No solar em ruína do meu sonho.
 Revoam da saudade as pombas mansas.
 (RODRIGUES, 1950, p. 21).

A beleza do amor, descrito no “Soneto” passa a ser amargor, palavras difíceis em uma temática desta produção literária. Amor e ternura pela mulher amada.

Luiz Feitosa e seu fazer poético evidenciam as saudações objetivando as lembranças que são relatadas em poesias que destacam as homenagens com teor saudosista. Encontramos essas evidências nas poesias “Saudação”, “Clarínada”, “Noite de São João”, “13 de junho” e “Rui Barbosa”. No que concerne ao estilo literário da poesia, observa-se a influência e traços do romantismo, do simbolismo e do realismo. Marca de forma contundente a exaltação ao tema com o fim de homenagear e saudar com originalidade e reflexão os acontecimentos e eventos em pauta.

No poema “Saudação”, lemos o seguinte:

Estou hoje alegre, digo sem malícia.
 Mais que um serviçal que recebeu seis meses.
 De ordenado ganhos. Tal minha delícia.
 Festejando tua data natalícia.
 Que desejo vejas mais oitenta vezes.
 (RODRIGUES, 1950, p. 16).

O poema está formatado com oito estrofes e cada uma dessas com cinco versos, combinados com as rimas, que lhe dão o caráter maduro e tenaz de uma poesia sólida, forte e guerreira. Estimulante de pensamento, a expressividade poética em “Saudação”, pede atenção, do começo ao fim, nos leva a sentir pena do “eu lírico”, pois ele se encontra falido, sem nenhum dinheiro para comprar o presente da mulher amada no seu aniversário, oferece os versos, para que este toque o seu coração, (melhor presente). O “eu-lírico” vive em função de um trabalho que lhe dê o ordenado para comprar “o chopp, a carne, a luz e a moradia”. O nível das estruturas do poema observa-se que o sentido se organiza em torno de um sujeito apaixonado, fixo em suas ideias em agradar sua amada. O indivíduo se encontra em disjunção imediata com essa figura feminina, buscando em sua criatividade um modo de agradá-la. Com relação à modalização do

ser, torna-se necessário, primeiramente, observar a natureza da figura feminina invocada no poema “Saudação”, que desvela uma mulher idealizada, inatingível, que ele deseja agradar.

Em “Clarinada” enfatiza o importante papel de difusão de ideias realizadas por um entreposto comercial:

Vibrando sem cessar, festivamente.
 Por anos trinta e seis vem "O Clarim".
 Falando ao coração da nossa gente.
 Lançando aqui e ali boa semente.
 Que dá frutos por séculos sem fim.
 (RODRIGUES, 1950, p. 18).

O poema “Clarinada” refere-se ao “O Clarim”, nome da editora e distribuidora de livros da doutrina espírita, que tem Allan Kardec 31/10/1804 – 31/03/1869 como precursor dessa religião. No final desse poema, o ano de sua criação, 1941. O autor homenageia “O Clarim”, devido a seu trabalho de divulgação, que semeia e difunde os argumentos explicativos da doutrina, bem como traz a proposta de paz, a fraternidade, a união e o amor. Mostra ao leitor a oportunidade de um caminho de luz e harmonia nas linhas deste poema. O jogo dos versos constitui consciência e afirmação de uma poesia baseada em reflexões. “Clarinada” é uma composição poética formada por oito estrofes e cinco versos, combinados com rimas bem definidas e que visam destacar a importância do espiritismo e a sua divulgação.

“Noite de São João” é outra composição poética que se destaca por prestar uma homenagem a São João, um santo bastante reverenciado pelos católicos:

Quanta alegria na noite fria.
 Nasceu João.
 Salve, Batista, santo almejado.
 Teu nascimento tem alegrado.
 Sedentos d'água do teu Jordão.
 (RODRIGUES, 1950, p. 24).

“Noite de São João”, homenageado e comemorado no dia 24 de junho, vem exatamente na página número 24, da obra *Devaneios*, mencionando a figura de João Batista, personagem bíblico que vivia e batizava as pessoas no Rio Jordão. Esse rio de grande importância religiosa, situa-se na Palestina, formando o Vale do Jordão, na fronteira natural entre Israel e a Jordânia.

O poema possui valor estético pelo fato de ser um auto religioso, e tem o intuito de expressar valores cristãos. É constituído por quatro estrofes de cinco versos. Suas rimas bem definidas mantendo o ritmo estético. Com rimas misturadas apresentam diversos encontros, coincidindo no interior dos versos e com ênfase no final de cada linha.

A composição poética “13 de junho” refere-se a um evento importante relacionado à cidade natal de Feitosa:

Do valor do brasileiro.
Dá-nos alto testemunho.
Este dia alvissareiro.
O dia 13 de junho.
Ele nos traz à memória.
O feito que em nossa história.
Em ouro gravado está.
Ele relembra a cruzada.
O prélio da retomada.
Da formosa Corumbá.

[...]

Neste dia glorioso.
Mais ternas cantam as aves.
Mostra-se o céu mais formoso.
Sopram brisas mais suaves.
A cidade se engalana.
O povo todo se ufana.
Aos seus heróis recordar.
Cunha e Cruz, Manoel de Pinho.
Deschamps, Craveiro, Coutinho.
Nomes de se venerar.
(RODRIGUES, 1950, p. 28).

Este poema é considerado muito importante não só para a cidade, mas também para a nação, visto que os versos concebidos por Luiz Feitosa apresentam uma grande homenagem com rimas marcantes. Também se trata de uma declaração de paixão pela liberdade da pátria, citando também nomes dos personagens participantes da retomada de Corumbá, Cunha e Cruz, Manoel de Pinho, Deschamps, Craveiro e Coutinho.

“Rui Barbosa” é um poema referente ao personagem de cunho nacional, grande personalidade que representou o Brasil por diversas vezes no exterior. Um dos intelectuais mais brilhantes do seu tempo, foi um dos organizadores da República e coautor da constituição da Primeira República juntamente com Prudente de Moraes. Rui Barbosa atuou na defesa do federalismo, do abolicionismo e na promoção dos direitos e garantias individuais:

Verbo de luz imensa, esplendorosa.
De luta e de combate à opressão.
Que em Haia traça esteira luminosa.
Com majestade e força de um vulcão.

Que a uma altura ascendeu vertiginosa.
Nas campanhas viris da abolição.
Esse verbo chamou-se Rui Barbosa.
Do direito cultor e campeão.

Ao apóstolo mor da liberdade.
Que teve o mundo inteiro por proscênio.
E transpôs, inda e vinda, o umbral da história.

Glória! Brada festiva a mocidade.
Glória ao mestre imortal! Honras ao gênio.
E o povo do Brasil repete: Glória!
(RODRIGUES, 1950, p. 30).

Luiz Feitosa inspirou-se nos feitos de Rui Barbosa, que, no cenário nacional, destacou-se por ser um dos nomes mais representativos dentre as personalidades brasileiras. O poeta evidencia nas linhas dessa construção poética seus nobres feitos, e, com grande expressividade, utiliza palavras contundentes de extrema importância e beleza. Notável orador e estudioso da língua portuguesa, Rui Barbosa foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras (1897), ocupando a cadeira número dez, e foi seu presidente entre 1908 e 1919. Como delegado do Brasil na segunda conferência da paz, em Haia (Holanda, 1907), notabilizou-se pela defesa do princípio da igualdade dos estados. Sua atuação nessa conferência lhe rendeu o epíteto de "O Águia de Haia". O referido poema é formado por quatro estrofes, compostos por quadras e tercetos, acompanhados de rimas que encantam e dão a devida sonoridade no decorrer da leitura. Trata-se de uma composição poética que está na obra *Devaneios* e que comprova o fato de Feitosa Rodrigues inspirar-se na tradição, recorrendo a modelos poéticos oriundos de nomes que marcaram nossas conquistas e que deixaram fortes registros cívicos para o Brasil.

A poesia, desde os primórdios, transmite harmonia, sutileza, emoção, reflexão. É uma arte tradicionalmente utilizada em todo o mundo. Apresenta, muitas vezes, a realidade sob a ótica da imaginação do autor e também do leitor. A riqueza da representação estética tem significativa importância, no sentido da mensagem descrita nas poesias, pois pressupõe tratar-se de uma expressividade que o poeta tem abastecida em seu repertório, com o fim de descrevê-la, com o formato adequado à sua apresentação. Considerada uma arte bastante antiga, a poesia revela uma manifestação precedente à escrita. Existem relatos rupestres, achados em cavernas e ruínas, que tratam essa modalidade literária, como fonte, das mais antigas culturas e de maneira que os primeiros documentos literários, na maioria dos países, são composições poéticas. O crítico brasileiro Antonio Candido atesta o valor da criação poética nos seguintes termos:

Assim como as partes do poema são elementos de um conjunto próprio, o poema por sua vez é parte de um conjunto formado pelas circunstâncias da sua composição, o momento histórico, a vida do autor, o gênero literário, as tendências estéticas do seu tempo etc. Só encarando-o assim teremos elementos para avaliar o significado da maneira mais completa possível (que é sempre incompleta, apesar de tudo) (CANDIDO, 1989, p. 34).

A poética de Luiz Feitosa Rodrigues, em sua obra *Devaneios* (1950), mostram liberdade nas imagens, nas expressões, bem como na escolha dos temas propostos. São poemas que o lirismo apresenta cotidiano, festa da cidade, lembrança de sua rua, suas paixões e homenagens. Hugo Friedrich, conforme dissemos anteriormente descreve os aspectos da poesia moderna, classificando-as como fontes e características pluriformes, compostos com mescla de tensões e forças absolutas, como aspecto semiótico entre os polos de significados que se valem principalmente de formas variáveis para se concretizarem. Segundo Friedrich algumas características da poesia moderna não se restringem ao conteúdo, mas subentende-se como força das classes formais. Hugo Friedrich aponta que a tensão apresentada na poesia moderna não se limita ao conteúdo, mas estende-se, também, como força, aos seus aspectos formais.

Segundo Friedrich, um novo conceito de beleza, emerge: uma beleza agressiva, rude, nascida da irritação contra a beleza tradicional. A beleza moderna pode, então, coincidir com o conceito antigo de feiura, e será extraída, gota a gota, através do fazer poético. A cisão primordial do homo duplex entre satânico e divino ocasionará uma conduta (ou narrativa, para nos aproximarmos do jargão semiótico) curiosa: dividido entre o bem e o mal, o sujeito enxerga uma certa equivalência entre esses polos e busca satisfazer seu polo satânico para dar o “salto à

idealidade”. Vê-se, com isso, uma modernidade que está atormentada até a neurose pelo impulso de fugir do real, mas se sente impotente para crer ou criar uma transcendência de conteúdo definido, dotada de sentido. (FRIEDRICH, 1978, p. 58).

A lírica poética de Luiz Feitosa Rodrigues parte de pontos substanciais que proporcionam meios para combinar as palavras, situações fictícias e propor entusiasmo. São formas e manifestações próprias de sua estética proferida de seu íntimo baseado nos sentimentos com o fim de levar a construtividade de uma estruturação poética alicerçada nos elementos linguísticos, com estilo emblemático, sedutor, criativo e cativante e que aponta as antíteses mensuradas por Friedrich (1978) entre bem X mal, o angelical X satânico, evidenciando tensões que perpassam o mundo e as experiências humanas e, por vezes, tentando atingir uma transcendência que seja uma síntese entre as duas dualidades apontadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises apresentadas nos capítulos do presente trabalho, constatamos que a lírica poética de Luiz Feitosa Rodrigues tem papel fundamental na formação dos valores expressivos, transcendendo o tempo e o espaço. As obras literárias atuam sobre as pessoas resguardando seu caráter humanizador. Por intermédio da poesia, os leitores entram em contato com o exterior estabelecendo relações e incorporando novas informações que o levam a entender um mundo diferente do seu. Sentimentos, lugares e coisas, congregam-se como parte de uma nova conquista, abastecida de lirismo e fantasia, aplicadas, pelo autor, em sua arte. Com certeza, a arte literária vincula situações que fazem da realidade um território peculiar a um novo entendimento e descobertas. Sob tal premissa, a poética de Feitosa, em sua respectiva literatura, revela nesta pesquisa seus diversos retratos que formam um contexto geral do seu repositório poético literário. Formados por lembranças, amores, lugares, subterfúgios da alma e do sobrenatural, o livro analisado apresenta um substancial caráter de identidade no patrimônio cultural nacional e sul-mato-grossense, fazendo presente como registro de sua poética.

Em sua obra, observam-se assuntos peculiares aos nossos dias, considerando as situações existentes no decorrer dos versos analisados. Nos argumentos estruturais, notamos também uma construção primorosa, pois, aborda temáticas variáveis do viver, da alma e do amor. Formas contundentes de questões contemporâneas envolvidas em suas criações. Feitosa mostra uma visão natural, autêntica, sóbria, motivado pelo senso interior que o estimula a lançar deliberadamente suas argumentações em uma retórica lírica com habilidade de linguagem livre. Declaradamente, sua escrita manifesta-se com naturalidade virtuosa de forma que nos estimula os sentidos, remetendo-nos aos dias em que seus versos eram produzidos, mostrando imagens dos lugares, cores de sua rua, o perfume da mulher amada.

Sobre o autor, observamos um perfil díspar com ênfase ligada às paixões e à sensibilidade, sobrepujando as subjetividades e sentimentos interiores, ocultas no seu íntimo. As investigações mostram que seus versos descritos na obra *Devaneios*, são sentimentos oriundos do coração que transformados na expressividade se relacionam com as palavras resultando nos devaneios do poeta e apresentando suas inspirações para os leitores. A beleza do poema e sua simplicidade, geram situações de enorme beleza, traduzindo sua capacidade criativa e artística.

Sua obra organizada em poemas e sonetos com rimas de fácil acesso e entendimento mostram um conjunto de elementos de seus sonhos, ficções e aventuras descritos em *Devaneios*.

Estas considerações finais propiciam a reflexão a respeito da pesquisa por considerar a objetividade de manter viva as questões poéticas literárias. Mobilizar o cenário cultural e poético existente nas classes das letras da cidade, bem como das escolas. Ainda com esse estudo, procuramos registrar seus feitos nessa dissertação e que venha a contribuir como fonte de informação, de inspiração, de pesquisa e de permanência no acervo poético literário e cultural Sul-mato-grossense. Demonstrar que a poesia faz intercâmbio nos mecanismos disciplinares levando o indivíduo a pensar, escrever, criar sua expressividade na poética e, assim, fazer desse movimento uma dinâmica daqueles que sonham em continência a memória cultural, seja de um lugar, pessoa ou motivações ficcionais. Transportar os significados contidos na alma é uma arte que os poetas conseguem traduzir em seus versos, transportando-o aos nossos sentidos.

REFERÊNCIAS

BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. 6ª ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

CAMPESTRINI, H. VAZ, A. **História de Mato Grosso do Sul**. 6ª ed. Campo Grande MS. Instituto Histórico e Geográfico MS, 2009.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira - Momentos decisivos**. 9ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1989.

CANDIDO, A. **Iniciação à Literatura Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999.

CASTRO, A. **Literatura Corumbaense**. 1ª ed. Campinas: Maranata, 1981.

ESNI, P. **Resumo de Literatura**. Disponível em: <http://www.resumodeliteratura.com/> - resumo-humanismo. Acesso em 02 out. 2018.

FILHO, V. A. C. **História de Mato Grosso**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/90534315/Historia-de-Mato-Grosso>. Acesso em 02 Nov. 2018.

FRIEDRICH, H. **Estrutura da Lírica Moderna**. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GOLDSTAIN, N. **Versos, Sons e Ritmos**. 14ª ed. São Paulo: Ática, 2011.

GAY, P. **O Modernismo**. Companhia das Letras, 2009.

LIMA, B. C. G. **Cultura em Corumbá**. Disponível em: <http://blogdoalexfraga.com/2017/02/28-entrevista-benedito/#sthash.oYfv3Js0.dpuf>. Acesso em 12 out. 2018.

MESQUITA, J. **Literatura Boróra**. Disponível em: <http://www.jmesquita.brtdata.com.br/1938Literatura%20Borora.pdf>. Acesso em 02 nov. 2018.

PAZ, O. **O arco e a lira**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

QUEIROZ, P. R. C. **Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: divisionismo e “identidade”**. V. 1 - Universidade Federal da Grande Dourados. 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/wcezaretti/Pictures/fox/DIVISIONISMO%20EM%20MATO%20GROSSO%20DO%20SUL.pdf>. Acesso em 11 Nov. 2018.

RODRIGUES, J. B. **História de Mato Grosso do Sul e a trajetória marcada pelo pioneirismo**. São Paulo: Escritor São Paulo, 1985.

ROSA, M. G. S. NOGUEIRA, A. X. **A Literatura Sul-Mato-Grossense na Ótica de seus**

Construtores. Campo Grande: Fundação de Cultura, 2011.

SOUZA, R. **Dos cancioneros miscelâneos aos Liederbücher problemas de edição da lírica profana.** Disponível em: <http://books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lobo-9788523212308-41.pdf>. Acesso em 02 out. 2018

SOUZA, G. L. **História de Corumbá.** s/l, s/n, s/d.

VAZ, A. **Seicentas Léguas a Pé: A Campanha do Apa.** Rio de Janeiro: Bibliex, 1988.

VERÍSSIMO, J. **História da Literatura Brasileira.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Minha Livraria, 1998.

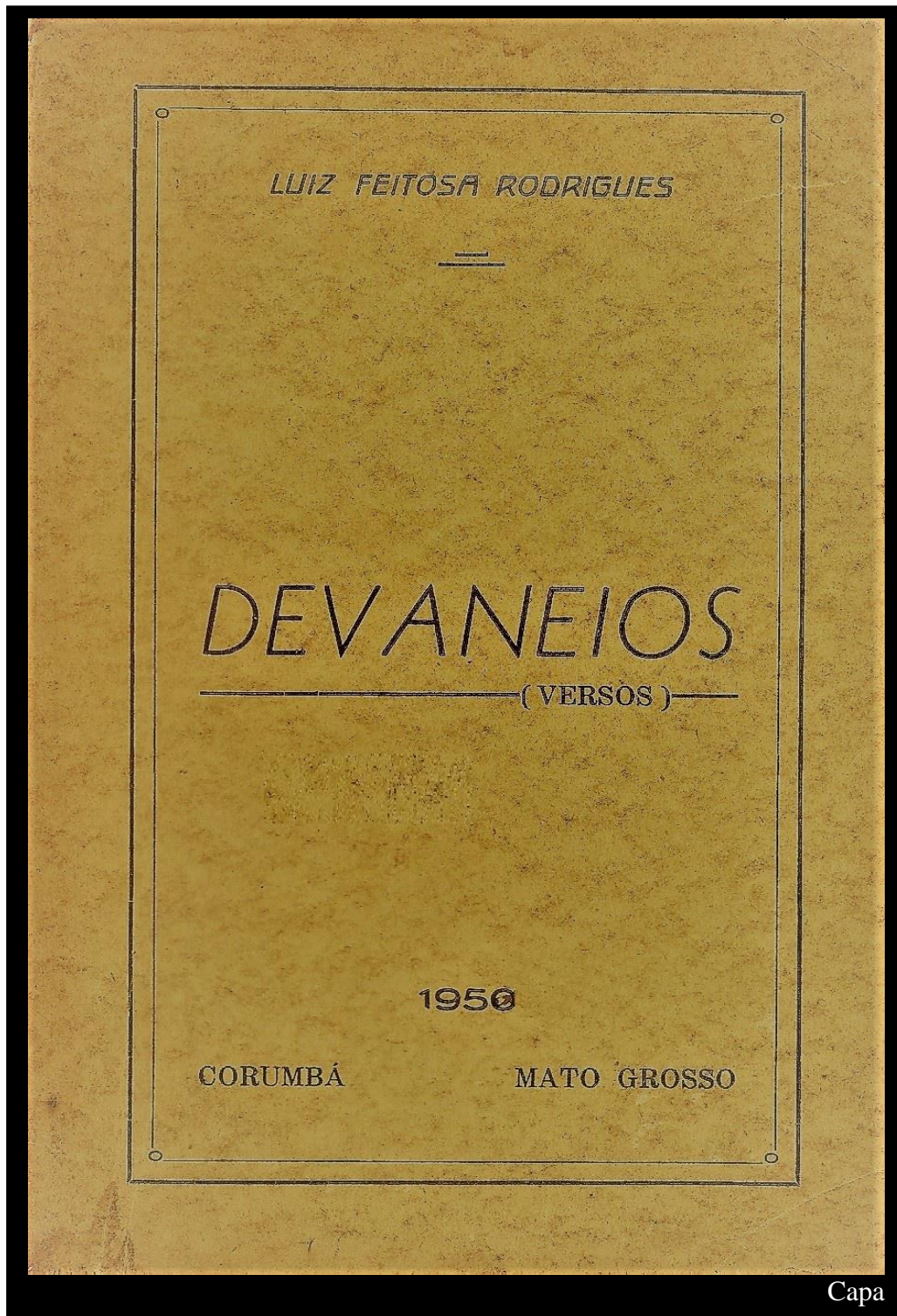


UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

ANEXOS

Devaneios obra do poeta Luiz Feitosa Rodrigues, (1950). Exemplar original composto no acervo literário da biblioteca do Instituto Luiz de Albuquerque em Corumbá, MS. Terra natal do autor.

Escaneado em 18 Abril de 2017 para análise e estudo desta dissertação.



Capa

Dedicatória

Aos meus pais,

Francisco José Rodrigues e
Joana Feitosa Rodrigues

e meus irmãos,

Leopoldina, Mario, Laura,
Anibal, Clorinda e João,

Tributo de amor filial e
amizade fraternal



Nas volutas do fumo

Da minha mente atribulada e lassa
Os cuidados do mundo todos varro,
Quando solto nos ares a fumaça
Perfumada e sutil do meu cigarro.

Alheio a tudo nessas horas mansas,
Alma liberta de cogitações,
Pastoreio o rebanho das lembranças
No campo largo das recordações.

Desfilam pela mente adormentada,
Qual se fôra em fantástico passeio,
Vultos que amei em era recuada,
Visões criadas pelo devaneio.

Uma surgiu e foi-se na distância,
Deixando-me uns acentos de saudade,
Espargindo das rosas a fragrância:
Era a visão da antiga Mocidade.

Outra assoma e desfaz-se incontinente,
 Diluída na luz da Fantasia,
 Amável, galhofeira, sorridente,
 É visão fugitiva da Alegria.

Outra imagem querida então formou-se,
 Em miragem talvez inoportuna
 E deu-me um adeusinho e apagou-se...
 Era a visão da pérfida Fortuna.

E esta lágrima que há muito estava presa
 E que desce dos olhos sem esbarro,
 Provocada não é, tenho certeza,
 Pelo fumo sutil dêste cigarro!...



Romantica

Volve teus olhos cá para a rua,
 Fecha esse livro, vem contemplar
 A vida intensa que nela estua,
 Ouve os ruidos que sobem no ar!

Que linda história te enleva tanto
 E te mergulha nesse cismar:
 Um conto alegre, cheio de encanto
 Que tuas ditas vem recordar?

Será o drama duma princeza
 Que radiante vai se casar?
 Ou peripécias da guerra acesa
 Que mil cidades veio arrazar?

Olha este joven: passa e repassa
 E não se cansa de admirar
 Teu rosto lindo, cheio de graça;
 É um poeta: vive a sonhar...

6

Enquanto engolfas nessa leitura,
 Eu me absorvo, calmo a fitar
 Por longas horas a formosura
 Do teu semblante de enfeitiçar.

Olhos que luzem com mais meiguice
 Que das estrelas o cintilar,
 Nunca eu provasse, nunca eu sentisse
 O casto enleio do vosso olhar!

A negra noite dos teus cabelos
 Volúpias langues vem me lembrar...
 E nessa noite, sem pesadelos,
 Deve ser doce vir repousar.

Lábios que esboçam meigo sorriso
 Onde a doçura veio morar,
 Desses encantos é que eu preciso
 Para minh'alma ressuscitar!

Fecha esse livro; vem para fóra!
 Vagos perfumes erram no ar...
 A brisa mansa já sopra agora,
 Na noite linda brilha o luar...

Quando ela passa

Quando ela passa
 Toda meiguice,
 Com faceirice,
 Rosa em botão,
 Sòmente ao vê-la,
 Porque palpitas,
 Porque te agitas
 Meu coração?

Seus olhos magos
 Que cintilando
 Espargem brando,
 Puro fulgor,
 Nas almas ternas
 Causam desmaios,
 Acendem raios
 De ardente amor.

Seu corpo esbelto
 De linhas puras
 Das esculturas
 Medievais,
 Provoca anseios,
 Produz martírios,
 Doces delírios
 Celestiais.

8

Sorrí. E o encanto
Do seu sorriso
É paraizo,
Sonho, ideal.
Só Gioconda
Na tela linda,
Possúe ainda
Sorriso igual.

Tantos encantos
Quem os resiste?
O bardo triste
Vendo-a surgir,
Se exalta, anima,
No peito sente
Um sol ardente
A refulgir.

Mas tu que exaltas
Sua beleza,
Vê que já és presa
Duma paixão!
Tu não és livre
E és vigiado!
Toma cuidado,
Meu coração!

9

Na Montanha

Todo azulado, lá no horizonte,
Entre outros montes, ergue-se um monte.

Domina os outros por sua altura,
Boçando as nuvens de neve pura.

Vendo a montanha, sempre altaneira,
Mais imponente da cordilheira,

Toda soberba, nessa distância,
Dá-me um desejo, vem-me uma ânsia

De vencer léguas, transpôr barrancos,
Ir escalando seus rudes flancos,

Até ao cimo chegar de assalto
E ver o mundo de lá do alto.

Manhã tranquila. Febo já banha
Dum ouro fluido toda a montanha.

Áspera fraga, valo medonho,
Ingreme trilho, tudo transponho.

Assim alcanço o pico da serra
E deslumbrado contemplo a terra.

A minha vista léguas domina,
Matas e campos, lago e colina.

10

Destas alturas são os senhores
Os arrojados, nobres condores.

Lá muito em baixo, vejo os humanos
Presos de dores e desenganos.

Sinto-me livre, perto dos céus,
Longe do mundo, perto de Deus.

Nestas paragens de claridade,
Só há sossêgo, tranquilidade.

Quando me vejo nestas alturas,
Tão satisfeito, sem amarguras,

Penso: as montanhas são infelizes,
Pois são tão altas mas teem raizes.

Como à montanha, cerca-me um nimbo,
Mas sou cativo de escuro limbo.

E não podendo ficar na altura,
Bem pesaroso vólto à planura.



Poeira

A Arthur Silva

A poeira é humilde, mas se move e luta
na edificação do todo universal.
Em milênios largos de febril labuta,
faz do imponderável a matéria bruta,
torna o perecível quasi que imortal.

Não a favorece a visibilidade;
Luzem basta apenas para se mostrar
que do sol um fio invade a escuridade
e na zona de ouro dessa claridade
move-se a poeira, trêfega a bailar.

Lá pelas etéreas solidões trevosas
Dança a poeira se juntando vai.
Erupa-se em enormes, alvas nebulosas,
A girar no espaço, lentas, vagarosas,
Turbulhões medonhos donde um mundo sai.

E também nas fundas regiões dos mares,
A poeira cresce sem cessar jamais,
Forma graciosas ilhas circulares,
Onde as procelarias veem descer dos ares,
Banços, arrecifes, restos de corais...

Quer as ilhas verdes, quer os sóis distantes,
Fontes refulgentes de calor e luz,
Com os seus planetas, mundos verdejantes,
Bosques e cidades, reinos triunfantes,
Em poeira leve tudo se reduz.

Homem que tẽ julgas semideus, vê como
Toda a natureza curva-se a teus pés...
D'árvore sagrada devoraste o pomo...
Mas o som tristonho do «memento homo»
Sõa-te aos ouvidos «quiam pulvis est»...

Sim, és pó, és barro, mas na tua argila
Um principio eterno vive a refulgir:
Um principio — a alma, chama que cintila
E nos véus da carne tímida se asila
Para depurar-se, para ao céu subir.

E a poeira, um sonho místico de drúida,
Muito tênue esvoaça em derredor de mim,
Numa dança alegre, viva, semi-flúida
E meu ser pensante cisma e se descuida
Vendo na poeira meu começo e fim.



A Minha Rua

Da minha rua atraente
A vista abrange e domina
Um panorama empolgante:
Chão estrangeiro ao poente;
Ao norte, vasta campina;
Aguas do rio ao levante.

Prédios de gente abastada
E casas de gente pobre
Se alinham na minha rua.
Com sua frente elevada,
Até palacio dum nobre
Nela tambem se sitúa.

Não há em toda a cidade
Rua mais bela e pacata
Do que esta rua bendita,
Tão cheia de claridade,
Onde um mortal se arrebatá
Com tanta moça bonita.

O Sol descamba e desmaia.
 Balança a brisa a folhagem.
 Suave luz. Tarde bela.
 As ondas brincam na praia.
 Por ver da gente a passagem
 Na rua, eu saio á janela.

O meu olhar se extasia
 E vaga pelas alturas,
 Vendo a pureza das linhas,
 A graça, o encanto, a magia,
 As joviais formosuras
 Das minhas lindas visinhas.

Os refulgentes tesouros
 Com que aquela admira
 Este tramonto sereno,
 São seus cabelos bem louros,
 O seu olhar de safira,
 Lembrando as virgens do Rheno.

Esta que surge radiosa,
 Duma beleza tão rara,
 De formas esculturais.
 Recorda a Venus famosa
 Que o gênio grego talhara
 Nos mármoreos imortais.

Outra que é flôr entreaberta,
 Dum roseiral as primicias,
 Á rua vem se mostrar.
 Ela desejos desperta,
 Faz-nos sonhar com delicias...
 Dá tentações de pecar.

Mas a rainha inconteste
 Da minha ua adorada,
 É outra linda morena.
 Toda de branco se veste.
 Como ela torna encantada
 A tarde meiga e serena!

Ó virgens cheias de encantos,
 Sois a poesia, os anelos
 Dos nossos são ideais...
 Sêde benditas por tantos
 Sonhos e versos tão belos
 Que á nossa mente inspirais!



Saudação

Fazes anos hoje e eu, muito influido,
Um presente lindo quero te enviar.
Pérolas? Brilhantes? Mas estou falido!
Entretanto tudo não está perdido:
Como faço versos, versos vou te dar.

Esta vida intensa que eu estou vivendo
Não me deixa tempo para galanteios.
Tenho que pensar no quanto estou devendo,
Na saúde boa que já vou perdendo,
De saldar as contas devo achar os meios.

Devo defender-me com desenvoltura
Das trapaças graves dum opositor,
Tipo ambicioso, feia catadura,
Que afastar-me busca da candidatura
Para deputado ou para senador.

Tenho que cuidar do pão de cada dia
Que hoje custa tanto como os adereços;
Conseguir luz, carne, chopp e moradia;
Crédito obter nalguma padaria;
Tabelas pedir á Comissão de Preços.

Apezar de estar com múltiplos problemas
E cada qual deles mais extraordinário,
Que eu te esqueça um dia, um dia só
[não temas!
Vê que te dedico todos meus poemas,
Vê que não esqueço o teu aniversário!

E passando as horas firme, ali na esquina,
Tendo no teu rosto men olhar fiel,
Vendo-te de longe, cândida e divina,
Como um sertanejo olhando uma vitrina,
Como um cão faminto em frente dum hotel.

Estou hoje alegre, digo sem malícia,
Mais que um serviçal que recebeu seis mezes
De ordenado ganhos. Tal minha delícia
Festejando tua data natalícia
Que desejo vejas mais oitenta vezes!

Eis o meu presente bem vazio e ôco.
Mas se não gostares desta versalhada,
Rasga-a sem remorso porque perdes pouco!
Rasga! Mas não zombes deste pobre louco
Que te adora e sofre... e não te pede nada!

Clarínada

Escuta: vem da terra bandeirante
Ruidosa clarínada, ó meu irmão!
Esse toque estridente, triunfante,
Diz a todos espíritas: - Avante!
Pela voz d' "O CLARIM" lá de Matão!

Vibrando sem cessar, festivamente,
Por anos trinta e seis vem " O CLARIM",
Falando ao coração da nossa gente,
Lançando aqui e ali boa semente
Que dá frutos por séculos sem fim.

Á frente da falange gloriosa
Que sustenta e dirige esse jornal
E faz vibrar a tuba clangorosa,
Estão vultos de frente luminosa
Encorajando a marcha triunfal.

Vexilarío da impávida cruzada
Que ás eternas moradas nos condúz,
Vem Cairbar mostrando desfraldada
A bandeira que traz em si gravada
A eígie sublime de Jesus.

Kardec vem com glória e magestade.
Bezerra de Menezes vem também.
Pentecostes de amor e claridade
Reproduz com intensa suavidade
Tal como o que assistiu Jerusalem.

E tu não ouves que "O CLARIM" te chama?
És surdo ao seu canglor, ó meu irmão?
Despreza o perecível ouro e fama
E atende á voz de Cristo que proclama
A lei da Caridade e do Perdão!

Ouve "O CLARIM" que em cantos anuncia
Aos póvos do planeta, aos filhos seus
A alvorada de luz do grande dia
Do reinado da Paz e da Harmonia,
As almas elevando para Deus.

Ouve " O CLARIM", a fonte da ventura
De linfas cristalinas, perenais.
Quem beber de tal agua fresca e pura,
Como a Samaritana da escritura,
Nunca mais terá sêde, nunca mais!

1941

20

Jasmineiros

É fagueiro vagar nas noites claras
 Pelas ruas floridas dos jardins,
 Recolhendo das místicas searas
 O trigo das lembranças, as mais caras,
 Envolto no perfume dos jasmíns.

Um mundo de poesias a noite encerra.
 A luz da lua tem da opala o alvor.
 Doce harmonia no ambiente erra.
 O luar desce em cheio sobre a terra,
 Banhando o jasmineiro todo em flôr.

E o velho jasmineiro em moita enorme,
 Todo estrelado de florinhas mil,
 Embalado por brisas, manso dorme
 E sonha um sonho etéreo, sonho informe,
 De fragância nostálgica, sutil.

Teu perfume me evóca os dias belos,
 Perdidos do passado nos confins,
 Meus amores, meus sonhos, meus anelos,
 Quando erguia na mente mil castelos,
 Alvos e olentes, cândidos jasmíns!

*Soneto*

Vem, querida, vem ver o grande Estado
 Do peito meu e sua geografia:
 Aqui, o mar da Dúvida, agitado;
 Ali, repousa o lago da Agonia.

As montanhas que vês dest'outro lado,
 São os montes da Dôr que me crucia;
 O vulcão das Paixões está apagado
 Na ilha do Abandono tão sombria.

No bosque dos Segredos, bem tristonho,
 No solar em ruína do meu Sonho,
 Revôam da Saudade as pombas mansas...

Ah, meu bem, meu tesouro de ternura,
 Vem plantar neste reino de Amargura
 A mais rasteira flôr das Esperanças!



Recordações

Longe passei minha infância;
 Foi numa bela casinha
 Duma floresta visinha,
 Risonha, cheia de luz.
 Era um lugar magnífico
 Com lagos, rios e fontes,
 Colinas, campos e montes
 Lá nos confins, muito azuis.

Éra-me a vida tão plácida,
 Com tanta felicidade,
 Que n'alma doi-me a saudade
 Vindo essa quadra evocar.
 Ó, alvoradas edenicas
 Cheias de cantos das aves!
 Tarde de estio, suaves!
 Noite de branco luar!

Ai! esses tempos mudaram-se!
 Crescendo, tornei-me errante;
 Agora, num céu distante,
 Passo trabalhos sem fim!
 Das maguas chegando o império
 Com todas suas torturas,
 Os males, as desventuras
 Tomaram conta de mim.

Hoje, minh'alma decrépita,
 Desiludida, cansada,
 Relembra a quadra passada
 Entre as montanhas azuis...
 Ah, se eu voltasse ao pretérito,
 À minha humilde casinha
 Duma floresta vizinha,
 Risonha, cheia de luz!

Súplica

Se fôres, como penso, uma cristã,
 - Alma feita de luz e de bondade, -
 Tu debes praticar a caridade,
 Ter graças como a estrela da manhã;

Dos entes infelizes ter piedade,
 Tratar qualquer mendiga como irmã;
 Com a tua palavra meiga e sã
 Consolar quem viver na soledade.

E a mim que percorri longos caminhos,
 Que transpuz, peregrino, vastos mares,
 Errante e insatisfeito viajor,

Deves dar-me uma esmola de carinhos,
 Ungir-me com a luz dos teus olhares,
 Matar-me a sêde ardente deste amor!

Noite de São João

Noite ditosa, noite formosa!
 Nasceu João!
 Brilham estrelas no céu profundo
 Suavidade mandando ao mundo
 Na paz bendita do seu clarão.

Quanta alegria na noite fria!
 Nasceu João!
 Salve, Batista, santo almejado!
 Teu nascimento tem alegrado
 Sedentos d'água do teu Jordão!

Gemam os ventos frios lamentos,
 Nasceu João!
 Luzes cintilam, ardem fogueiras,
 Músicas vibram, troam roqueiras,
 Há risos, festa, pela amplidão.

Ó bem amada, terna, adorada:
 Nasceu João!
 Á meia noite, com todo o frio,
 Acompanhemos o santo ao rio,
 Tendo um braseiro no coração!

Simbolismo

Verde roseira no pátio antigo
 Das ruínas de heril solar
 Esparge pétalas no chão amigo
 E de perfumes satura o ar.

Essa ruína que a planta cobre
 Sob a clemência do azul dos céus
 Reflete o estado dest'alma pobre
 E são as rosas os sonhos meus.



26

O Castelo Abandonado

(IMITAÇÃO)

Em plagas bem remotas, bem distantes,
Um castelo severo, magestoso,
As torres alterosas, cintilantes,
Soergue para o azul, misterioso,
Em plagas bem remotas, bem distantes.

É um castelo antigo, abandonado
No meio da floresta impenetrável;
Por genios invisíveis encantado,
Em solidão profunda, inigualável...
É um castelo antigo, abandonado...

Entre linhos da mais nitente alvura,
No solar do silêncio e do abandono,
Bem jovem, de celeste formosura,
Uma princesa dorme infundo sono,
Entre linhos da mais nitente alvura.

27

Dorme, princesa. Dorme sossegada,
Na solidão do mágico solar!
Que um ciclo da brisa perfumada
Não te venha do sono despertar!
Dorme, princesa. Dorme sossegada!

Como nesse castelo adormecido,
Em minh'alma uma virgem também dorme
Num sono, de tão longo, já esquecido,
Ha não sei quantos anos, tempo enorme!
Como nesse castelo adormecido...

Vai tu, ó minha Dôr, a esse castelo
E afaga com meiguice essa criança.
Desperta-a do seu sono que é tão belo!
Desperta a minha noiva: é a Esperança!
Vai tu, ó minha Dôr, a esse castelo!

13 DE JUNHO

Do valor do brasileiro
dá-nos alto testemunho
este dia alviçareiro
- o dia 13 de Junho.
Ele nos traz á memoria
o feito que em nossa historia
em ouro gravado está.
Ele relembra a cruzada,
o prélio da retomada
da formosa Corumbá.

Exaltar o heroismo
dos nossos antepassados
é cultivar o civismo
com gestos alevantados.
Por isso que neste dia
se expande nossa alegria
com acento triunfal
e em festiva alacridade
sóbe ao ar com magestade
o pavilhão nacional.

Neste dia glorioso
Mais ternas cantam as aves,
mostra-se o céu mais formoso,
sopram brisas mais suaves.
A cidade se engalana,
o povo todo se ufana
aos seus herois recordar:
Cunha e Cruz, Manoel de Pinho,
Deschamps, Craveiro, Coutinho,
nomes de se venerar.

Salve, cidade risonha,
Corumbá nobre e louçã!
Findou-se a noite medonha,
raiou formosa manhã!
Gloria aos soldados valentes
que com esforços ingentes
e com ânimo viril
se tornaram legendarios
e foram os operarios
da grandeza do Brasil!



Rui Barbosa

Verbo de luz imensa, esplendorosa,
de luta e de combate á Opressão,
que em Haia traça esteira luminosa,
com majestade e força de um vulcão;

que a uma altura ascendeu vertiginosa
nas campanhas virís da Abolição;
esse verbo chamou-se Rui Barbosa,
do Direito cultor e campeão.

Ao apóstolo mór da Liberdade
que teve o mundo inteiro por proscenio
e transpôs, inda e vinda, o humbral da historia.

Glória ! brada festiva a mocidade.
Glória ao Mestre imortal ! Honras ao Genio !
E o povo do Brasil repete: Glória !



Referencias sobre "Inspirações"

LIVROS NOVOS - «INSPIRAÇÕES»
LUIZ FEITOSA RODRIGUES

O Sr. Luiz Feitosa Rodrigues revela-se poeta de sensibilidade com o seu livro de estréa «Inspirações».

Nestes tempos em que até as musas estão propensas a materializar-se; em que só se ouve, pelos quadrantes da terra desolada, o éco barbaro das competições afanosas, metalizantes; em que o coração da humanidade prevê o fim, sem remedio, das atividades mais caras, fazem bem a aridez acerba e desertica da alma, de quando em vez, inspirações primaverais de sentimentalidades reconfortantes, como as que nos ofertou o Sr. Feitosa Rodrigues, á guiza de oasis providencial para nosso «eu» sedento das estesias dos sentidos, das belezas das rimas, das emoções da fórmula, dos escaços da cadencia.

«Inspirações» é todo um repositório balsamico de harmonias rimadas, bem divididas, predominando as poesias impregnadas de um espirito bucólico, bem afetivo. E de se destacar «Domingo», «Vitalina», «Canção», «A Corumbá», «De longe». Salientando, po-

rem, as que mais satisfizeram os nossos sentidos, é de justiça se reconheça que o livro agrada plenamente, consagrando definitivamente o joven poeta matogrossense.

Porque, o Sr. Feitosa Rodrigues, que não fôrça o éstro, antes é exuberante de espontaneidade, começou por onde muitos poetas de fina sensibilidade acabaram: triunfando.

A. C.

(Da FOLHA DA MANHÃ de São Paulo n. 3.661,
de 27 de Fevereiro de 1936.

Inspirações

Versos de LUIZ FEITOSA RODRIGUES
(Tipografia Paulista)

Toda vez que vejo um grupo de crianças em ciranda, imagino que os poetas todos que proliferam pelo Brasil a dentro, de mãos dadas, talvez formassem um grande círculo, no centro do qual o próprio país coubesse inteirinho. Até eu faria parte da imensa cadeia; eu que deixei o colégio aos 14 anos, escrevendo cerveja com S... Até eu sou poeta! A culpa, em parte, póde ser atribuída ao proprio governo, que tem sido de uma galanteria a todo transe para com os ignorantes do meu quilate, decretando sobre gramática e permitindo grafar-se a língua pátria por métodos diversos, o que vale dizer, — sem método.

De modo que, somos um país onde os poetas se contam aos milhares. Para cem destes vertiginosos fazedores de versos, há, felizmente, um, capaz de ser tido em conta de verdadeiro poeta.

x x x

Era de inteira justiça que a Corumbá, à Cidade Poesia, coubesse a gloria de dar ao Brasil um desses raros poetas de verdade. E deu. Deu Luiz Feitosa Rodrigues que vem de publicar «Inspirações», — um livro de versos que refletindo a subtileza, o alto gráo de emotividade do autor, em versos lapidares, cheios de poesia pura, espontanea, lírica, imaginosa, afetiva, sonhadora e perfeita, — por isso mesmo o distancia dos borra-botas, dos intrujões e dos iconoclastas da grande arte de Erato, — os monstros marinéticos que teem a coragem de chamar de versos a infamias deste tamanho:

«Segunda-feira,
Terça-feira,
Quarta-feira,
Quinta-feira,
Sexta-feira,
— Sábado!
Que pena!
não tem
feira !...»

É que nas primeiras décadas do nosso século, as artes em geral, sofreram um verdadeiro martírio. O «cubismo» fez tudo pa-

ra estrangular a estatuaría; a «desorquestração» tentou por todos os meios e modos abafar a harmonia; arroubos de «sintetismo» pintaram o diabo com a pintura; e a poesia, coitada, cahiu no mercado do pedantismo, para irritar o sistema nervoso dos passadistas que ainda são os «homens de bem» da literatura. Irrital-os, sim, com cretinices como esta:

«Si você quizer o velocino de ouro...
 Si você quizer uma estrela...
 Si você quizer uma perola do fundo do mar...
 Si você quizer a lâmpada de Aladino...
 Si você quizer a varinha de condão...
 Si você quizer a Lua...
 Si você quizer a bota de sete léguas...
 Si você quizer o anel mágico...
 Si você quizer todos os tesouros da terra...
 Si você quizer a fórmula da Felicidade...
 Si você quizer ir habitar o Paraizo...
 eu não poderei casar-me com você...»

x x x

Luiz Feitosa Rodrigues enriquece a bibliografia nacional com um livro ótimo. «Inspirações» foi impresso na Tipografia Paulista, da capital bandeirante.

Tive a impressão de apertar as mãos do poeta, ao receber o seu livro. A capa lembra bem os ternos de brim do autor.

Eu diria mesmo que a capa do livro de Luiz Feitosa tem a côr da sua simplicidade, a côr da sua modestia inamovível.

Sem qualquer esforço de imaginação, pôde-se afirmar que o livro é uma imagem do autor.

Pois não é verdade que a simples indumentaria de Luiz Feitosa agazalha um coração de ouro, um'alma privilegiada, — um relicario de sentimentos os mais lindos e afetivos?

Para vestir uma organização de homem assim, nem os veludos, nem os panos de Arras, nem as sedas como aquela do vestido que o poeta canta!

Sintamos todos o que vai nas páginas do seu livro, sem atendermos à despretenhiosa feitura da sua capa cinzenta, em cartolina barata: — versos humaníssimos, versos naturais, cantantes, sugestivos, delicados, perfeitamente medidos, magistralmente rimados, — numa sequencia deliciosa de motivos que levam a gente de CANTARES a HIBERNAL, — de um fôlego quasi, — como num passeio relâmpago, às regiões do Sonho.

Há um estado d'alma perfeitamente definido em todos os versos de Luiz Feitosa e que eu diria, uma predisposição constante para a Bondade:

VITALINA

«E tendo um certo ar de misticismo
 Que esparge salutar magnetismo,
 Atração que cativa, que seduz,
 Faz lembrar as perfeitas formosuras
 Das virgens das sagradas escrituras
 Ou de Santa Tereza de Jesus.»

DOMINGO

«Como são alegres, como são festivos
Os domingos claros de gentís manhãs!
Nasce o sol brilhante com seus raios vivos,
Pássaros em bandos cantam mais altivos,
Riem as boninas puras e louças!

Em O TEU VESTIDO DE SEDA, Luiz Feitosa espelha a delicadeza da sua organização sentimental. E o vestido de que fala o poeta chega-nos aos olhos, basta-nos, melhor, a contemplação, que em qualquer figurino:

O TEU VESTIDO DE SEDA

Teu corpo leve e franzino
Se evola na noite lêda,
Dentro do azul peregrino,
Azul celeste, divino,
Do teu vestido de sêda.

Vou ter insano trabalho,
Fica-te assim muda e queda,
Toma em meu braço agasalho.
Quero salvar-te. Estraçalho
O teu vestido de sêda.

x x x

Estão de parabens as letras matogrossenses.

— O livro de Luiz Feitosa Rodrigues é uma honra para os nossos fóros de arte e cultura.

E Corumbá terá suas razões para se orgulhar de mais alguma cousa.

É o berço do grande poeta.

PEDRO DE MEDEIROS

(Da «TRIBUNA» n. 2.416, de
24 de Março de 1936, de Corumbá)

Livros de minha Estante

(por JOSÉ de MESQUITA)

XV

O ambiente do Brasil e do mundo inteiro anda tão carregado, que não permite quasi tranquilas cogitações sobre cousas de arte e de pensamento. Ainda assim, o brasileiro continua a poetar. Tenho aqui sobre a minha mesa dez livros, que me foram ofertados por seus autores, todos eles de poesia. Falarei hoje, perfuntoriamente, acerca de cinco deles — outra metade, aliás toda de uma só lavra, do poeta Brito Machado, constituirá materia para o próximo folhetim desta série.

x x x

Comecemos pela «prata de casa».— **INSPIRAÇÕES**, de Luiz Feitosa Rodrigues. É um livrinho de cem páginas, contendo vinte e sete composições poeticas. Pequeno frasco, mas de essência variada, Lirismo - **VITALINA**, **O TEU VESTIDO DE SEDA** e **A BELA ADORMECIDA**; pantheismo - **PLENILUNIO** e **ARVORE MORTA**; civismo - **A CORUMBÁ**, se casam harmoniosamente, neste libretto. A nota elegiaca do **HIBERNAL** e do **SÓ** como bem se ajusta ao leve humorismo do **JERICÓ** e do **PAPAI NOEL**! Feitosa consegue em plena era de rádio e do jázz, um mi-
nagre: ainda nos faz lêr verso de cadencia

junqueiraiana, e da filosofia a Antonio Nobre - como DOMINGO e INSONIA - Ora só isso já é, positivamente, uma recomendação para o seu estro, que é, no fundo, mais do que tudo, romantico, ou melhor, lírico ou subjetivista. Um dos melhores trabalhos da série é aquele soneto, que ficou sem nome, que é simplesmente SONETO. Ele canta o azul,

"... côr do ceu infindo,

Das aguas das baías socegadas,

Das montanhas longinhas, recuadas,

Das boninas que vem ao sol se abrindo..."

E, no fim, - a nota pessoal, a que não se furtam os românticos - confessa que ama o azul porque,

"... recorda as tardes quietas

Que em êxtase passei, feliz, sonhando,

Sob a luz muito azul duns meigos olhos."

Atiro-lhe a primeira pedra quem não foi lírico um dia.

D' A CRUZ, de CUIABÁ
de 8 de Junho de 1937

No Mundo das Letras

A propósito do livro de poesias ultimamente publicado pelo nosso ilustre confrade Prof. Luiz Feitosa Rodrigues, o brilhante intelectual paraguaio Dr. Alonso Quintana, Consul da República amiga e vizinha, enviou-nos as seguintes linhas:

Corumbá, 17 de Marzo de 1936.

Señor D. Luiz Feitosa Rodrigues
Presente. Apreciado amigo y poeta:
Con marcado placer he recebido

su libro de versos INSPIRAÇÕES con su amable y gentil dedicatoria autográfica. Que hondo placer espiritual me ha proporcionado ese azul manojo de hermosas cuanto vibrantes poesias.

Este dia se ha llenado mi corazón de un effluvio cálido, perfumado y reconfortante. Puedo imaginar, hablando em metáfora, que huíme de la prosa de la vida, para internar-me algunas horas en el Parnaso, bebiendo las aguas cristalinas de la divina fuente Castalia, en medio de la suave caricia de una musica inspirada en Helicón.

Agradézcole, amigo Feitosa Rodrigues, este bien para mi espirito, que no escapa, porque no puede ser excepcion de los sinsabores de la vida material, donde abundam los mesquinos y los falsos...

Vd. es un lírico de múltiplos facetas, sentimental, con la alegria de las auras y la tristeza de los entardeceres, profundamente filosófico y mas profundamente sensitivo. La noche que le escribo esta breve carta, golpea la tenue llovizna que envuelve de melancolia las cosas en los dias invernales, por eso que gocé en lo íntimo del ánimo sus evocativos endecasílabos intitulados HIBERNAL y más para compartir con el numen cuncto del autor la pena del padre muerto y la madre auzente, que le tornara la vida cruel: sólo, desamparado, contra todo y contra todos!

Amigo poeta! Hágole llegar mis efusivas felicitaciones por el racimo celeste



de su cosecha, Adelante! que la poesia es la vida para los que sabem comprenderla en sus bondades al elevarnos sobre el ras del suelo, para regalarnos la ventura de la contemplación de lo Bello en el conjunto de sus perfecciones.

Suyo afectissimo

Antonio Alonso Quintana
Consul del Paraguai

(Publicada em O MUNICIPIO, de Corumbá,
de 18 de Março de 1936)

Uma Carta

Cuiabá, 21 de Abril de 1936.
Exmo. Sr. Luiz Feitosa Rodrigues
SÃO PAULO.

Caro amigo.

Recebi há pouco, vindo em uma mesma lancha e, quiçá, juntos em uma mesma bolsa, dois livros de mim: "A Sacudidela Social e Religiosa" de Tarcilla Henriques, oferecido por um amigo meu atualmente residindo ai nessa Manchester brasileira, e o seu sublime "Inspirações" que já o li e reli encontrando nele, cada vez que assim o faço, mais pronunciado sabôr desse dulcissimo fruto do seu alevantado espírito, servido por possante inteligencia.

Confrontando os dois trabalhos, tive mais uma vez a prova do quanto vale uma educação cuidadosa, quanto de valor tem os singelos ensinamentos cristãos que as boas mães lançam nos corações em flôr dos seus filhinhos no albôr de suas existências.

Dois livros que viajaram juntos e que quando fechados se parecem irmãos: ambos brochados, escritos com a mesma tinta, em papel semelhante, com a diferença apenas - um todo prosa e escrito por uma mulher, outro todo poesias e escrito por um homem.

Recebendo-os, coloquei-os juntos na mesma estante, aguardando, impaciente, os momentos de folga do trabalho, para apre-entá-los.

Abri-ndo-os, assim, alternativamente, um e outro, ansioso por conhecer-lhes o âmago, vi logo ás primeiras páginas, que não mais podia conserva-los juntos, unidos no mesmo lugar.

São livros que germinaram em berço diferente, se nutriram com alimentos diferentes e diferente alvo visam.

Um escrito por uma mulher verdadeiramente miseravel, por que perdeu toda a sua riqueza - o pudôr; outro escrito por um homem riquissimo de ideais e cujo pensamento para nas alturas em que habitam os anjos.

Um tem páginas que exalam o cheiro

42

característico das cloacas; outro tem-n'as que rescendem o perfume embriagante das rosas embaladas pela viração fresca da manhã.

Como conserva-los por mais tempo junto?

Cada um (usando de uma expressão bíblica) foi para o seu proprio logar.

O seu livro, amigo Feitosa, retrata a sua individualidade sadia, o seu carater forjado na bigorna da fé cristã.

Os seus versos põe a descoberto o seu coração, o seu cérebro, a sua alma, o seu espirito, tudo saturado do Evangelho.

E eu lhe dou os meus parabens pela publicação desse seu trabalho que ha de levar a muitos outros carações a mesma satisfação que trouxe ao meu.

Qual dos seus versos o mais bonito?... Está aqui uma grande dificuldade a resolver.

Será o suave, o delicado, o emocionante "CANTARES" com que abro o livro?

Será o imaginoso INSÔNIA, já muito meu conhecido?

Será o tocante ARVORE MORTA?

Será o NOTURNO, 'a SÚPLICA, o CORUMBÁ, o LARANJEIRAS ou a classificação que faz a VITALINA?

Todos são bonitos.

Foram todos imaginados por um mesmo cérebro, movimentados por um mesmo

43

coração, escritos por u'a mão mesma, todos sublimados do mesmo ideal.

Portanto todos bons.

Fazendo votos para que continue a trabalhar produzindo sempre obras do padrão de INSPIRAÇÕES para opôr resistência a essas obras más que abundam na atualidade a que matam, ao nascer, no coração da juventude, a inspiração dos altos ideais da humanidade,

subscrevo-me, agradecido.
Seu amigo e admirador

José Nonato de Faria



BIBLIOGRAFIA

Luiz Feitosa Rodrigues - INSPIRAÇÕES

Ulysses Cuiabano

Luiz Feitosa Rodrigues, o delicado bardo corumbaense, acaba de enriquecer as belas letras de Mato-Grosso com a publicação de mais um belo livro de versos, ao qual chamou de «Inspirações».

Este nome foi com felicidade escolhido, pois os vinte e sete poematos enfeixado no mimoso volume são caracteristicamente formados de inspirados versos, de um sabor lírico admirável, esculpidos ao rigor da escola parnasiana, que preconizara a perfeição do metro e a justeza da rima.

Não tendo sofrido a menor influencia do futurismo, mas conservando a pureza da forma cimentada pela correção da vernaculidade, as suaves estrofes das «Inspirações» cantam docemente em nossa alma, como a expressão singela da poesia genuinamente brasileira, vasado ao molde delineado por Bilac e Alberto de Oliveira.

A influencia do meio não deixou, contudo, de atuar sobre a feição regional dos versos de Luiz Feitosa, que, estonteado pela grandeza do senario pátrio e pelas des-

medidas proporções do ambiente, alargou seu pensamento pelos vastos quadrantes da terra bruta, abrangendo com o inspirado olhar, painéis de uma extensão surpreendente.

Assim, são magistralmente descritas as maravilhosas paisagens corumbaenses e «Contemplação», «A Corumbá» e «Plenilúnia».

A modalidade predominante, porém, nos versos do cantor dos «Prelúdios» é essa melancólica predisposição para ternura, para uma tristeza vaga e indefinida, que trança parece em seus cantares, num misto de amor e de saudade:

“Um amor sem esperança,
Sem promessa ou recompensa,
Tal o meu.
Amor que nunca se cansa,
Que em meu peito chama intencional
Reviveu.”
(Penas”)

Ou então:

“ De saudades, meu anjo, consumida,
Dia e noite, consola-me a lembrança
De ver-me muito breve a ti unido,
Ó lembrança feliz! Doce esperança!
(Doce Esperança”)

A poesia de Feitosa é simples e espontânea, cheia de imagens coloridas e per-

46

samentos bons; não contem esses venenos sutís que se evolum de idéias reacionarias nem as emanações deleterias e corrosivas do extremismo. Falando ao vento, o poeta diz:

“Ó invisível cavaleiro andante
Que vens de longe, num galope audaz,
No céu aberto, em viajar constante,
Vem povoar meu pensamento errante.
Só de sossego, quietude e paz.”

Foi com esse punhado de poemas harmoniosos, lindas flores colhidas no encantado jardim das suas «Inspirações», que o vate corumbaense acaba de brindar a literatura regional da nossa terra, que muito espera ainda da pena fulgurante de Luiz Feitosa Rodrigues.

(Da Revista da Academia Mato-grossense de Letras, de 1937)

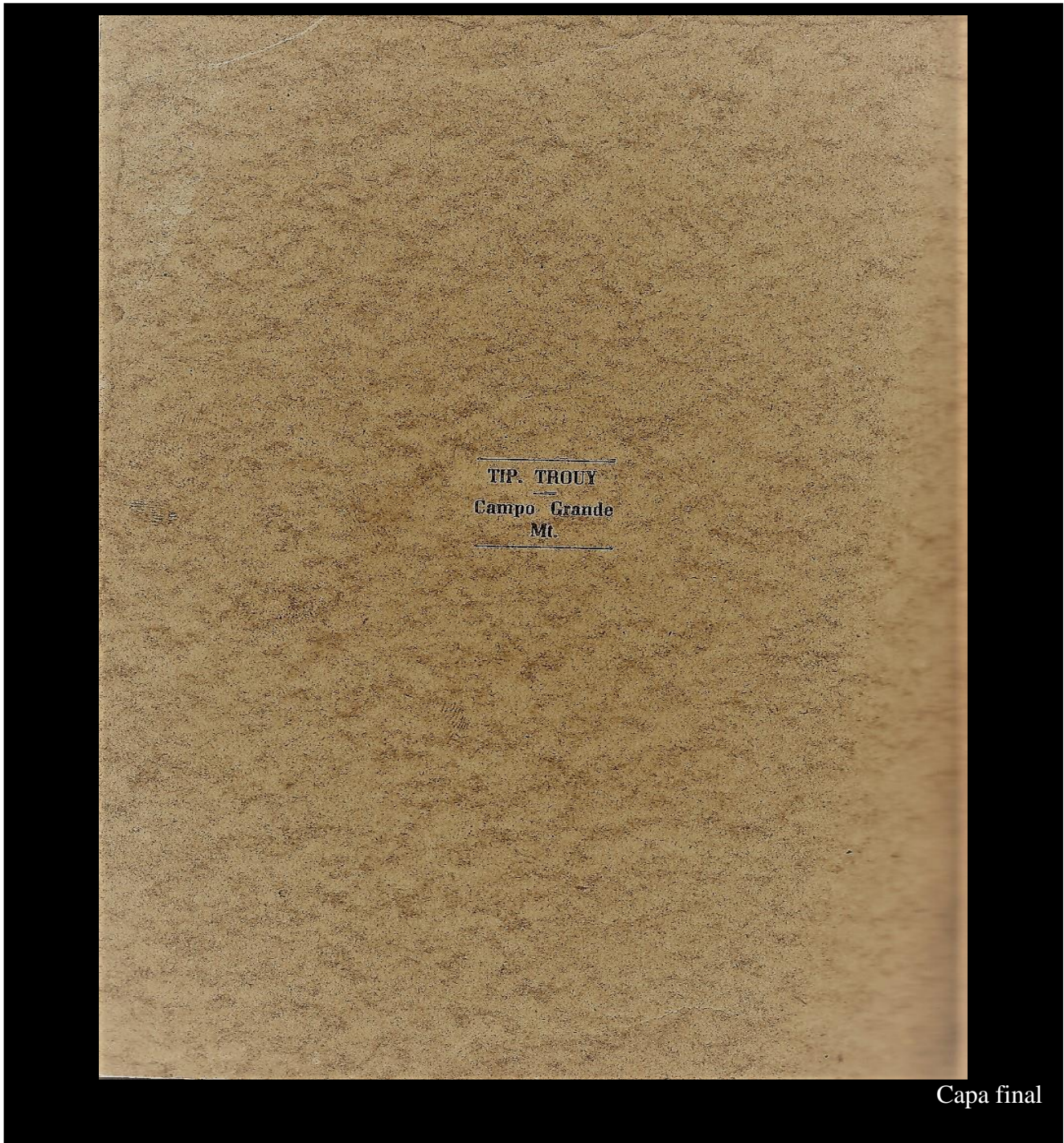
F I M

INDICE

DEVANEIOS	pag.
Nas volutas do fumo	3
Romântica	5
Quando ela passa	7
Na montanha	9
Poeira	11
A minha rua	13
Saudação	16
Clarínada	18
Jasmineiros	20
Soneto	21
Recordações	22
Súplica	23
Noite de S. João	24
Simbolismo	25
O castelo abandonado	26
11 de Junho	28
Rui Barbosa	30

Referência Sobre «INSPIRAÇÕES»

Nota de Américo Calabrese na «Folha da Manhã» de São Paulo	31
Artigo de Pedro Medeiros na «Tribuna» de Corumbá	32
Artigo do Dr. José de Mesquita em «A Cruz» de Cuiabá	37
Carta do Dr. A. A. Quintana, publicada na «Tribuna» de Corumbá	38
Carta do eminente intelectual José Nonato de Faria, de Cuiabá	40
Nota do acadêmico Ulysses Cuiabano, na Revista da Academia Matogrossense de Letras de 1937	44



Capa final